

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

DRIÉLY OLLER OYAMA

**O uso de artigo nos DPs possessivos:  
testemunho linguístico dos séculos  
XX e XXI**

Versão corrigida

São Paulo  
2018

DRIÉLY OLLER OYAMA

O uso de artigo nos DPs possessivos: testemunho linguístico dos séculos XX e XXI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Oyama, Driély Oller

O uso de artigo nos DPs possessivos: testemunho linguístico dos séculos XX e XXI / Driély Oller Oyama ; orientador Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais. - São Paulo, 2018.

131 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Português paulista. 2. Variação e mudança. 3. Pronomes possessivos. 4. Artigo definido e pronome possessivo. I. Torres Morais, Maria Aparecida Correa Ribeiro , orient. II. Título.

OYAMA, D. O. **O uso de artigo nos DPs possessivos: testemunho linguístico dos séculos XX e XXI.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

**BANCA EXAMINADORA**

**Membros titulares**

---

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais (DLCV – USP)

---

Profa. Dra. Maria Clara Paixão (USP)

---

Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (UNICAMP)

---

Profa. Dra. Ana Regina Vaz Calindro (UERJ)

**Membros suplentes**

---

Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi (UFU)

---

Profa. Dra. Rosane de Sá Amado (USP)

---

Profa. Dra. Valéria Gil Condé (USP)

À Sônia e Paulo,  
que tanto me apoiaram nesta jornada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas infinitas graças alcançadas no período de realização desta pesquisa.

Aos meus pais, Paulo e Sônia, e meu irmão, Yan, por todo apoio e incentivo nesta caminhada. Ao meu avô José, pela ingênua alegria que transborda em minha vida. À Arlete (in memoriam), que, com suas fantásticas histórias, sempre me aconselhou a seguir o caminho da educação. À memória de Virginia, que partiu durante a realização desta pesquisa, ela, que teve que aprender a ler escondida de seu pai e, com essa história, sempre me inspirou tanto. Ao Leonardo, parceiro paciente e dedicado que tive a graça de conhecer, foi responsável por deixar esse caminho mais leve.

A minha querida orientadora, sempre muito paciente e disposta a me ensinar o caminho da pesquisa científica desde os meus primeiros passos, ocupando-se com toda dedicação de cada detalhe desta pesquisa, abrindo mão muitas vezes de momentos com seu netinho amado. Serei eternamente grata por todo ensinamento e amizade que me foi dedicada. Obrigada por ter acreditado em mim.

Agradeço às professoras Márcia Santos Duarte de Oliveira e Maria Clara Paixão que fizeram importantes contribuições durante a qualificação.

Da mesma forma, meus agradecimentos às professoras que atuaram como titulares: Maria Clara Paixão de Sousa, Ana Regina Vaz Calindro e Ruth Lopes. Suas importantes sugestões contribuíram para sanar lacunas e incorreções que foram sanadas nesta versão corrigida.

Agradeço às professoras Valéria Gil Condé e Simone Floripi Azevedo, por aceitarem compor a minha banca de defesa de mestrado, como suplentes. Em particular, à professora Simone Azevedo Floripi devo agradecer por ter sido inspiradora do tema escolhido para esta pesquisa.

Às professoras Rosane de Sá Amado, Valéria Gil Condé, e Esmeralda Vailati Negrão, agradeço pelas disciplinas oferecidas, dentro dos Programas de Pós-Graduação do DLCV e DL. O conteúdo de suas disciplinas em muito contribuíram para as minhas reflexões a respeito do fenômeno investigado.

A Wendel Santos que me ajudou a desvendar os caminhos da Sociolinguística, olhando cuidadosamente para os meus dados. Serei para sempre grata por toda ajuda e pela honra da amizade.

A minhas tias, Sandra, Célia e Silvana, e meus primos, Nicolas, Josué, Eduarda e Gabriela, por todo apoio nos momentos difíceis que nossa família vivenciou nos últimos anos e por compreenderem meus momentos ausentes nos encontros de família.

Aos meus amigos, Mariana, Jaqueline, Bruna, Jeíce, Barbara, Matheus e Rafael que acompanharam toda essa etapa, sempre torcendo por mim. Em especial a Danilo Leonardi e Cesar Sinicio.

"Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo."

Guimarães Rosa

## RESUMO

Este estudo investiga o uso variado da realização do artigo definido em DPs possessivos, no paradigma das três pessoas do discurso, em vídeos e cartas que representam o português paulista dos séculos XX e XXI. Tal fenômeno tem atraído a atenção dos estudiosos, a partir da tradição filológica e normativa, chegando aos estudos linguísticos correntes, uma vez que se verifica o intrigante fato de que o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) se distanciaram no seu percurso histórico em um aspecto crucial: enquanto no PE a presença do artigo diante do possessivo é praticamente categórica, no PB a variação ainda parece ser possível, ora produzindo DP possessivos com artigo (*o meu livro está em cima da mesa*), ora sem (*meu livro está em cima da mesa*). Entre os objetivos da pesquisa destacam-se a descrição do fenômeno no português paulista, a apresentação de uma proposta de análise para caracterizar o estatuto variável na realização do artigo em contextos possessivos, bem como o mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando a variação. Para tanto, apoiamos-nos numa perspectiva teórica que engloba pressupostos gerativistas, tais como desenvolvidos na Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), incluindo alguns refinamentos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 1998, 2000, 2001), além de pressupostos da Sociolinguística Variacionista, tais como desenvolvidos em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1994). Os resultados da análise quantitativa mostraram um aumento significativo no preenchimento do artigo definido no DP possessivo e mudança nos fatores condicionantes para a variação apontados por pesquisas anteriores. A abordagem teórica está ainda ancorada nos estudos recentes sobre a estrutura sintática do DP possessivo (FLORUPI, 2008; GALO, 2015; BRITO e LOPES, 2016). Finalmente, esta pesquisa buscou caracterizar com mais rigor o estatuto semântico do artigo definido no contexto dos DPs possessivos, com base nas particularidades do licenciamento dos “Nomes Nus” no PB (CYRINO e ESPINAL, 2016; FERREIRA e CORREIA 2016). A hipótese que assumimos foi a de que, o artigo definido nos DPs possessivos, tanto realizado lexicalmente, como nulo fonologicamente, licencia uma leitura que expressa uma relação possessiva, diferente da leitura denotada pelo artigo definido em DPs definidos. Portanto não se trata de um definido expletivo (CASTRO, 2006).

**Palavras chave:** Português paulista, variação e mudança, artigo definido, pronome possessivo, Teoria Gerativa, Teoria Variacionista

## ABSTRACT

This thesis investigates the varied use of the definite article in possessives DPs, in the paradigm of the 1<sup>st</sup>, 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> persons, in videos and letters that represent the Paulistiana Brazilian Portuguese from the 20th and 21st centuries. Such phenomenon has attracted experts' attention, from the philological and normative tradition to current linguistic studies, since an intriguing fact is verified: European Portuguese (PE) and Brazilian Portuguese (PB) have distanced themselves in their historical course in a crucial aspect: In PE the use of the definite article in possessive noun phrases is nearly mandatory, while in PB this use of the article is variable. Amongst the goals of this research, the following stand out: to describe this phenomenon in Paulistiana Brazilian Portuguese, present a proposal of analysis to characterize the variation status in the presence of the article in possessives contexts, as well as mapping the linguistic and extralinguistic factors that may be conditioning the variation. To achieve them, we adopt an approach based on Principles and Parameters Model (CHOMSKY, 1981, 1986), including some refinements of the Minimalist Program (CHOMSKY, 1995, 1998, 2000, 2001), as well as a Quantitative Sociolinguistics approach (WEINREICH, LABOV and HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994). The results of the quantitative analysis showed a significant increase in the usage of the definite article in the possessive DP and change of conditioning factors for the variation pointed out by previous researches. The theoretical approach is also anchored in recent studies on the syntactic structure of possessive DP (FLORIP, 2008; GALO, 2015; BRITTO e LOPES, 2016). Finally, this research attempted to thoroughly characterize the semantic status of the definite article in the context of the possessive DPs, based on the peculiarities of the Bare Nouns licensing in PB (CYRINO e ESPINAL, 2016; FERREIRA e CORREIA, 2016). We assumed the hypothesis that the definite article in the possessive DPs, lexically realized or phonologically null, allows a reading that expresses a possessive relation, different from the reading denoted by the definite article in definite DPs. Therefore, it is not an expletive definite article (CASTRO, 2006).

**Keywords:** paulista Portuguese, variation and change, definite article, possessive adjective, Generative Theory, Variationist Theory.

## Lista de Figuras

Figura 1: Curva-S .....	33
Figura 2: Línguas do tipo 1 .....	37
Figura 3: Línguas do Tipo 2 .....	37
Figura 4: Possessivo em adjunção ao artigo.....	41
Figura 5: Presença de artigo definido na história do PE.....	42
Figura 6: Estrutura do Tipo 1 (italiano) com Agr.....	43
Figura 7: Estrutura do Tipo 2 (francês) com Agr .....	44
Figura 8: Português europeu clássico e moderno .....	45
Figura 9: Presença do artigo definido em sintagmas possessivos .....	47
Figura 10: Estrutura possessiva entre D e NP .....	48
Figura 11: Presença e ausência do determinante no PB, século XIX.....	54
Figura 12: Contínuo fala-escrita .....	66
Figura 13: Presença de artigo de acordo com o século de produção .....	97
Figura 14: Presença vs Ausência de determinante nos três conjuntos de dados .....	99
Figura 15: Presença de artigo pela distribuição etária nas cartas para W.L .....	104
Figura 16: Tipo de posse nas três análises.....	105

## Lista de tabelas

Tabela 1: Morfologia do pronome possessivo .....	58
Tabela 2: Quadro de pronome possessivo no português .....	58
Tabela 3: <i>Corpus</i> – sentenças possessivas .....	66
Tabela 4: Distribuição dos dados nos vídeos do Cabine Literária .....	67
Tabela 5: Distribuição dos dados nas cartas para W.L. ....	70
Tabela 6: Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos .....	73
Tabela 7: Classificação das preposições .....	76
Tabela 8: Presença vs. Ausência de determinante no <i>corpus</i> .....	83
Tabela 9: Presença de artigo definido em cada conjunto .....	83
Tabela 10: Presença vs. Ausência de determinante em Galo (2015) .....	83
Tabela 11: Modalidade do discurso .....	85
Tabela 12: Simetria do discurso .....	86
Tabela 13: Sexo/ gênero do informante .....	88
Tabela 14: Tipo de sintagma .....	89
Tabela 15: Tipo de preposição .....	89
Tabela 16 – Tipo de verbo .....	91
Tabela 17 – Pessoa do discurso .....	92
Tabela 18 – Função sintática .....	93
Tabela 19: Presença ou ausência de elemento interno .....	94
Tabela 20: Tipo de posse e documento de origem .....	94
Tabela 21: Presença vs. Ausência de determinante nos vídeos .....	98
Tabela 22: Presença vs. Ausência de determinante nas cartas <i>De fã para fã</i> .....	98
Tabela 23: Presença vs. Ausência de determinante em W.L. ....	98
Tabela 24: Primeiros resultados nos vídeos.....	100
Tabela 25: Fatores estatisticamente relevantes para a variação nos vídeos .....	100
Tabela 26: Primeiros resultados em W.L. ....	102
Tabela 27: Grupos estatisticamente relevantes para a variação em W.L. ....	103

## Sumário

Introdução .....	14
Capítulo I: Perspectiva gerativista e variacionista da mudança sintática .....	18
1.1. O tratamento gerativista da mudança .....	18
1.1.1. Pressupostos teóricos.....	19
1.1.2. Mudança paramétrica .....	20
1.2. Teoria da variação e mudança .....	22
1.2.1. Pressupostos teóricos.....	23
1.2.2. A heterogeneidade da língua .....	24
1.2.3. Variação e mudança .....	24
1.3. Uma abordagem teórica dos fatos de variação e mudança na gramática do PB	26
1.3.1. A proposta de Fernando Tarallo.....	26
1.3.2. Em defesa da proposta de Tarallo: Duarte 2015 .....	29
1.3.3. Mudança e difusão da mudança .....	32
Capítulo II: Estudos sobre a presença vs. ausência do artigo definido em sintagmas nominais possessivos.....	35
2.1. Uma proposta tipológica para os adjetivos.....	35
2.2. A proposta do artigo expletivo lexical e nulo.....	38
2.3. Competição de gramáticas e reanálise .....	41
2.4. Gramaticalização do artigo definido na história do português .....	46
2.5. A variação estável do PB no século XIX .....	51
Capítulo III: Metodologia .....	55
3.1. Variedades de português.....	55
3.2. O pronome possessivo .....	57
3.2.1. O quadro de pronomes possessivos.....	57

3.2.2.	Posições sintáticas .....	59
3.2.3.	Gramáticas.....	60
3.2.4.	A semântica do pronome possessivo.....	62
3.3.	Descrição e organização do <i>corpus</i> .....	63
3.3.1.	Contínuo oral e escrito .....	63
3.3.2.	Organização e apresentação do corpus.....	66
3.3.3.	Cabine Literária.....	66
3.3.4.	Cartas de Fã para Fã.....	67
3.3.5.	Cartas Familiares: em torno de Washington Luís .....	68
3.4.	Análise quantitativa .....	71
3.5.	Fatores linguísticos e extralinguísticos.....	72
3.5.1.	Fatores linguísticos.....	75
3.5.2.	Fatores extralinguísticos.....	80
Capítulo IV:	Resultados quantitativos .....	82
4.1.	Análise global dos dados .....	82
4.1.1.	Análise estatística de cada grupo de fator .....	83
4.1.2.	Fatores estatisticamente relevantes para a variação .....	94
4.2.	Análise de cada conjunto de dados.....	97
4.2.1.	Frequência do artigo em cada conjunto de dados .....	98
4.2.2.	Cabine Literária.....	99
4.2.3.	Cartas para Washington Luís .....	101
4.3.	Destaques.....	105
Capítulo V:	Propostas de análise e considerações finais .....	107
5.1.	Proposta para a estrutura do DP no PB.....	107
5.1.1.	As projeções NumP e PossP no interior do DP possessivo .....	109
5.2.	A noção de definitude e os artigos definidos.....	109

5.2.1	BNs referenciais no PB .....	111
5.2.2.	Novas considerações para uma proposta de estrutura do DP possessivo no PB .....	112
5.2.3.	O estatuto do artigo definido nos DPs possessivos .....	115
5.3.	A questão da deriva ou do contato linguístico e outras questões .....	116
5.3.1.	A natureza da variação.....	117
5.4.	Considerações finais .....	118
	Referências bibliográficas .....	123

## Introdução

Esta dissertação tem como objeto de investigação o uso variado da realização do artigo definido (o, a, os, as) diante de pronomes possessivos pré-nominais, no paradigma das três pessoas do discurso: 1<sup>a</sup> pessoa: meu (s), minha (s); nosso (s), nossa (s); 2<sup>a</sup> pessoa: teu(s), tua(s), seu (s), sua(s) e 3<sup>a</sup> pessoa seu (s), sua (s), no português culto paulista dos séculos XX e XXI. Tal fenômeno tem atraído a atenção dos estudiosos, a partir da tradição filológica e normativa, chegando aos estudos linguísticos correntes, nos quais uma dimensão comparativa e diacrônica entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) tem sido priorizada, uma vez que se verifica o intrigante fato de que as duas variedades se distanciaram no seu percurso histórico em um aspecto crucial: enquanto no PE a presença do artigo diante do possessivo é praticamente categórica, no PB a variação ainda parece ser possível, como ilustram os exemplos abaixo, extraídos do material coletado em nosso *corpus*<sup>1</sup>.

(1)

- a. Desejando mudar-me para São Paulo, onde melhor posso educar os filhos, solicitei do Botelho MINHA PROMOÇÃO a Director de Terras, Colonização e Imigração (CAW115)
- b. A MINHA PRIMA me deu esse livro, porque ela percebia que eu estava muito mal (VID)
- c. Voce hade estar pensando que eu descuidei-me DE SEU PEDIDO (CAW143)
- d. X, o cara é lindo, mora na rua debaixo DA MINHA CASA e eu nem me tocava! (CAF04)

Ora, na fase arcaica do português (cf. MATTOS e SILVA, 2008) havia um notável favorecimento na realização dos sintagmas possessivos “nus”, ou seja, sem a presença de um determinante (artigo definido). No entanto, ao contrário do francês e espanhol modernos, o português, tanto na variedade lusitana, quanto na variedade brasileira não se desenvolve de

---

<sup>1</sup> Os exemplos estão identificados da seguinte maneira: VID para as sentenças coletadas dos vídeos, CAW para as sentenças retiradas das Cartas para Washington Luís e CAF para as sentenças retiradas do conjunto de cartas *De Fã para Fã*. As siglas são seguidas da numeração da carta no documento original. Essa explicação se encontra na seção 3.3. As sentenças de CAF e CAW seguem transcrição original.

forma a não permitir a coocorrência de artigos e possessivos pré-nominais. Alguns autores têm afirmado que o português brasileiro manteve a gramática arcaica na omissão do artigo.

O objetivo principal a ser alcançado nesta dissertação consistiu, pois, em apresentar uma proposta de análise para caracterizar o estatuto variável na realização do artigo diante do possessivo no português paulista urbano ~~atual~~, com base em um *corpus* datado dos séculos XX e XXI. Para tanto, apoiamos-nos numa perspectiva teórica que engloba pressupostos gerativistas, tais como desenvolvidos na Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), com os refinamentos minimalistas (CHOMSKY, 1995, 2000, 2001) e os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG (WLH), 1968; LABOV, 1972, 1994). Com esse suporte teórico teremos igualmente um aparato metodológico que nos permite mapear fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando a variação.

Nossa pesquisa está inserida no subprojeto *Gramáticas paulistas na história do português brasileiro*, o qual faz parte do projeto temático de equipe (FAPESP – Processo 11/51787-5), intitulado *Para a História do Português Paulista* (PHPP II – Projeto Caipira II). O subprojeto acima mencionado tem entre os seus objetivos apresentar propostas de análise de fenômenos gramaticais que se apresentam em variação na escrita e na fala de paulistas nascidos no interior e na capital do estado de São Paulo.

A dissertação está composta por 5 capítulos e uma introdução. O capítulo 1, intitulado *Perspectiva gerativista e variacionista da mudança sintática*, contempla os fundamentos teóricos assumidos nesta pesquisa, os quais, como acima mencionamos, recobrem duas diferentes perspectivas de investigação: a Teoria dos Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY 1981, 1986) e a Teoria da Variação e Mudança, também denominada Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG (WLH), 1968; LABOV, 1972, 1994). Para um mergulho mais aprofundado na natureza da variação e mudança, tanto no aspecto sincrônico, quanto diacrônico, discutimos ainda refinamentos propostos dentro do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2000, 2001), da forma como são trabalhados em Roberts (2007), em particular, o diálogo que pode ser estabelecido com a noção de “competição de gramáticas”, a partir de Kroch (2000, 2001). Apresentamos ainda os pontos mais relevantes das discussões sobre a visão “parametrizada” de um modelo variacionista. Para tanto, selecionamos as principais ideias defendidas por Tarallo (1987), Duarte (2015) e Roberts (2007) a respeito de como pode ser produtiva a associação entre uma teoria de base empírica e quantitativa e uma teoria internalista para o entendimento dos fenômenos de variação e mudança.

No capítulo 2, intitulado *Estudos sobre a presença vs. ausência do artigo definido em sintagmas nominais possessivos*, apresentamos as hipóteses centrais defendidas em estudos recentes que trataram o fenômeno variável do artigo nas expressões nominais possessivas, tanto no português europeu (PE), quanto no português brasileiro (PB). Consideramos ser importante essa abordagem comparativa, tanto do ponto de vista histórico, quanto sincrônico, uma vez que as duas variedades apresentam gramáticas distintas no que se refere ao fenômeno em estudo. Os estudos selecionados são Castro e Costa (2002); Castro (2006); Floripi (2008); Rinke (2010) e Galo (2015). Incluímos ainda ideias centrais sobre a natureza semântica dos possessivos e artigos, e sobre a estrutura do DP possessivo, elaboradas em alguns textos clássicos, entre eles, Lyons (1985), Giorgi e Longobardi (1991) e Schoorlemmer (1998), Cardinaletti (1998), que estão presentes nas propostas dos diferentes autores acima citados e que servirão também para a nossa abordagem.

O capítulo 3 apresenta com detalhes a metodologia usada na pesquisa, partindo de um esclarecimento que nos pareceu muito relevante que é o do conceito de português brasileiro (PB), tal como usado nas pesquisas linguísticas correntes. Discutimos ainda o quadro dos pronomes possessivos do português, em seus aspectos semântico e sintático. Por fim, como acima mencionamos, partimos para a descrição dos critérios adotados na organização do *corpus*, bem como o modelo de análise quantitativa utilizado e a escolha dos fatores linguísticos e extralinguísticos que foram controlados durante a análise do fenômeno gramatical em estudo, a saber a variação presença vs. ausência do artigo definido diante do possessivo.

No capítulo 4 discutimos os resultados obtidos na nossa análise quantitativa, a começar pela análise global dos dados, partindo, em seguida, para análise de cada grupo de fator de maneira isolada.

Finalmente, o capítulo 5, intitulado *Propostas de análise e considerações finais* resulta de reflexões que elaboramos, a partir de nossos resultados quantitativos, para uma abordagem mais detalhada de três aspectos relevantes que decorrem da coocorrência da definitude e possessividade, a saber: (i) uma proposta sintática para a estrutura do DP possessivo, a qual justifica a projeção das categorias funcionais NumP e PossP (FLORIPÍ, 2008; GALO, 2015; BRITO e LOPES, 2016); (ii) uma proposta para caracterizar com mais rigor o estatuto semântico do artigo definido no contexto dos DPs possessivos, com base nas particularidades do licenciamento dos “Nomes Nus” no PB (CYRINO e ESPINAL, 2016; FERREIRA e CORREIA 2016). A hipótese que assumimos é a de que o artigo definido, nos DPs possessivos, tanto realizado lexicalmente, como nulo fonologicamente, licencia uma leitura que expressa uma relação definida de posse. Com isso embora haja uma atuação da forma possessiva na

interpretação, o artigo definido não é um mero expletivo,<sup>2</sup> (CASTRO, 2006); pois contribui com a definitude da relação entre possuído e possuidor. Por sua vez, a discussão da natureza da variação presença vs. ausência do artigo no DP possessivo, que ainda persiste no PB, levanta a questão da deriva vs. contato linguístico, recentemente contemplada numa parte da literatura sobre o tema.

---

<sup>2</sup> Castro (2006) defende que o artigo definido diante de contextos possessivos é um elemento expletivo, ou seja, esvaziado de seu conteúdo semântico. Essa proposta de análise será apresentada na seção 2.2.

## Capítulo I: Perspectiva gerativista e variacionista da mudança sintática

Este capítulo apresenta os dois quadros teóricos que são os suportes desta pesquisa. A seção 1.1 e suas subseções apresentam os principais pressupostos da teoria dos Princípios e Parâmetros, incluindo, entre outras, noções como Faculdade da Linguagem, Gramática Universal, inatismo, Língua-I e Língua-E, dados linguísticos primários, princípios universais e fixação de parâmetros, com base em Chomsky (1981, 1986). Para incluir as inovações já contidas nos pressupostos do Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995, 2000, 2001), baseamo-nos em Roberts (2007), destacando as suas ideias a respeito do papel da atuação dos parâmetros para dar conta não só de fatos sincrônicos, mas também da mudança sintática e dos aspectos que diferenciam as línguas entre si. Por sua vez, na seção 1.2. e subseções, apresentamos em detalhes os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, tal como idealizada por Weinreich, Labov e Herzog, 1968 e Labov, 1972, 1994).

No entanto, como sabemos, há uma crítica estabelecida na literatura a respeito desse “casamento teórico”, a qual enfatiza que as duas teorias são incompatíveis. Esta pesquisa, no entanto, se alinha com uma série de estudos que acreditam ser possível conciliar pressupostos da teoria paramétrica com pressupostos da teoria variacionista no tratamento dos fenômenos de variação e mudança. Para demonstrar essa compatibilidade, dedicamos a seção 1.3. e suas subseções, ao destaque das principais ideias defendidas por Tarallo (1987) e endossadas por Duarte (2015). Para uma ratificação da proposta dessa visão “parametrizada” de um modelo variacionista, ou seja, da associação teórica entre uma teoria internalista da mudança e uma teoria variacionista empírica, apoiamo-nos ainda numa relação que pode ser estabelecida entre as noções de reanálise abdutiva, natureza do *input*, mudança paramétrica e fatores extralinguísticos (cf. ROBERTS, 2007), com a noção de “competição de gramáticas”, a partir de Kroch (2000, 2001), onde se defende que a implementação de uma mudança é precedida por uma fase de variação competitiva que se apresenta de forma gradual no percurso histórico, desenhando uma curva-S nos gráficos.

### 1.1. O tratamento gerativista da mudança

Nesta subseção apresentaremos a visão cognitivista, mentalista e inatista da Teoria Gerativa. Em particular serão apresentados os conceitos de Faculdade da Linguagem (FL), Gramática Universal (GU), entendida como um “órgão” inato constituído de princípios

invariantes e parametrizáveis que atuam não só no processo da aquisição da língua materna, como também na forma como as línguas variam e mudam. Da mesma forma serão considerados aspectos da Competência Linguística, ou Língua-I (Interna), em contraste com a Língua-E (Externa).

### 1.1.1. *Pressupostos teóricos*

As Teorias Linguísticas têm como objetivo compreender a natureza do conhecimento linguístico. Entre os inúmeros modelos que fazem parte da Teoria Linguística, o mais influente hoje é o modelo da Gramática Gerativa, iniciado em 1950 por Noam Chomsky, cujo objetivo é descrever processos mentais que geram a estrutura da linguagem na mente do falante.

Essa língua na mente do falante é chamada, dentro da Teoria Gerativa, de Língua-I (Interna), enquanto a forma utilizada para comunicação entre os indivíduos é chamada de Língua-E (Externa), é o código compartilhado por uma comunidade. É a Língua-I que possibilita a um indivíduo produzir e compreender os enunciados de uma Língua-E.

Pesquisas em aquisição da linguagem mostraram que uma criança recebe um número finito de estímulos linguísticos, mas é capaz de compreender e produzir um número infinito de enunciados inéditos. Percebe-se também que os estímulos, aos quais a criança está exposta, não contêm todas as informações necessárias para a criança desenvolver sua competência linguística. A esse problema, Chomsky chamou de *Problema Lógico da Aquisição da Linguagem*. Para resolver esse problema, Chomsky lança mão da hipótese inatista. Para um indivíduo chegar à Língua-I, são necessárias duas coisas: uma herança biológica, que permite que o indivíduo adquira um idioma, e a exposição a uma Língua-E. Essa herança biológica é chamada de Faculdade da Linguagem (FL), responsável por permitir que a criança interprete enunciados da Língua-E, à qual é exposta, e a partir desses dados, construa sua competência linguística, ou seja, sua Língua-I.

Pela hipótese inatista todo ser humano nasce com a mesma habilidade para adquirir qualquer língua natural. É difícil compreender como isso é possível, uma vez que as línguas possuem gramáticas muito diferentes. Por exemplo, como explicar que um indivíduo nasça predisposto a desenvolver tanto uma língua que permite o apagamento do sujeito, como o português, quanto uma língua que não permite, como o inglês? Para desfazer esse problema, a Gramática Gerativa apresenta a teoria da Gramática Universal (GU).

A GU é o estado inicial da FL. Em um primeiro momento, a Gramática Gerativa defende a hipótese de que a GU é composta por Princípios e Parâmetros. Os Princípios são as regras

universais subjacentes a toda língua natural, dessa forma não precisam ser aprendidos. Já os Parâmetros são as regras variáveis, responsáveis pelas diferenças entre as línguas e precisam ser aprendidos a partir do *input* que a criança recebe da Língua-E. A partir da marcação dos valores paramétricos pode-se dizer que a criança adquiriu o sistema gramatical de uma língua.

### 1.1.2. Mudança paramétrica

Como mencionado acima, os parâmetros são os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Entretanto interessa particularmente a esta pesquisa, a noção de parâmetro para uma abordagem da mudança linguística.

Um fato importante sobre a fixação paramétrica é a hipótese de que todo parâmetro será fixado, obrigatoriamente, com um valor ou outro, ou seja, nenhum sistema pode marcar um valor intermediário, entre dois valores paramétricos. Por exemplo, de acordo com essa hipótese, uma criança exposta ao português europeu, italiano ou espanhol, vai reconhecer como positivo o Parâmetro do Sujeito Nulo, visto que é possível o apagamento fonológico do sujeito pronominal, referencial e expletivo em sentenças como (1a-b), enquanto uma criança exposta ao inglês irá fixar como negativo o mesmo parâmetro, por serem impossíveis sentenças como (2a-b), em oposição a (2c- d), em que se realizam lexicalmente as formas pronominais *I* e *it* (expletiva).

- (1) a. Falei com a Maria hoje.  
b. Choveu muito ontem à noite.
- (2) a. \*Spoke with Mary today.  
b. \*Rained a lot last night.  
c. I spoke with Mary today.  
d. It rained a lot today.

Outro fato importante sobre a noção de parâmetro é que seus valores precisam estar fixados para que a criança desenvolva sua competência linguística. Fica claro, dessa forma, que os valores paramétricos são fixados durante o processo de aquisição com base no que Lightfoot (1979) vai chamar de dados linguísticos primários (PLD – *Primary Linguistic Date*). (LIGHTFOOT, 1979 *apud* ROBERTS, 2007).

Ou seja, gramáticas são entidades mentais (Língua-I) que são transmitidas via PLD. A

criança não tem acesso à gramática internalizada das pessoas que estão à sua volta. Direcionada pela FL, a criança é capaz de formular hipóteses sobre os dados que recebe via *input*. Não há ligação direta entre as gramáticas internalizadas dos falantes, por isso podem acontecer “erros” ou reanálises durante a marcação de um valor paramétrico. Quando a criança marca um valor diferente do valor marcado pelo adulto para determinado parâmetro, acontece a mudança linguística. Esse processo é chamado de reanálise abdutiva (cf. ANDERSEN, 1973, *apud* ROBERTS, 2007).

Em outras palavras, a mudança acontece por meio da marcação de um valor paramétrico distinto daquele que identificava a gramática das gerações anteriores. E, sendo os parâmetros marcados durante a aquisição da linguagem, assume-se que é durante esse processo que acontece a mudança linguística.

Kroch (2001) afirma que a hipótese de Andersen não deixa claro o que muda e o quanto se pode esperar de uma mudança sintática. Além disso, para Kroch, a estabilidade, ao longo do tempo, encontrada na estrutura sintática de algumas línguas, o japonês, por exemplo, mostra que a transmissão de uma língua não pode ser tão imprecisa como a abordagem de Andersen sugere.

Roberts (2007) também aponta um problema na hipótese da reanálise abdutiva, levando em conta o fato de que, se a criança apresenta uma forma inovadora, essa forma deve ter sido ativada com base no que ela ouviu. Entretanto, um falante não seria capaz de produzir algo que não está internalizado em sua gramática. Assim, como seria possível dar início a uma inovação? A conclusão é a de que toda mudança só ocorre se tiver uma causa, e essa causa pode ser de natureza gramatical ou extragramatical/extrassintática, ou seja, referentes ao componente fonológico e/ou morfológico.

Dessa forma, Roberts propõe um aparato formal para a definição dos parâmetros. De acordo com o autor, todo parâmetro se define a partir de três propriedades: i) um conjunto de traços formais altamente restritos; ii) a especificação de um valor *default*; iii) a especificação de evidências que possam expressá-lo de forma clara na aquisição. A hipótese é a de que, se um parâmetro não é expresso de maneira suficientemente robusta no *input*, o parâmetro reverte para o seu valor *default*. Ao marcar o valor de determinado parâmetro, a criança tenderá a marcar o valor mais simples ou mais generalizado. Por isso, de acordo com o pesquisador, para que aconteça a mudança paramétrica é necessário que o dado relevante, ao qual a criança está exposta, se apresente marcado por ambiguidade ou opacidade, definidas em termos de complexidade da estrutura.

Em suma, dentro da perspectiva gerativista, a mudança linguística é vista como

mudança na fixação de valores paramétricos. De acordo com essa abordagem, a mudança sintática apresenta as seguintes propriedades (cf. ROBERTS, 2007, p. 292):

- (i) É catastrófica, nos termos de Lightfoot (1979). Ou seja, um determinado valor paramétrico é alterado de forma repentina e de maneira irrevogável em um dado momento histórico.
- (ii) É interna – não sofre influência de aspecto externo, a saber: fatores sociais, históricos ou culturais. O que importa são as pistas gramaticais relevantes, que a criança abstrai quando exposta aos dados linguísticos primários. Trata-se de uma teoria internalista da mudança, uma vez que postula a hipótese de que a marcação paramétrica se efetiva durante o processo da aquisição de primeira língua. Ora, isso explicaria a mudança no nível individual, mas não daria conta do seu efeito numa comunidade de fala, ou seja, a sua implementação.

Portanto, para dar conta desse e de outros aspectos relevantes da natureza da variação e mudança é que nos valem do aparato conceitual e metodológico da Sociolinguística Variacionista.

Apesar das propriedades apresentadas acima, os estudos históricos sugerem que a mudança linguística se apresenta de maneira gradual nos gráficos que traçam o percurso da mudança num período histórico determinado. De fato, Kroch (2001) mostra que alguns estudos relevantes sobre o surgimento de *do* como auxiliar no inglês, registram uma curva de mudança em S. Em outras palavras, diversos estudos históricos mostraram que uma forma nova aparecia, primeiro, de forma marginal em uma comunidade de fala, e aos poucos a frequência dessa nova forma aumentava até que se espalhasse para toda comunidade. A resolução para esse conflito será exposta através do trabalho de Kroch (2001) e Roberts (2007) na seção 1.3.3.

## **1.2. Teoria da variação e mudança**

Na seção anterior apresentamos alguns pressupostos da gramática gerativa, uma teoria interessada em compreender o funcionamento da mente por meio da linguagem. Nesta seção, trataremos alguns conceitos básicos da Teoria da Variação e Mudança, tal como formulada por WLH (1968) e Labov (1972, 1994), interessada em descrever e compreender os processos de mudanças nas línguas. Entre os conceitos apresentados estão o de variedade, variação, variável e variante, incluindo as noções de variável dependente e variáveis independentes – também denominados fatores condicionadores. Essas noções ficarão mais claras quando aplicarmos a

análise em nossos dados, buscando identificar resultados quantitativos da frequência do artigo diante do possessivo, e descrevendo os fatores que condicionam o seu uso.

### 1.2.1. *Pressupostos teóricos*

A Teoria da Variação e Mudança (TVM) é uma especialização da Sociolinguística, uma área da Linguística que estuda a relação entre língua e sociedade. Dessa maneira não se interessa pelos processos mentais envolvidos com a capacidade da linguagem, como faz a Gerativa, uma vez que, o seu interesse maior é a comunidade de fala. A TVM tem como principal pesquisador William Labov, por isso também é conhecida como Sociolinguística Laboviana, ou Sociolinguística Variacionista, ou ainda Sociolinguística Quantitativa.

O foco dessa teoria é a variação e mudança linguística na comunidade de fala. O processo de alternância entre duas ou mais formas no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade é chamado de variação. Por exemplo, no Brasil, as frases *meu livro está em cima da mesa* e *o meu livro está em cima da mesa* podem ser usadas nos mesmos contextos<sup>3</sup>, portanto é possível afirmar que essas são formas em variação. Outra variação conhecida no PB é a que ocorre com as formas *tu* e *você* entre algumas regiões do país. Essas formas que podem ser usadas em um mesmo contexto são chamadas de variantes. No nosso fenômeno existem duas variantes: a forma com artigo (*o meu livro*) e outra sem o artigo (*meu livro*).

O conjunto de variantes, ou seja, formas com mesmo significado e função, é chamado de variável. O foco desta pesquisa é a variável ausência vs. presença do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais.

A variação pode ocorrer por muito tempo com as variantes coexistindo pacificamente, como é o caso do *tu* e *você*, levando à classificação de *variação estável*. Pode ocorrer também que uma das variantes seja desfavorecida gradualmente, assumindo um estatuto de arcaísmo até chegar a desaparecer completamente da língua. A esse processo dá-se o nome de *mudança linguística*. Dessa forma, a mudança é sempre precedida por um período de variação. A partir da observação de fenômenos em variação e mudança, a TVM fez uma descoberta que revolucionou os estudos linguísticos: a variação não é aleatória, existem regras que a regulam e permitem o reconhecimento de grupos linguísticos formados a partir de critérios sociais, como nível de escolarização, profissão, idade dos falantes, hábitos, sexo, etnia etc.

---

<sup>3</sup> Nenhuma gramática brasileira aponta uma das variantes (presença ou ausência de artigo diante de pronome possessivo pré-nominal) como uma forma estigmatizada ou de maior prestígio. Na seção 3.2.3 apresentamos casos em que alguns gramáticos apontam como mais recorrentes com uma ou outra variante.

O foco da TVM está no reconhecimento dessas regularidades e na forma como alguns fatores internos e externos ao sistema linguístico podem atuar na variação e mudança. Também se interessa pela interação dessa variação com outros elementos linguísticos e sociais, e o modo como os falantes percebem e avaliam essas mudanças.

Esses fatores, linguísticos e extralinguísticos, também são chamados de condicionadores, uma vez que regulam ou condicionam a escolha dos falantes por cada uma das formas linguísticas em disputa, ou ainda variáveis independentes, pois não apresentam dependência entre si. Por exemplo, duas variáveis independentes que investigaremos nesta pesquisa são a ausência ou presença da preposição antes do pronome possessivo e o tipo de relação de posse, se alienável ou inalienável. Esses fatores, presença ou ausência de preposição e tipo de posse, não dependem um do outro para existir, por isso são chamados de variáveis independentes. Por outro lado, as variáveis em estudo nesta pesquisa, presença vs. ausência de artigo diante de pronomes possessivos dependem uma da outra para que se possa falar em variação, por isso podemos dizer que essas são variáveis dependentes.

### *1.2.2. A heterogeneidade da língua*

Weinreich, Labov e Herzog (WLH) (1998) levantam uma questão inicial, a partir da observação de estudos históricos que mostram as mudanças linguísticas ocorridas ao longo do tempo. Os autores observam que, durante o processo de mudança, os falantes continuavam se comunicando, ou seja, a língua não perdia sua estrutura durante esse processo. Para responder como isso seria possível, os autores passam a defender a ideia de que a língua é um sistema constituído de heterogeneidade ordenada, um sistema composto de regras categóricas e variáveis. Para essa teoria, a competência linguística do falante comporta essa heterogeneidade, pois sem essa capacidade seria difícil que houvesse comunicação em períodos em que a variação estivesse ocorrendo (cf. COELHO *et al*, 2015). Ou seja, a TVM tem dois fortes pressupostos: a variação é inerente ao sistema linguístico e existem regras que regulam essa variação.

### *1.2.3. Variação e mudança*

Labov (1972, 1994) constatou que, devido à regularidade da variação, era possível sistematizá-la por meio de análises quantitativas que permitiam observar o padrão de distribuição das variantes em diferentes contextos e fatores.

Nos estudos da sociolinguística há duas formas de constatar uma mudança linguística. Uma delas é rastreando o processo de mudança em períodos distintos da história da língua, a fim de cotejar essas formas ao longo do tempo. Essa estratégia é chamada de *mudança em tempo real*. A outra forma é chamada de *mudança em tempo aparente*, que rastreia os usos das variantes entre gerações distintas em uma mesma comunidade de fala.

Como mencionado anteriormente, para que haja mudança é necessário que duas ou mais formas estejam em variação. Entretanto, nem toda variação vai resultar em mudança. Duas variantes podem conviver por um longo período de tempo sem que uma substitua a outra, em uma situação de variação estável. Nesses casos, as análises quantitativas vão mostrar uma distribuição plana da taxa de ocorrência das variantes entre os diferentes grupos etários.

Para a Sociolinguística, um dos princípios básicos para a investigação de mudança linguística é de que a mudança não se generaliza de forma uniforme nem de maneira abrupta. Vale esclarecer aqui que essa questão de a mudança ser ou não abrupta só aparentemente parece contraditória no diálogo que se pretende estabelecer entre as duas teorias. Lembramos que, para a Gramática Gerativa, o abrupto na marcação de um parâmetro ocorre na fase da aquisição da gramática materna, por cada aprendiz, individualmente. Para a TVM a negação do abrupto se refere à forma lenta e gradual pela qual uma mudança se manifesta na comunidade de fala. Ou seja, trata-se de fenômeno de natureza externa, referente à implementação da mudança. Para isso, a Gramática Gerativa não tem muito a contribuir. (cf. ROBERTS, 2007) para uma discussão desse ponto).

Assim, para sustentar a hipótese da natureza da implementação da mudança, WLH (1998) se baseiam em estudos dialetológicos e sociolinguísticos em uma comunidade de fala.

De qualquer forma, o que mais interessa a esta pesquisa é a relação entre variação e mudança, uma vez que o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais no PB não seguiu o mesmo curso de mudança que o PE. Resta saber se o PB está em processo de mudança, ou seja, caminhando para um uso categórico do artigo antes do possessivo como no PE, ou se permanece em variação estável. Sobre essa relação vale observar a afirmação de Coelho *et al.* (2015):

É importante ressaltar que um processo de mudança em curso implica necessariamente que há competição entre duas ou mais formas variantes. No início desse processo a forma inovadora é de uso menos recorrente e aparece em contextos restritos. À medida que os contextos de uso vão se expandindo, a frequência dessa forma vai aumentando, até que ela ultrapasse a da forma antiga. Num gráfico, uma mudança

dessa natureza pode ser representada por uma curva em S”. (COELHO *et. al*, 2015, p. 73-74)

Pensando nessa afirmação, esta pesquisa pretende analisar diferentes fatores linguísticos e sociais, a fim de observar se existe ampliação ou limitação dos contextos em que as variantes aparecem e comparar nosso resultado com de estudos anteriores, em especial Galo (2015).

### **1.3. Uma abordagem teórica dos fatos de variação e mudança na gramática do PB**

Apresentaremos nesta seção os pontos mais relevantes das discussões sobre a visão “parametrizada” de um modelo variacionista, isto é, sobre a necessidade de se ter uma abordagem da variação e mudança associada a uma teoria linguística que expresse a implementação da mudança e os contextos que a favorecem. Para tanto, selecionamos as principais ideias defendidas por Tarallo (1987), Duarte (2015) e Roberts (2007) a respeito de como pode ser produtiva a associação entre TVM e Teoria dos Princípios e Parâmetros na explicação dos fenômenos de variação e mudança.

#### *1.3.1. A proposta de Fernando Tarallo*

Em 1987, Fernando Tarallo escreve um artigo intitulado *Por uma sociolinguística românica ‘paramétrica’: fonologia e sintaxe*. Com esse texto o autor propõe uma leitura “parametrizada” dos resultados obtidos por seus estudos dentro da Teoria da Variação e Mudança. Esses estudos eram sobre fenômenos sintáticos e fonológicos do francês canadense, espanhol americano e português brasileiro. Quando Tarallo escreve esse artigo, alguns parâmetros já haviam sido descritos, uma vez que a gramática gerativa tentava, ao mesmo tempo em que descrevia os princípios universais, compreender as diferenças entre as línguas. Nesse momento, o modelo já defendia também que um parâmetro incluía um conjunto de propriedades relacionadas. De fato, assumia-se que as escolhas paramétricas produziam efeitos de *cluster*, ou seja, um conjunto de propriedades gramaticais que se desenvolvem conjuntamente por efeito da mudança na marcação de um determinado parâmetro. Além disso, observa-se que, paralelamente à descrição de novos parâmetros, aqueles que já estavam

consolidados passavam por refinamentos à medida que dados translinguísticos e diacrônicos eram levantados.

Em particular, na leitura variacionista de Tarallo, as questões levantadas por Borer (1983), sobre a origem da variação paramétrica e o componente gramatical responsável pela variação, estariam relacionadas com princípios variacionistas (princípio das restrições, princípio do encaixamento e princípio da implementação) (Cf. WLH, 1968 *apud.* TARALLO 1987).

Aqui vale ressaltar que Tarallo se preocupou em não reduzir nenhuma das teorias.

Evidentemente, os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos de um e de outro modelo são radicalmente opostos: não se trata, pois, de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de ‘parametrizar’ (ou de eliminar) diferenças, mas, sobretudo, de enfatizar a complementaridade entre os modelos naquilo que eles permitem (ou permitirem) compatibilizar resultados em relação àquelas questões levantadas por Borer de um lado, e por Weinreich, Labov e Herzog, de outro, resultados esses que estão muito mais próximos do que normalmente se pensa, se aceita e/ou se pensa aceitar. (TARALLO, 1987, p. 55).

Tarallo defende que, mesmo estando a teoria da variação e mudança preocupada apenas com a variação intralinguística, é possível fazer generalizações “menos ‘indutivas’ e mais ‘dedutivas’” (TARALLO, 1987, p. 55) alinhadas ao modelo paramétrico de sintaxe de dados translinguísticos e/ou diacrônicos, dados esses obtidos através de estudos sociolinguísticos.

Antes de iniciar sua demonstração de leitura paramétrica da variação fonológica e sintática, Tarallo propõe uma leitura paramétrica do texto *Resolving the neogrammarian controversy*, de Labov (1981). Nesse texto, Labov contrapõe o modelo da difusão lexical ao modelo da escola dos neogramáticos para explicar mudanças fonológicas. Entre as diferenças desses modelos, Tarallo destaca que, para os neogramáticos, a mudança fonológica é gradual, mas lexicalmente abrupta, enquanto para a teoria da difusão lexical a mudança fonológica é abrupta e lexicalmente gradual. Em grande parte desse texto, Labov evidencia os pressupostos dos neogramáticos, através da análise de fenômenos fonológicos de variedades de Nova Iorque, Detroit, Rochester, Buffalo, Chicago, Atlanta, Londres, Birmingham, Norwich, Cardiff, Glasgow, Edinburgo e Belfast. Entretanto uma variável fonológica registrada na Filadélfia, século X, revela, além dos pressupostos neogramaticais, casos de difusão lexical.

Ao analisar as mudanças fonológicas presentes no sistema da Filadélfia, Labov mostra que existem casos de difusão lexical e casos claros de mudança fonológica do tipo observado

pelos neogramáticos. Olhando para o contraste entre as mudanças fonológicas da Filadélfia, Labov chega à conclusão de que uma mudança fonológica pode ou não ter condicionamento gramatical, pode ou não ser previsível, pode ou não ter exceções em nível de léxico, pode ou não ser afetada socialmente e assim por diante. Para Tarallo, ao admitir isso, Labov está na verdade parametrizando a mudança fonológica (TARALLO, 1987, p. 60).

A fim de comprovar a variação paramétrica, Tarallo apoiou-se numa série de estudos sobre variação no espanhol porto-riquenho, francês canadense e português brasileiro. A questão que perpassa todos esses estudos é a relevância de fatores gramaticais e funcionais na variação fonológica. Tarallo defende que esses estudos conseguiram formular uma parametrização das respectivas mudanças. Citando Poplack (1981), Tarallo destaca de seu texto que “o simples enfraquecimento de segmentos consonantais em variação é, via de regra, regido por fatores puramente estruturais, e, ao se iniciar o processo de apagamento, tais fatores estruturais começam a interagir com fatores de outra ordem, os funcionais” (TARALLO, 1987, p. 63).

Contudo, de acordo com Tarallo, a possibilidade de união entre teoria da variação e o modelo paramétrico são mais evidentes nos estudos sobre variação de ordem sintática. Tarallo discute a questão da inversão livre do sujeito, uma das propriedades do parâmetro do sujeito nulo, nas três línguas acima mencionadas. A impossibilidade de sujeito nulo prevê impossibilidade de inversão livre de sujeito.

Entre as três línguas observadas (espanhol, português e francês), somente o francês se caracteriza por ser uma língua não *pro-drop*. Por seu lado, o português e o espanhol são línguas *pro-drop*, permitem o apagamento do sujeito, logo, é esperado que permitam a inversão livre do sujeito. Entretanto Tarallo mostra, novamente baseado em diferentes estudos quantitativos que as três línguas permitem a inversão, mas ela acontece condicionada a determinados fatores, presentes nas três línguas (TARALLO, 1987, p. 71):

1. A presença obrigatória de um gatilho desencadeador [...], na forma de uma palavra interrogativa ou de um advérbio;
2. A presença de um objeto direto, e
3. A presença de um complementizador.

Para Tarallo existe um problema a ser resolvido, uma vez que o modelo paramétrico diz que línguas com determinados parâmetros irão se comportar de determinada maneira. O problema está justamente no fato de ser o francês uma língua que não permite apagamento do sujeito, portanto uma língua não *pro-drop*, comportar-se como uma língua *pro-drop* ao permitir a inversão do sujeito. O que Tarallo propõe, ao sugerir uma leitura parametrizada, é colocar os

fatores condicionantes à aplicação de determinadas regras paramétricas. No caso da inversão do sujeito, um forte condicionador é a transitividade verbal. De acordo com o autor,

Somente uma leitura “parametrizada”, tal qual a propusemos, dos fatores condicionadores levantados pela teoria da variação e da mudança garantirá, entre outras coisas, uma eventual re-definição e um possível realinhamento das propriedades previstas para determinado parâmetro sintático. (TARALLO, 1987, p. 75).

Essa leitura prevê que, se eventualmente essas línguas mudarem de padrão sintático, o PB passe a uma língua não *pro-drop*, de modo que esses contextos condicionantes serão os últimos a aceitar a nova forma.

Assim, vemos que Tarallo mostra que, se a sintaxe paramétrica não é pioneira em investigar a variação intersistêmica, também não é novidade a leitura parametrizada que ele propõe dos fenômenos fonológicos e sintáticos ao longo desse texto. A novidade desse texto é “o trabalho conjunto ativado pela aproximação dos contrários: sem romper fronteiras e confundir domínios” (TARALLO, 1987, p. 75).

### 1.3.2. *Em defesa da proposta de Tarallo: Duarte 2015*

A proposta de Tarallo (1987) sobre a possível compatibilidade da teoria gerativa com a teoria da variação e mudança, exposta acima, não foi recebida com unanimidade no meio científico. Essa abordagem foi defendida na década de 80 e, em seguida, utilizada em diversos estudos, como veremos a seguir, mas ainda se faz necessário defendê-la. É o que se propõe a fazer Duarte (2015) ao escrever sobre a discussão em torno da proposta de unir a Teoria dos Princípios e Parâmetros à Teoria da Variação e Mudança.

Duarte inicia a sua discussão com um esclarecimento importante: Tarallo não é o primeiro a utilizar uma teoria linguística associada à teoria variacionista. De acordo com a autora, desde o seu início no Brasil, os estudos apoiados na teoria variacionista laboviana necessitaram da associação a uma teoria linguística, pois, sozinha, a TVM não seria capaz de levantar hipóteses, analisar as estruturas envolvidas no processo de variação ou interpretar os resultados dessa análise.

Assim, Duarte traça um pequeno percurso histórico dos estudos sociolinguísticos no Brasil para evidenciar o fato de que eles estavam apoiados em uma teoria linguística, incluindo até mesmo as descrições provenientes da tradição gramatical e perspectiva estruturalista. Ela

cita uma série de estudos variacionistas dos anos 70, orientados por Anthony Naro, os quais usariam pressupostos da Teoria Funcionalista para estudar fenômenos morfossintáticos, expostos no texto abaixo:

O estudo das estratégias de relativização (MOLLICA, 1977), as realizações do acusativo anafórico (OMENA 1978) e o uso variável de marcas de concordância no Sintagma Nominal (SCHERRE, 1978; BRAGA, 1978). Esses estudos, com base na fala de adultos em fase de alfabetização, mostraram que a língua L do brasileiro sem acesso à escola (a) não exibia relativas “padrão”, nas funções em que o constituinte relativo tem uma função preposicionada, restringindo-se a relativas “cortadoras” (responsáveis pelo maior percentual de ocorrências) e “copiadoras”; (b) não exibia o qualquer ocorrência do clítico acusativo para referência à terceira pessoa, preferindo uma “categoria vazia”, ou objeto nulo, muito mais frequente do que o uso do “pronome nominativo”, de ocorrência bem inferior, ao contrário do que supõem os que legislam sobre a gramática do português do Brasil; (c) que a ausência de marcas de concordância nos modificadores no interior do SN era muito frequente e passível de sistematização. (DUARTE, 2015, p. 87).

A teoria utilizada vai depender do fenômeno analisado, mas como acima mencionado, a autora reforça que, sem uma teoria linguística, mesmo que seja aquela com base na tradição gramatical, os estudos sociolinguísticos não seriam capazes de definir variável, fatores linguísticos e hipóteses de trabalho.

Em seu artigo, Duarte (2015) não deixa de mencionar o pioneirismo de Tarallo com relação aos estudos sintáticos que começavam a ganhar um grande impulso na pesquisa sobre o PB. Como ela afirma, nos anos 80, Fernando Tarallo retorna ao Brasil, depois de realizar seu doutorado na Universidade da Pennsylvania (1983), interessado em aplicar o modelo variacionista nos fenômenos que ele observava estarem em mudança no PB. Para isso, ele precisava de uma teoria que o auxiliasse a encontrar, “nos fenômenos em variação no PB, reflexos do que caracterizava os parâmetros propostos no âmbito da teoria gerativa” (DUARTE, 2015, p.88). A teoria gerativa o ajudaria a entender as mudanças superficiais que observava e associá-las a outras mudanças mais abrangentes. Em outras palavras, para estudar um fenômeno que estava em processo de mudança sintática no PB, Tarallo vê na Teoria da Variação e Mudança aparato para compreender a mudança, enquanto a Teoria de Princípios e Parâmetros o ajudaria a descrever a estrutura sintática envolvida nesse processo, interessada em levantar parâmetros da variação interlinguística.

Para Duarte, no momento em que Tarallo inicia esses estudos era natural o espanto pela união da teoria variacionista e a teoria gerativa. Por isso, a crítica feita pela comunidade

linguística, na época, é compreensível.<sup>4</sup> De acordo com Duarte, essa crítica deve ser interpretada em relação ao momento histórico (1988), momento em que não havia outros modelos teóricos sobre mudança. Para a autora faltou reflexão sobre o fato de o modelo de variação não constituir uma teoria da linguagem. Deve-se ter em mente também que, naquele momento, a preocupação central da teoria gerativa era formular os princípios universais da Gramática Universal (GU), sendo posteriores os trabalhos clássicos que discutem a possibilidade de mudanças na marcação de um parâmetro afetar outros pontos da gramática que supostamente estariam relacionadas àquele parâmetro.

Dessa forma, Duarte defende que os cuidados de Tarallo no texto de 1987 são compreensíveis para o momento, mas que hoje não seriam mais necessários. De acordo com a autora o “casamento” dessas duas teorias, formalizado em Tarallo e Kato (1989), “viria a produzir frutos a partir de análises que permitiriam interpretar processos de mudança em curso no PB” (DUARTE, 2015, p. 89).

Como acima mencionado, a partir do avanço dos estudos que evidenciam a mudança diacrônica, a teoria gerativa passa a se preocupar com a mudança linguística. Duarte cita os trabalhos de Lighfoot (1991) e Kroch (1989, 1994) como exemplos relevantes da formulação de propostas para incluir os problemas observados nos fenômenos em variação ao longo do tempo, dentro do modelo gerativista.

Além de mostrar a discussão em torno da proposta de Fernando Tarallo (1987) em unir pressupostos da Teoria Paramétrica com pressupostos da Teoria Variacionista e justificá-la, como exposto acima, Duarte (2015) também apresenta uma série de estudos sobre a mudança na representação do sujeito pronominal no PB, que se basearam nessa proposta de Tarallo (1987).

Entre os primeiros estudos sobre a representação do sujeito pronominal, destacam-se os trabalhos de Lira (1982) e Paredes Silva (1988) que analisam a alternância de “sujeito zero” e pronome exposto, associando à teoria variacionista e aos pressupostos funcionalistas. Além de Tarallo (1983) e Moreira da Silva (1983) que observam a assimetria entre sujeito pronominal exposto e objeto nulo. Esses estudos mostram que a realização do sujeito pronominal no PB caminha em direção oposta ao objeto nulo. Esses resultados seriam corroborados por diversos estudos posteriores.

---

<sup>4</sup> Em particular Borges Neto (2004) faz uma crítica contundente para evidenciar a incompatibilidade desses dois modelos teóricos devido aos pressupostos de cada um deles. O modelo gerativista interessado no que seria invariável entre as línguas e o modelo variacionista interessado na variação inerente.

As investigações sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB levantam uma série de hipóteses sobre fenômenos que estariam relacionados ao apagamento do sujeito. Entre elas destaca-se a hipótese de que a implementação dos pronomes *você* e *a gente* no quadro pronominal brasileiro teria provocado uma redução da flexão verbal. Estudos também mostram que a terceira pessoa é mais resistente a essa mudança, e justificam esse comportamento devido ao fato do antecedente na oração matriz ter a mesma função do pronome (sujeito nulo anafórico) ou por um tópico discursivo (sujeito nulo variável). Outro importante fenômeno que parece influenciar o apagamento do sujeito é o grau de referencialidade do pronome. Sujeitos com antecedentes [+humano/+específico] caminham mais rapidamente em direção ao pronome pleno, o que reforçaria a resistência da terceira pessoa, uma vez que enquanto a primeira e segunda pessoas são inerentemente [+humano] e [+específico], a terceira pessoa pode variar entre [+/- humano] e [+/- específico].

### 1.3.3. *Mudança e difusão da mudança*

Roberts (2007) defende igualmente a possibilidade do diálogo entre uma teoria internalista, como a dos Princípios e Parâmetros, e os aspectos externos levantados pela Sociolinguística em estudos de fenômenos de variação e mudança. Naturalmente, o autor observa que as duas teorias apresentam algumas diferenças aparentemente conflituosas sobre a mudança linguística: para a gerativa a mudança é catastrófica e interna, enquanto para a sociolinguística a mudança é lenta e gradual (não fica restrita a um indivíduo, mas se espalha na comunidade de fala).

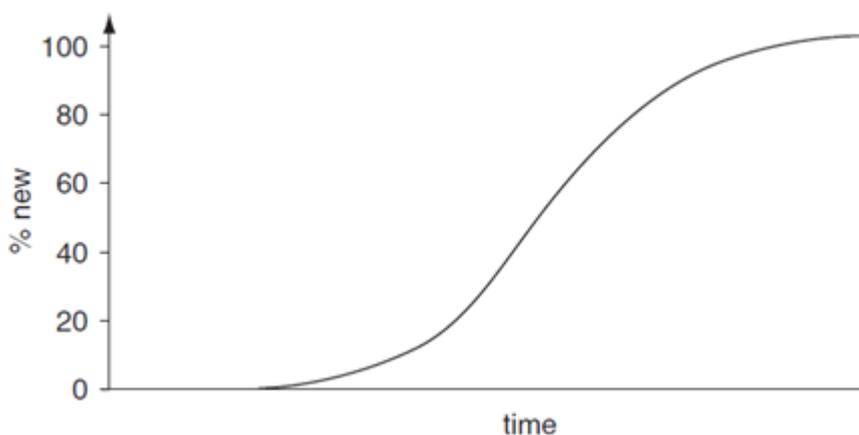
Contudo, Roberts (2007), com base em Kroch (1989, 2000), defende que esse conflito pode ser resolvido. O ponto de partida é o texto de Hale (1998), que diferencia mudança (*change*) de difusão (*diffusion*). Difusão seria o processo em que a forma inovadora se espalha para aqueles contextos/conjuntos com que o inovador teve contato. “A difusão pode ter propriedades temporais (diferente da mudança) e a evidência da mudança é preservada nos registros históricos (na forma de difusão), como uma testemunha da substituição de um sistema por outro ao longo do tempo” (ROBERTS, 2007, p. 297).

O autor defende que diversos fenômenos que se observam na forma como uma mudança é implementada têm a ver com a realidade externa da mudança e que não afetam os pressupostos da gramática gerativa, que se preocupa em formular parâmetros. A teoria gerativa está preocupada em descobrir como a mudança acontece na mente do indivíduo, ela não se interessa

pela forma como a mudança é implementada na comunidade, ou seja, não se interessa pela difusão da mudança.

Roberts se apoia em Kroch (1989, 2000) para ilustrar o fato de que o curso de uma mudança não aparece de forma instantânea nos registros históricos, mas segue um percurso que desenha um tipo de curva-S no gráfico dos resultados. Assim, a curva-S revela que a mudança aparece de forma lenta, depois ganha velocidade e então se estabiliza. (cf. figura 1)<sup>5</sup>.

Figura 1: Curva-S



Roberts acredita que Kroch consegue resolver o problema do paradoxo do percurso temporal no curso da mudança e o caráter instantâneo da mudança paramétrica na mente do falante que adquire a língua, ao formular a ideia de gramáticas em competição. O falante internaliza sistemas gramaticais distintos e, com o tempo, pode ocorrer a substituição de uma forma pela outra, ou uma especialização, na qual cada uma das formas em competição se especializa em contextos distintos. O que é relevante, segundo Roberts, é o que Kroch (1989) chama de Efeito da Taxa Constante, segundo a qual durante o processo de competição de gramáticas, a taxa com a qual a forma nova se espalha será igual em diferentes contextos avaliados.

Para Roberts (2007), o Efeito da Taxa Constante é interessante por duas razões: primeiro, por amenizar a substituição gradual de uma forma por outra na competição de gramáticas. A gradação é um efeito sentido através da implementação da mudança na comunidade de fala. Segundo, por provar diretamente o agrupamento de efeitos que se espera na mudança paramétrica. Os ‘diferentes contextos’, de Kroch (1989, 2000), se referem a diferentes manifestações superficiais de um mesmo parâmetro.

<sup>5</sup> Figura retirada de Roberts (2007, p. 297), identificado no original como figura 4.1.

A noção de competição de gramáticas envolve também a noção de *diglossia sintática*, que é diferente da diglossia do bilíngue, em que se supõe a existência pacífica de duas gramáticas. Em relação à competição de gramáticas, a diglossia se refere aos casos em que tendo duas gramáticas, cada uma delas será associada a um conjunto de funções sociolinguísticas distintas, ou quando uma delas representa uma variedade vernácula (aprendida durante a aquisição) e a outra representa a variedade de prestígio (aprendida de maneira formal). De acordo com Roberts (2007), a Curva-S, o Efeito da Taxa Constante e a noção de gramáticas em competição são fenômenos de natureza extragramatical, que escondem o caráter instantâneo da mudança. De acordo com o autor, todos esses fenômenos estão associados com o efeito da propagação da mudança na comunidade de fala. Por isso, o autor defende que a gradação da mudança é apenas aparente. O que na verdade é gradual, para Roberts, é a difusão da mudança paramétrica.

Outros fatores que deram origem à miragem da gradação (além da competição de gramáticas) são divididos em dois tipos: fatores sociolinguísticos (idade, sexo, registro artificial e restrito, fala, escrita, etc.), e fatores que nascem a partir do próprio sistema gramatical (difusão lexical, parâmetros refinados, etc.). Esses fatores são independentes, mas seu efeito combinado é a miragem da gradação. Esses fatores podem amortecer os efeitos de uma mudança instantânea no registro histórico.

Dessa forma, pode-se dizer que o acionamento para a mudança é a introdução de uma forma nova, enquanto o momento de transição da mudança é o espalhamento dessa forma nova através da comunidade de fala. A discussão paramétrica se dá em torno de aspectos formais da variação e mudança de sistemas gramaticais, enquanto a abordagem variacionista se preocupa com a manifestação da variação e mudança em uma comunidade de fala.

## **Capítulo II: Estudos sobre a presença vs. ausência do artigo definido em sintagmas nominais possessivos.**

Neste capítulo, intitulado *Estudos sobre a presença vs. ausência do artigo definido em sintagmas nominais possessivos*, apresentamos as hipóteses centrais defendidas em estudos recentes que trataram o fenômeno variável do artigo em expressões nominais possessivas, tanto no PE, quanto no PB. A seleção priorizou pesquisas que se concretizam dentro da perspectiva gerativista. Consideramos ser importante essa abordagem comparativa, tanto do ponto de vista histórico, quanto sincrônico, uma vez que as duas variedades apresentam gramáticas distintas no que se refere ao fenômeno em estudo. Nas diferentes subseções que compõem o capítulo apresentamos os estudos selecionados, a saber: Castro e Costa (2002), Castro (2006), Floripi (2008), Rinke (2010), Galo (2015). Vale ressaltar que, na apresentação das diferentes propostas que selecionamos, fomos incorporando e destacando as fontes teóricas que as embasaram e que também nos serão úteis para a nossa proposta de análise. Assim, destacamos as discussões sobre a natureza dos possessivos e artigos, estrutura do DP possessivo entre outras, elaboradas em textos clássicos, entre eles, Lyons (1985), Giorgi e Longobardi (1991) e Schoorlemmer (1998), Cardinaletti (1998) e outros.

O objetivo da revisão dessa literatura pertinente é traçar um panorama do que já tem sido proposto a respeito do fenômeno presença vs. ausência do artigo definido em sintagmas possessivos. Iremos enfatizar diferentes hipóteses sobre a estrutura do DP possessivo, apresentando os pontos relevantes que direcionaram cada autor na elaboração de suas análises. Igualmente iremos destacar os resultados quantitativos apresentados em alguns desses trabalhos.

### **2.1. Uma proposta tipológica para os adjetivos**

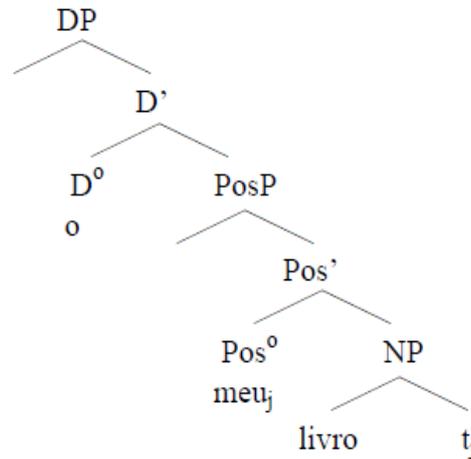
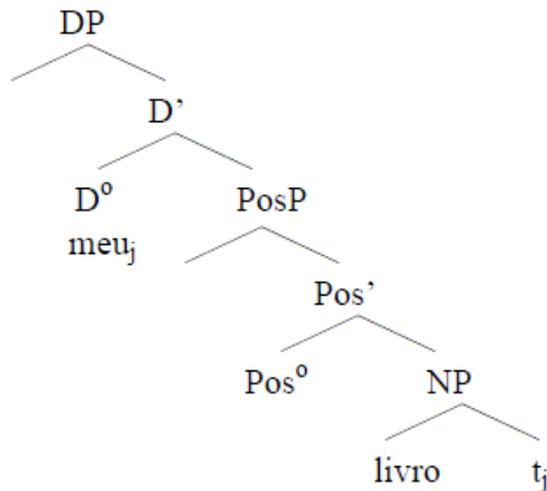
Ao observar o comportamento das diferentes línguas quanto ao sistema possessivo, surge uma proposta tipológica de análise. Essa proposta é compartilhada por diversos estudos, entre eles Lyons (1985), Giorgi e Longobardi (1991) e Schoorlemmer (1998). De acordo com essa tipologia, há dois tipos de línguas: aquelas cujo possessivo comporta-se como adjetivo; e aquelas cujo possessivo comporta-se como determinante. A principal evidência dessa distinção é a possibilidade de uso de artigo definido com o pronome possessivo.

Schoorlemmer (1998) divide as línguas em dois tipos: línguas do Tipo 1 e línguas do Tipo 2. Se o pronome comporta-se como adjetivo, é possível que ele coocorra com um artigo definido, é o caso das línguas do Tipo 1, como o italiano, russo e búlgaro. As línguas em que o pronome comporta-se como determinante não permitem que o artigo definido acompanhe o sintagma possessivo, são chamadas de línguas do Tipo 2, entre elas estaria o inglês, francês e holandês.

Portanto, Schoorlemmer (1998) defende que em línguas do Tipo 1 o pronome não ocupa a posição D, deixando, assim, essa posição livre para a inserção de um artigo. Ao contrário, as línguas do Tipo 2 teriam o próprio possessivo ocupando a posição D, não deixando espaço para o licenciamento de um artigo. Para a autora, a variação de comportamento estaria relacionada com uma opção paramétrica do licenciamento do traço de definitude. A diferença está no lugar de licenciamento do traço [+definido], se em uma posição projetada para o possessivo (posição Poss) no interior do DP ou em D.

Nesses termos, línguas que licenciam o traço de definitude em Poss permitem que o possessivo permaneça no núcleo de PossP, deixando livre a posição D para o artigo definido. O resultado dessa gramática são línguas que sempre utilizam o artigo com o possessivo, como o italiano. Já as línguas que realizam a checagem de traço [+definido] em D não permitem o uso de artigo junto a pronome possessivo, como o francês. A hipótese é de que quando a projeção funcional PossP não checa o traço de definitude, força o elemento a se mover para D para a checagem desse traço.

Observe na Figura 2 a estrutura proposta por Schoorlemmer para línguas como o italiano, e na Figura 3 a estrutura para as línguas como o francês.

Figura 2: Línguas do Tipo 1<sup>6</sup>Figura 3: Línguas do Tipo 2<sup>7</sup>

Repare que, nas duas estruturas, o possessivo é gerado dentro do NP<sup>6</sup>. A diferença é apenas a posição para onde esse elemento será alçado para a checagem do traço de definitude: se para Poss ou para D.

Para explicar essa distinção, Schoorlemmer (1998) chega à seguinte tipologia:

- (i) Línguas do tipo 1 exigem o uso do artigo em construções possessivas pré-nominais, permitem que um possessivo definido ocorra em DPs indefinidos, e não apresentam uma forma especial de possessivo para contextos de elipse nominal;

<sup>6</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p. 190), identificado no original como exemplo 178.

<sup>7</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p. 190), identificado no original como exemplo 177.

- (ii) Línguas do tipo 2 não permitem o uso de artigo em construções possessivas, não permitem o uso de possessivo definido em DPs indefinidos, e apresentam uma forma especial de possessivo para contextos de elipse nominal.

Essa proposta tipológica foi discutida em diversos estudos envolvendo a natureza do DP possessivo. Traremos a seguir outras propostas, que partem da análise de Schoorlemmer (1998). Castro (2006), por exemplo, mostra que o português apresenta problemas para essa tipologia.

## 2.2. A proposta do artigo expletivo lexical e nulo

Castro e Costa (2002) e Castro (2006) investigam a natureza da variação observada entre PB e PE em relação ao uso do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais e uma possível caracterização tipológica que se adequasse às duas línguas.

Os autores observam que, de acordo com a proposta tipológica de Schoorlemmer (1998), apresentada acima, o PE moderno seria classificado como uma língua do Tipo 1, uma vez que exige a presença de artigo definido junto a pronomes possessivos pré-nominais. Ao contrário, o PB seria classificado como uma língua do tipo 2, pois permite a ausência do artigo diante de possessivos pré-nominais, embora em variação.

Castro (2006), em particular, enfatiza que o PE se comporta de maneira diferente de uma língua do Tipo 1, como italiano ou catalão, por apresentar algumas propriedades das línguas de Tipo 2, entre elas, os possessivos pré-nominais ocorrerem em contextos de focalização e de contraste, como abaixo exemplificado<sup>8</sup>:

(1)

- |    |   |           |
|----|---|-----------|
| a. | Pedi-te (o) MEU livro, não o TEU.         | Português |
| b. | Ti ho chiesto il libro MIO, non il TUO    | Italiano  |
| c. | T'he demanat el MEU llibre, no pas el TEU | Catalão   |

A autora também adiciona o fato de que o PE se comporta de maneira diferente do italiano e catalão em relação ao uso do artigo indefinido com pronome possessivo pré-nominal<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Exemplos retirados de Castro (2006, p. 209-210), identificados no original, respectivamente, como: exemplo 325, 323 e 327.

<sup>9</sup> Exemplos retirados de Castro (2006, p. 212), identificados no original, respectivamente, como: exemplo 330a e 331a.

(2)

- a. \*Fui tomar café com **um meu** amigo ontem. Português
- b. Sono andato a prendere un café com **um mio** amico ieri. Italiano

As mesmas reflexões podem ser feitas para o PB, que tem uso variável do artigo definido diante do possessivo, mas não se diferencia do PE nas propriedades acima mencionadas. Onde se encaixaria tipologicamente o PB? Concordamos com os autores no sentido de não assumirmos que uma possível variação paramétrica entre o PE e o PB seja resultante do contraste categorial adjetivo vs. determinante do possessivo pré-nominal, uma vez que os problemas descritivos que se verificam para o PE, são os mesmos para o PB<sup>10</sup>.

Vale ressaltar que Castro (2006) ainda rejeita o Parâmetro Possessivo dentro da Gramática Universal (GU), proposto por Lyons (1985) e Giorgi & Longobardi (1991). Como se sabe, *The Possessive Parameter* foi formulado nos seguintes termos: elementos possessivos são sintaticamente realizados na superfície, ou como Adjetivo (como no italiano), ou como Determinante (como no inglês e no francês). Castro ressalta igualmente que Lyons (1985) reconhece que essa distinção não se apresenta de maneira rígida entre as línguas, uma vez que, dependendo de certos contextos, pode ocorrer variação. No italiano e no catalão, por exemplo, permite-se o possessivo sem artigo com nomes de parentesco.

Dessa forma, Castro e Costa (2002) e Castro (2006) rejeitam a hipótese de que a diferença entre PB e PE no uso do artigo definido diante de sintagmas possessivos esteja relacionada ao comportamento do possessivo como adjetivo ou determinante. Os autores passam a considerar

<sup>10</sup> Nesse cenário das línguas românicas cabe trazer também um pequeno comentário sobre o galego, já que galego e português tiveram, em um determinado momento da formação das línguas românicas, um embrião em comum. Como em português, as frases nominais (FN) em galego permitem complementos que acompanham o substantivo núcleo. Esses complementos podem ser determinantes e modificadores. Os determinantes seriam os elementos responsáveis por determinar gramaticalmente o núcleo e não teriam significado lexical. Os determinantes e modificadores são opcionais na FN. Em galego, assim como em português, o possessivo pode ser posposto ou anteposto ao substantivo, e de acordo com Álvarez e Xove (2002) “se o posesivo vai anteposto, o substantivo vai determinado como ‘definido’, acompanhado em xeral dos determinantes ‘definidos’” (artigos definido e demonstrativos – sendo o uso do artigo mais frequente). Mas, em alguns casos, o próprio substantivo pode carregar a definição, ou seja, podem aparecer sem artigo definido. (ÁLVAREZ; XOVE, 2002, p. 475). Dessa forma, o galego se assemelha ao PB no sentido de permitir a variação entre ausência ou presença do artigo definido diante de pronomes possessivos, preferindo a forma com artigo definido. Os exemplos abaixo foram retirados de Álvarez e Xove (2002, p. 473 – 474):

a. O meu son as matemáticas. Todo o mundo anda ó seu [‘interesse, capacidade, traballo... natural, propio’].  
 b. A trabe venceuse algo e non volve ó seu. Tiveches uns días malos, pero vexo que xa volviches ó teu [‘estado natural, propio’].

Custúno-lo noso, pero conseguímollo. Non vos dou máis, que xa coméste-lo voso. Xa lexa chovido o seu [‘cantidad, parte elevada que corresponde’].

a natureza pronominal dos possessivos, ao estender a tipologia pronominal forte e fraco de Cardinaletti (1998) e Cardinaletti e Starke (1999) aos sistemas possessivos.

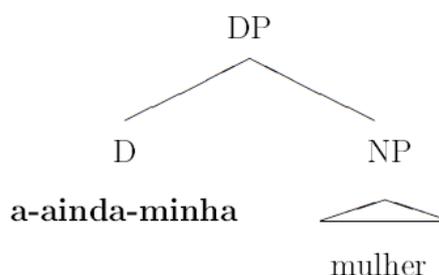
Como se sabe, Cardinaletti (1998) e Cardinaletti e Starke (1999), seguindo Lyons (1986), defendem que a presença ou ausência do artigo em sintagmas possessivos seria reflexo do estatuto forte ou fraco do pronome. As formas fracas não aceitam o artigo definido enquanto as formas fortes permitem essas combinações.

Castro e Costa (2002) acrescentam mais uma modalidade à distinção de Lyons: os possessivos se dividiriam em formas fortes, fracas e clíticas. As formas clíticas ocorrem em adjunção ao núcleo de DP, enquanto os pronomes fracas ocupam uma posição de especificador, no caso, Spec, D, e se caracterizam por não poderem ser modificados, coordenados ou focalizados. Nesse último aspecto, as formas fracas se diferenciariam dos pronomes fortes.

Ao analisar o comportamento sintático do possessivo do português e compará-lo com as propriedades discutidas por Cardinaletti (1998) e Cardinaletti e Starke (1999), Castro e Costa (2002) e Castro (2006) assumem que as propriedades em relação às características forte, fraco e clítico variam conforme a posição do possessivo dentro do DP.

A hipótese é a de que os possessivos pós-nominais no português sejam categorias máximas (XP), com propriedades semelhantes à dos pronomes fortes do italiano. Da mesma forma, os possessivos pré-nominais não são clíticos, mas também não apresentam características uniformes que permitam classificá-los como XP.

Além disso, Castro (2006) aplica uma série de testes para verificar o comportamento dos possessivos pré-nominais e alguns advérbios no PE. Com esses testes, ela conclui que a diferença do comportamento do sistema possessivo está relacionada com a posição do possessivo dentro do DP. O traço de definitude estaria associado à posição D. Assim, os possessivos pré-nominais, embora pronomes fracas, no sentido de Cardinaletti e Starke (1999), ocupariam a posição D, em adjunção ao artigo definido e certos advérbios (cf. figura 4). Já os possessivos pós-nominais seriam categorias máximas, ou seja, pronomes fortes, ocupando a posição de complemento. Portanto, não estariam condicionados pela restrição de interpretação definida.

Figura 4: Possessivo em adjunção ao artigo<sup>11</sup>

A autora assume que o possessivo no PE moderno é o elemento responsável pela definitude e especificidade do DP. Nestes termos, o artigo definido fica esvaziado de sua significação e é interpretado como um expletivo. Com isso, o artigo definido não interfere na interpretação de DPs com nomes próprios, possessivos genéricos e pré-nominais. A autora sustenta a hipótese de que a diferença entre PE e PB quanto ao uso de artigo definido junto a pronome possessivo estaria, portanto, fora do sistema possessivo. A diferença estaria no sistema do determinante, mas seria uma diferença paramétrica de natureza fonológica: ou seja, no PB, ao contrário do PE, a gramática licenciaria um artigo expletivo nulo. Resultado: no PE, o artigo expletivo deve ser realizado obrigatoriamente; no PB pode ser nulo fonologicamente.

Em resumo, vemos que Castro (2006) traz uma abordagem comparativa bastante interessante entre o PE e o PB. O que mais vai nos interessar são duas de suas hipóteses. A primeira é a hipótese de que nada no sistema dos possessivos separa o PE e o PB. A segunda é a de que, nas duas variedades, o artigo diante do possessivo é um expletivo, ou seja, não tem conteúdo semântico, de forma que o possessivo é quem comporta a semântica da definitude dos DPs. Como Floripi (2008) contesta, porém: o que teria motivado esse parâmetro?

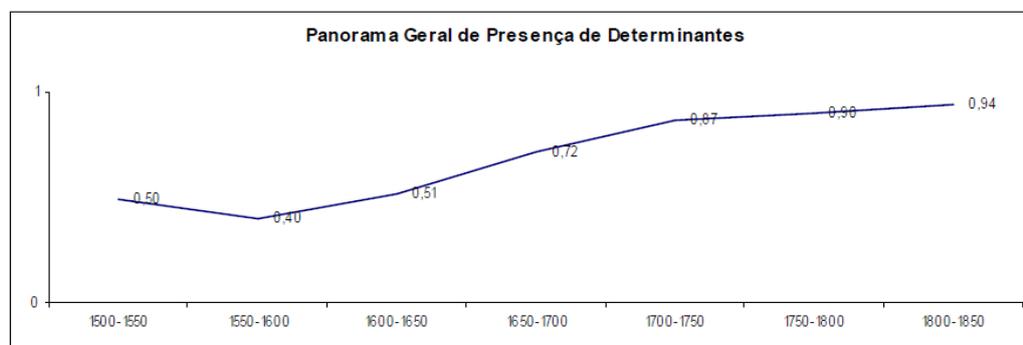
### 2.3. Competição de gramáticas e reanálise

Floripi (2008) analisa o padrão de uso de artigo definido com pronome possessivo pré-nominal no PE do século XVI ao século XIX, observando que houve uma mudança nesse padrão ao longo dos séculos. Entre os séculos XVI e XVII percebe-se a existência de duas gramáticas: uma com artigo definido e outra sem o artigo. A partir do século XVII, porém, observa-se um aumento sistemático no uso da forma possessiva com artigo.

<sup>11</sup> Figura retirada de Castro (2006, p. 222), identificado no original como exemplo 350.

Observe o gráfico apresentado pela autora:

Figura 5: Presença de artigo definido na história do PE<sup>12</sup>



A hipótese de Floripi é a de que uma das gramáticas do português clássico teria sido reanalisada, acarretando na generalização do uso do artigo. Baseada em Kroch (1989, 2000), Floripi sugere que, durante o período em que as duas formas coocorriam, o que havia era um processo de competição de gramáticas. Nesse momento o português permitia as duas gramáticas: uma como o italiano (cf. Figura 6), e outra como o francês. (cf. Figura 7). O que houve, de acordo com essa proposta, foi a substituição da forma antiga pela nova. Com períodos intermediários de coocorrência das duas formas em competição.

Para Floripi (2008), a análise de seus dados revela que o fator categorial do possessivo não é tão relevante para licenciar ou não o uso do artigo definido em DP possessivo. O que aparece como significativo é a presença de uma preposição<sup>13</sup>. Dessa forma, a autora defende que a presença da preposição foi um fator atuante para a mudança ao longo da história do PE.

A hipótese que a autora defende é a de que a preposição estaria sendo analisada não como núcleo lexical, mas funcional. Dessa forma seria possível a contração da preposição com traços do determinante. Entretanto, essa contração seria realizada morfologicamente. A mudança que se verifica no percurso entre o português antigo e contemporâneo seria a capacidade de licenciamento dos traços de definitude em D, por projeção estendida, por parte das preposições, o que permitiria que o artigo fosse omitido em alguns casos.

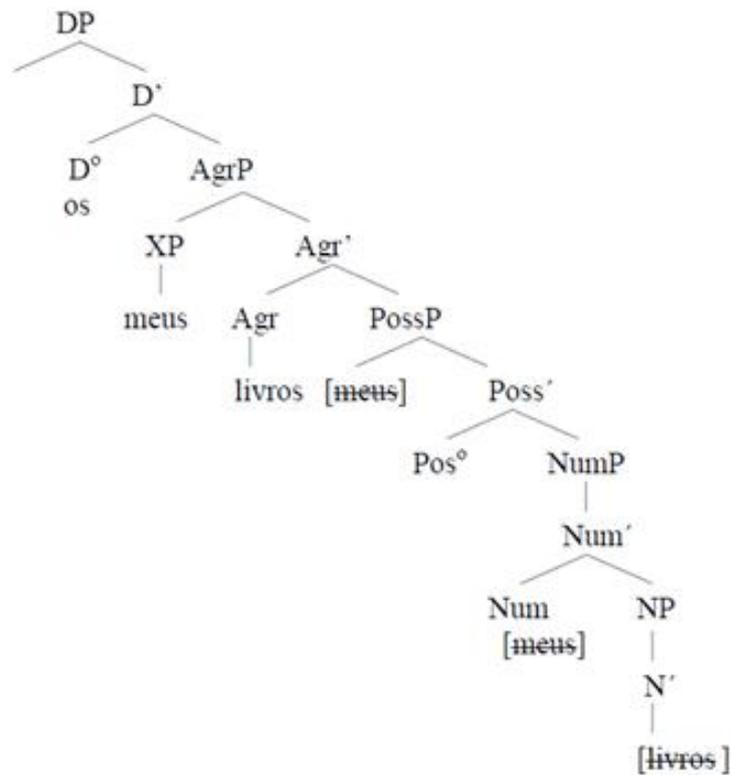
Floripi (2008) assume que dentro das gramáticas possíveis para a estrutura do DP possessivo haveria uma que contemplaria a projeção Agr, responsável pela concordância entre

<sup>12</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p.138), identificado no original como gráfico 2.

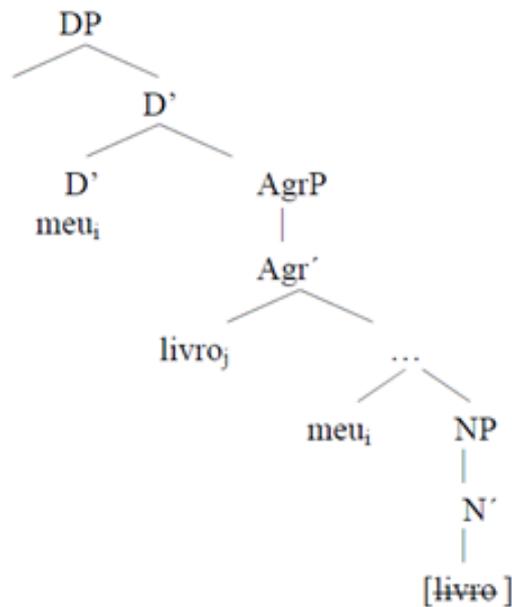
<sup>13</sup> Por isso, entre as variáveis independentes analisadas em nossos dados estão o tipo de sintagma (nominal ou preposicionado) e o tipo de preposição.

os elementos relacionados pela posse. Com isso, seria confirmada a hipótese de que a preposição e o artigo podem se concatenar sem interferir no possessivo, que se encontra em uma posição mais baixa. Observe nas Figuras 6 e 7, a seguir, as representações propostas por Floripi, a partir das estruturas de Schoorlemmer (1998), apresentadas na Figura 2 e Figura 3, na seção 2.1.

Figura 6: estrutura do Tipo 1 (italiano) com Agr<sup>14</sup>



<sup>14</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p. 190 e 191), identificada no original como exemplo 191.

Figura 7: estrutura do Tipo 2 (francês) com Agr<sup>15</sup>

Dessa forma, Floripi (2008) assume que a mudança no comportamento dos artigos diante de possessivos no PE teria acontecido em dois momentos. O primeiro teria se iniciado antes do período estudado pela autora, século XVI, o qual seria o período de competição entre as gramáticas do tipo do italiano e do tipo do francês, com base na tipologia de Schoorlemmer (1998). Nessa competição, vence a gramática do tipo italiano, a partir do século XIX. Floripi, entretanto, com base em Castro (2006), reconhece um segundo momento de mudança no PE moderno, que pode ser entendido como reanálise na gramática do tipo do italiano, caracterizando assim, uma situação de variação dialetal: (i) uma variante mais conservadora não altera o estatuto do possessivo como XP, sem movimento para D; (ii) uma variante inovadora, na qual o possessivo passa a se comportar como núcleo e não mais como categoria máxima, ocupando a posição D, juntamente com o artigo definido. (cf. seção 2.2.) Observe o quadro abaixo, onde se expõe essa hipótese.

<sup>15</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p. 210), identificado no original como exemplo 190.

Figura 8: Português europeu clássico e moderno<sup>16</sup>

	Português Clássico	Português Europeu
Gramática 1	[D meu] [+definido, +possessivo]	
Gramática 2	[D o ]            [AgrP meu ] [+definido]    [+possessivo]	[D o meu] [+definido, +possessivo]  [D o]            [AgrP meu] [+definido] [+possessivo]

Entretanto, Floripi discorda de Castro (2006) em relação à hipótese do artigo expletivo. Para Floripi, na reanálise que a gramática do tipo italiano passou, o traço de definitude, antes associado ao traço de possessividade em D, passa a ser morfologicamente realizado através do artigo. Ou seja, os traços seriam dissociados, tornando o artigo detentor do traço [+definido], enquanto o pronome possessivo passa a ser detentor do traço [+possessivo]. No entanto, como dissemos, Floripi concorda com Castro no sentido de que a contiguidade do artigo e do possessivo, e a interpretação definida do DP, provocam o movimento do possessivo para D.

Em resumo, destacamos que Floripi (2008) analisa a combinação de determinante com o pronome possessivo na história do PE, através da obra de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI a XIX. A autora observou que, nos séculos XVI ao XVII, as duas formas, com e sem determinante, coocorriam. A partir do século XVII, porém, a forma com determinante passa a ser cada vez mais produtiva até se tornar categórica, a partir do século XIX. A pesquisadora percebeu também que o fator crucial para essa mudança é a presença ou não da preposição antes do sintagma possessivo, nesse caso, a preposição favorece o uso do artigo antes do possessivo.

Com base em Schoorlemmer (1998), a pesquisadora defendeu que as gramáticas presentes no português clássico seriam uma como a do francês (que não permite o artigo em sintagma possessivo); e outra como do italiano (com artigo). Considerando a estrutura articulada do DP (contendo categorias funcionais), numa gramática do tipo do francês, o possessivo ocuparia a posição D, instanciando os traços [+possessivo] e [+definido]. Na

<sup>16</sup> Figura retirada de Floripi (2008, p. 217), sem numeração no original.

gramática do tipo do italiano o possessivo permaneceria como núcleo de PossP, deixando a posição D livre para inserir o artigo definido, que checará o traço de definitude. Essa seria a gramática do PE moderno, com uma diferença: o possessivo se move para D, nos moldes do proposto em Castro (2006). Para Floripi, entretanto, a mudança estaria associada a uma reanálise em que o traço de definitude, antes associado ao traço possessividade, passa a ser realizado morfologicamente através do artigo definido. Floripi rejeita, pois, a hipótese de que o artigo se comporte como expletivo, defendida por Castro (2006).

#### **2.4. Gramaticalização do artigo definido na história do português**

Rinke (2010) realiza também uma abordagem diacrônica da realização vs. apagamento do artigo definido diante de possessivo no PE. Em consonância com Floripi (2008), a autora assume que a mudança que se verifica no PE, decorre de reanálise na natureza do artigo definido, e não do sistema possessivo. No entanto, a autora tem outra hipótese para dar conta da mudança: trata-se de um processo de gramaticalização que o artigo definido teria sofrido ao longo da história do PE, a qual leva à generalização/extensão do artigo definido aos contextos possessivos.

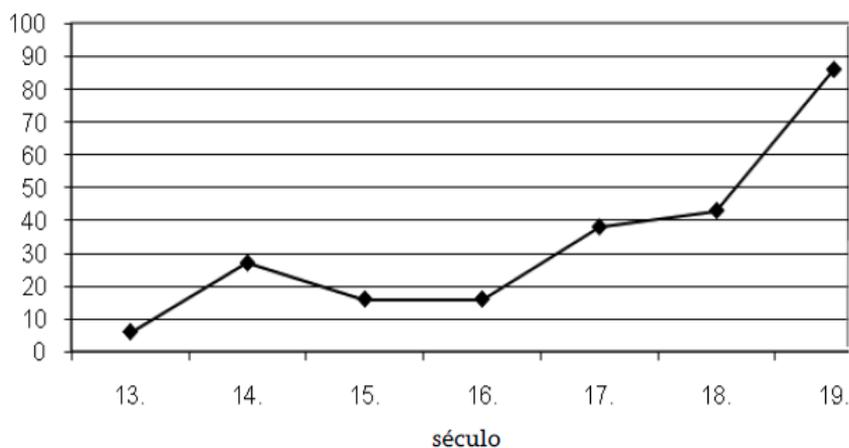
Rinke faz uma pesquisa diacrônica da combinação do artigo definido com pronome possessivo através da análise de textos do PE do século XIII ao XIX<sup>17</sup>. Assim como Floripi (2008), Rinke observa uma curva ascendente em relação à presença do artigo definido em sintagmas nominais possessivos na história do PE. Partindo de ausência categórica no século XIII, até a categorização do uso no século XIX. Observe o gráfico abaixo:

---

<sup>17</sup> Costa (2002) considera fatores morfossintáticos que estão em jogo na variação entre presença vs. ausência do artigo definido em DP possessivos, com resultados quantitativos que confirmam os de Rinke (2010), com relação ao português arcaico (PA). O estudo de Costa contempla o percurso histórico que vai do século XIII- com os documentos editados por Clarinda Maia – até meados do século XVI, com os Diálogos (1540) de João de Barros. Assim, como dissemos acima, os seus resultados quantitativos revelam também que, nos primeiros tempos do PA, há um percentual muito baixo na realização do artigo definido. No percurso até o século XVI- final do período arcaico - há um crescimento percentual relevante, embora ainda bastante inferior se o comparamos com PE atual. De fato, a pesquisadora registra, no Diálogo da Viciosa Vergonha, 28,57% de realização do artigo e, no Diálogo em Louvor da Nossa Língua, 37,87%.

Vale lembrar que Mattos e Silva (2008), no seu estudo sobre os Diálogos de São Gregório, texto do século XIV registra, não apenas um quadro dos possessivos mais refinado, com formas femininas átonas em variação com as tônicas (ma ~ mha ~ minha; ta ~ tua; sa ~ sua), como ilustra a variação na linguagem dos Diálogos, como em (i): (i) ... “e maravilhando-se Juião, mandadeiro do papa, porque o seu homem tanto tardara, alçou os seus olhos e viu-o viir pola carreira com hua cárrega de feo sobre seu colo”. (Mattos e Silva, 2008, p. 390).

Figura 9: Presença do artigo definido em sintagmas possessivos<sup>18</sup>



Rinke (2010) acredita que as teorias que explicam a combinação do artigo com pronome possessivo através do estatuto do possessivo são válidas para línguas que têm um sistema de artigo definido. O que não é o caso do latim vulgar, que combina os possessivos com pronomes demonstrativos, quantificadores e numerais. “Partindo da generalização de Longobardi (1994) de que os sintagmas nominais em posição argumental têm universalmente uma estrutura DP, o núcleo D° nestas línguas não tem realização lexical.” (RINKE, 2010, p. 124).

Apoiada em Longobardi (1994), Rinke defende a ideia de que os possessivos não podem ser classificados como determinantes, uma vez que ocorrem em posição não argumental, por isso, não dispõem de categoria D em construções como a seguir<sup>19</sup>:

(3)

- a. O gato, seu único companheiro, estava deitado ao sol. (HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, 1998, p. 72 *apud* Rinke, 2010)
- b. Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Excelência
- c. Meu Deus!
- d. Aquela senhora é minha professora.

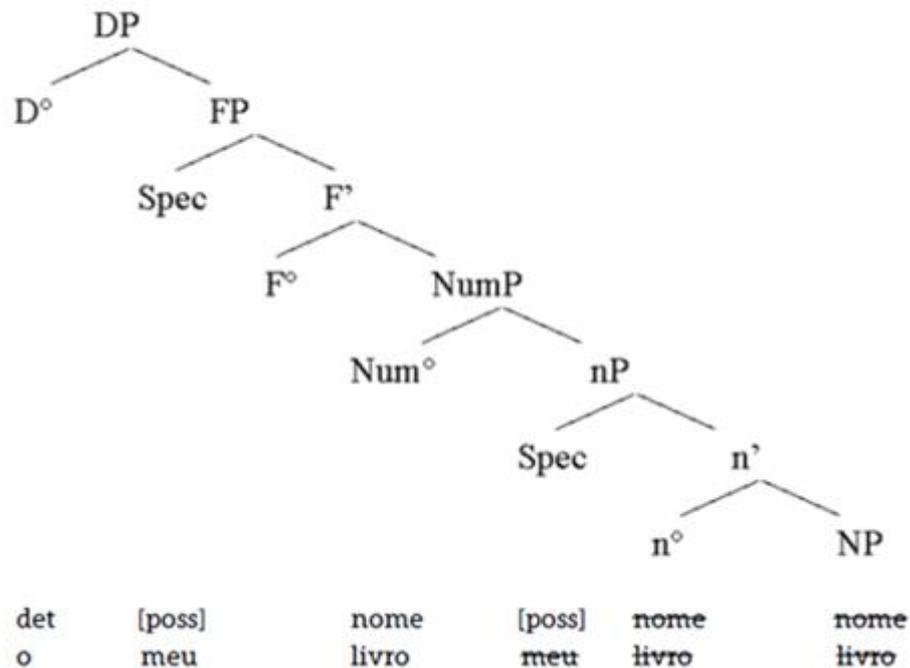
Assim, Rinke defende que o possessivo não ocupa a posição D, mas apresenta um movimento para o núcleo de uma categoria funcional (FP), projetada entre o DP e NumP, esta última analisada igualmente como uma categoria funcional, para onde o núcleo do Sintagma

<sup>18</sup> Figura retirada de Rinke (2010, p.130), identificado no original como diagrama 1.

<sup>19</sup> Exemplos retirados de Rinke (2010, p. 125), identificados no original como exemplos 8a-d.

Nominal (SN) se move obrigatoriamente para checar traços de número (singular/plural). A figura em (10) ilustra a proposta da autora para a estrutura do DP possessivo.

Figura 10: Estrutura do DP possessivo<sup>20</sup>



A autora se apoia em Lyons (1999) para defender a expressão da definitude do artigo. Ela defende que o artigo definido é o elemento que permite que o sintagma nominal possa ser identificado, o que o torna definido. “A combinação do pronome possessivo com o artigo serve, portanto, como indicador inequívoco de um sintagma nominal possessivo definido.” (RINKE, 2010, p. 131). Nessa perspectiva, Rinke nega que o pronome possessivo do PE seja portador do traço de definitude. Para a autora o artigo é o elemento responsável por definir/ identificar o argumento nominal.

Para mostrar que o artigo definido teve seu uso estendido a diversos contextos até chegar aos contextos possessivos, a autora parte da função de marcador discursivo do artigo definido. Como se sabe, no nível discursivo, a identificação do sintagma nominal depende do contato do interlocutor com o referente, se ele já foi mencionado ou pode ser inferido. Nesse caso, de acordo com Rinke, a presença do artigo seria apenas para realçar o referente. Essa teoria dialoga, como a própria autora mostra, com a teoria de Posner (1996), que defende a ideia que

<sup>20</sup> Figura retirada de Rinke (2010, p. 126), sem numeração no texto original.

“o artigo definido das línguas românicas se desenvolveu com base na sua função de marcador de um tópico discursivo, propriedade essencial dos pronomes demonstrativos do Latim, dos quais o artigo definido provém”. (RINKE, 2010, p. 131-132).

Abaixo estão listadas sucintamente as evidências, de acordo com Rinke (2010), do processo de gramaticalização do artigo definido no português:

1) *Contexto de realce anafórico:*

“O emprego do artigo definido com possessivos coincide com o uso do adjetivo *dito/dicto* ou *sobredito/sobredicto*.” (RINKE, 2010, p. 132). Em 48 dos 205 sintagmas nominais colhidos do século XIV, o artigo definido está presente. Desses 48 casos, 21 deles aparecem com um dos adjetivos acima mencionados. Observa-se ainda que, quando esses adjetivos acompanham um sintagma nominal possessivo, o artigo está sempre presente.

2) *Contextos de interpretação de tópico*<sup>21</sup>:

Rinke observa ainda que, no século XIV, em posição sintática de sujeito, o sintagma nominal é, em 72% dos casos, iniciado pelo artigo definido. Ela percebe que o mesmo acontece com sintagmas nominais possessivos. Quando em posição de sujeito, o artigo definido é mais realizado que em outras posições.

3) *Posição do sujeito e sua interpretação pragmática:*

Segundo a autora, o sujeito em posição pré-verbal “corresponde a uma interpretação de tópico, enquanto que a posição pós-verbal é uma posição temática ou de foco. Supondo que o emprego do artigo corresponde a uma interpretação de tópico, espera-se que o artigo definido ocorra predominantemente em posição pré-verbal” (RINKE, 2010, p.133). E é exatamente isso que Rinke encontra em seus dados.

4) *Semelhanças entre o português e o italiano:*

De acordo com a autora, os casos de ausência de artigo diante de possessivos pré-

---

<sup>21</sup> Cf. Givón (1976)

nominais ainda eram categóricos em textos do Eça de Queiroz e Alexandre Herculano em contextos que envolviam relação de parentesco. Esse padrão também é encontrado no italiano, no qual o uso do artigo é categórico, exceto com nomes que designam relações familiares. Outra semelhança apontada por Rinke entre o italiano e o PE do século XIX é em relação à ausência do artigo definido diante de nome próprio. De acordo com a autora, essas evidências mostram que o português teve o uso do artigo definido estendido para além dos contextos usados pelas demais línguas românicas.

##### 5) *Posição do sintagma possessivo:*

No português, o que determina a posição do possessivo no interior do DP possessivo é a definitude. No século XIII, apesar de haver aparições de pronome possessivo pós-nominal, o mais comum era que ele ocupasse a posição pré-nominal. “Diacronicamente, a generalização do emprego do artigo definido em posição pré-nominal pode então ser interpretado como um factor importante para a consolidação do posicionamento dos pronomes possessivos no sintagma nominal.” (RINKE, 2010, p. 134).

Assim, Rinke defende a ideia de que a mudança linguística em relação à combinação de artigo definido em DPs possessivos, no PE contemporâneo e no português medieval, não é reflexo de mudança do estatuto categorial do pronome possessivo, mas sim uma extensão do uso do artigo definido, que surge primeiro como marcador de tópico discurso e se estende aos demais contextos até chegar a contextos possessivos, em que o sintagma possessivo é interpretado como definido.

Podemos concluir esta seção afirmando que a investigação de Rinke buscou as possíveis causas do aumento percentual do artigo definido com pronome possessivo no PE, a partir de textos que vão do século XIII ao XIX. Esse movimento diacrônico estaria relacionado à função do artigo como marcador de tópico discursivo. Como dissemos, não há, segundo a autora, base para se postular o reflexo de mudança do estatuto categorial do pronome possessivo, mas sim uma extensão do uso do artigo definido, que surge primeiro como marcador de tópico discurso e se estende aos demais contextos, até chegar a contextos possessivos, em que o sintagma possessivo é interpretado como definido.

Ou seja, a hipótese é a de que tenha havido um processo de gramaticalização, no qual o artigo, no PE, se gramaticaliza como núcleo da categoria DP, e realiza morfologicamente a definitude. Tal mudança, porém, caracteriza-se por uma longa fase de variação, na qual a marcação de um possessivo como definido é opcional.

### 2.5.A variação estável do PB no século XIX

Apoiada no quadro teórico da Teoria dos Princípios e Parâmetros e em pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, Galo (2015) investiga o uso variado do artigo definido diante de possessivos de terceira pessoa (seu, sua, seus, suas) no PB do século XIX. A intenção da autora é investigar a variação do PB no mesmo período em que o PE caminhou para uma categorização do uso do artigo diante de pronomes possessivos pré-nominais. Para isso, a autora analisou anúncios publicitários e cartas de leitores e redatores em jornais paulistas do século XIX.

Partindo de estudos relevantes sobre o fenômeno, Galo (2015) destaca em sua análise propriedades sintáticas e semânticas do artigo definido, mais particularmente as noções de definitude e a categoria Determinante. Uma noção fundamental para os estudos de Galo é a hipótese da distribuição dos Bare Nouns (BN - Nomes Nus) no PB, tal como proposta por Borik, Cyrino e Espinal (2012) e Cyrino e Espinal (2014).

Seguindo Torres Morais (a sair), a argumentação de Galo (2015) se baseia em duas hipóteses propostas por Cyrino e Espinal (2014) para os BNs no PB. A primeira hipótese é a de que, no PB, os BNs na posição de argumento são DPs com determinante definido nulo e projeção de Número (NumP) no conjunto das projeções funcionais no interior do DP. A segunda hipótese é sobre a natureza do traço de Número, a saber: número (singular/plural) é morfossintaticamente valorado e interpretado em D, mesmo quando o determinante é nulo.

Nesses termos, como Galo (2015) destaca, as autoras rejeitam a proposta de Chierchia (1998), denominada Parâmetro do Mapeamento Nominal, segundo o qual haveria uma distinção paramétrica baseada na natureza semântica dos nomes, que distinguiria de um lado, as línguas [-arg +pred], que seriam línguas em que os BNs não podem ocorrer em posição canônica de argumento, sendo obrigatoriamente introduzidos por determinantes lexicais; de outro lado estariam as línguas [+arg +pred], que seriam aquelas que possuem BNs argumentais. Ora, com base em tal parâmetro, não se teria como incluir o PB. Ele seria uma língua [-arg + pred], possuindo artigos definidos, mas permitindo que BNs ocorram na posição de argumento. O que as autoras propõem é que o PB tem um artigo definido obrigatório nas expressões nominais em posição de argumento, mesmo que seja nulo fonologicamente. Com isso, corroboram as previsões da Hipótese do DP Universal, de Longobardi (1994).<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Longobardi (1994) defende que uma expressão nominal só poderá funcionar como argumento se introduzida por uma categoria D.

Na verdade, como Galo enfatiza, estudos anteriores (cf. SCHMITT e MUNN, 1999; MÜLLER, 2002) já tinham demonstrado, a partir de fatos empíricos, que o PB permite que BNs, mesmo com nomes contáveis no singular, ocorram em posição argumental de sujeito, objeto e nas posições de predicado. Ora, essa sim é uma particularidade do PB em relação ao espanhol, italiano e ao PE, uma vez que essas línguas apresentam restrições sintáticas e semânticas para o uso de BNs. Portanto, como dissemos, seguindo Longobardi (1994), Cyrino e Espinal (2014) defendem que o determinante, seja ele realizado ou não fonologicamente, é criador de argumento e o elemento que carrega a noção de definitude no PB.

Outra noção importante para o trabalho de Galo (2015) diz respeito à concordância variável de número no interior do DP no PB, um fato já bastante notado por vários autores, entre eles: Scherre (1988, 1994), Scherre e Naro (1998). No PB a expressão morfofonológica de número pode não ocorrer em todos os componentes do DP, como mostrado em (4a), mas nesse caso, será obrigatória em D, o que justifica a agramaticalidade de (4b). Isso demonstra que D é o *locus* da expressão morfossintática do traço Número. Assim um BN singular (4c) pode ser interpretado como genérico (Interpretação 1), mas também pode levar uma interpretação de plural (Interpretação 2), uma vez que o artigo nulo instancie marca de plural.<sup>23</sup>

(4)

- a. Os brasileiro é trabalhador.
- b. \*O brasileiros é trabalhadores.
- c. Brasileiro é trabalhador.

Interpretação 1: *O povo brasileiro é trabalhador.*

Interpretação 2: *(Os) brasileiro é trabalhador.*

Portanto, seguindo a hipótese do artigo definido nulo fonologicamente, Galo (2015) assume que no PB, o determinante, seja ele realizado ou não, é o criador de argumento e o elemento que carrega a noção de definitude.

Como mencionado acima, Galo (2015) analisou textos publicitários e cartas de leitores e redatores encontrados em jornais paulistas do século XIX. Com isso, a autora consegue mostrar o que acontecia com o PB, em relação ao uso do artigo definido diante de pronome possessivo, enquanto PE caminhava para a categorização da presença do artigo nesses contextos. Há uma separação do século XIX em dois blocos, primeira e segunda metades, e uma análise de uma

---

<sup>23</sup> Exemplos retirados de Müller (2002, p. 280 *apud* CYRINO e ESPINAL, 2014, p. 2 e 3), identificados no original como exemplos 1a-d, e 2a-c.

série de fatores linguísticos e extralinguísticos. Entre todos os fatores analisados por Galo (2015), apenas três se mostraram relevantes para o apagamento do artigo: tipo de sintagma (nominal ou preposicional), pessoa pronominal (segunda ou terceira) e tipo de verbo (verbo dinâmico de movimento ou transferência, verbo dinâmico sem movimento ou transferência e verbo estativo).

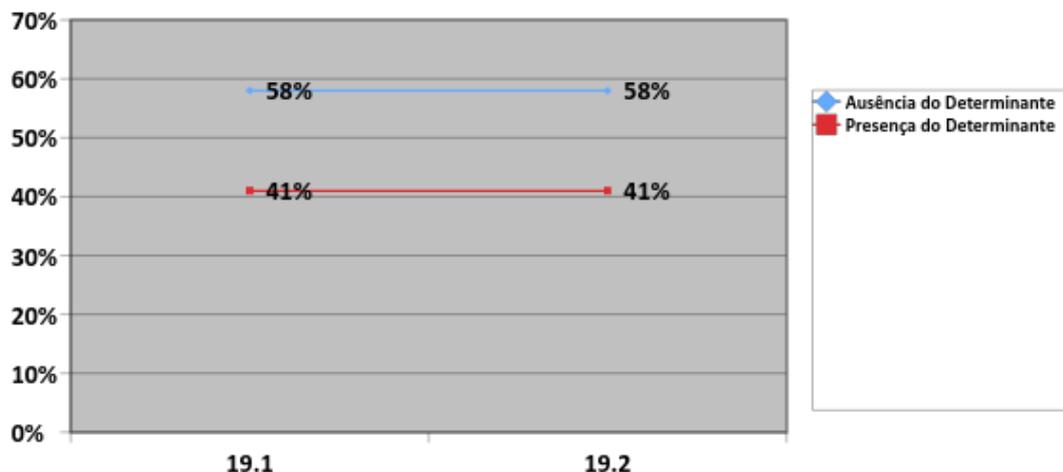
Galo mostra, através de sua análise, que os sintagmas possessivos preposicionados favorecem a ausência do determinante. O percentual atingido chega a 62,5% de ausência de artigo em PP, contra 37,5 de casos de presença de artigo em PP, corroborando os resultados de Floripi (2008).

Outro fator relevante é a pessoa pronominal. Silva (1982) mostra que existe diferença quanto ao uso de determinante diante do possessivo seu/seu de terceira e segunda pessoa. De acordo com esse estudo, a terceira pessoa desfavorece o uso do artigo. Galo (2015) corrobora o estudo de Silva, uma vez que apresenta 39% de casos de presença do determinante em terceira pessoa e 73% em segunda.

Os resultados de Galo (2015) também mostram a influência do tipo de verbo. Verbos dinâmicos com movimento e transferência apresentaram um favorecimento considerável de ausência do artigo, 76%. Os verbos estativos e dinâmicos sem movimento ou transferência não permitiram uma afirmação em relação ao favorecimento ou não, uma vez que apresentaram percentuais muito próximos, 56% e 57%, respectivamente.

Com essa análise, a autora observa que não houve oscilação de uma ou outra variante entre os dois períodos. Na primeira metade do século, Galo (2015) encontrou um total de 58% de casos de ausência do determinante e 42% de casos de presença, exatamente o mesmo percentual encontrado na segunda metade do século XIX, 58% de casos de ausência e 42% de casos de presença. Observe o gráfico a seguir:

Figura 11: Presença e ausência do determinante no PB, século XIX<sup>24</sup>



Através da análise de cada fator, Galo conclui que não há um cenário de competição de gramáticas no PB do século XIX, apenas uma variação estável em relação à presença e ausência do determinante diante de pronome possessivo pré-nominal. Quando há competição, uma forma leva ao desaparecimento da outra, ou acontece a especificação de uma das formas, como aconteceu com o pronome *seu* de terceira pessoa, que passa a ser utilizado apenas na escrita, enquanto em seu lugar usa-se, na modalidade oral, as formas *dele*, *dela*. Contudo, os índices idênticos encontrados por Galo (2015) mostram que as formas não estão em competição no PB do período investigado.

Nesta seção, apresentamos as ideias principais de Galo (2015). O seu trabalho é o que mais nos será relevante, uma vez que a autora investiga o uso variado do artigo definido diante de possessivos de terceira pessoa (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*) no português paulista do século XIX. A intenção da autora é investigar a variação no mesmo período em que o PE caminhou para uma categorização do uso do artigo diante de pronomes possessivos pré-nominais. Para tanto, analisa anúncios publicitários e cartas de leitores e redatores em jornais paulistas do século XIX. Com isso, a nossa abordagem empírica que cobre os séculos XX e XXI poderá dialogar com os seus resultados, buscando avaliar quantitativamente se a variável permanece estável, ou se uma das variantes ganha espaço em relação à outra, configurando uma situação de competição de gramáticas, nos termos de Kroch (2000).

No capítulo 5, retomaremos os pontos principais das abordagens aqui apresentadas.

<sup>24</sup> Figura retirada de Galo (2015, p. 115), identificado no original como gráfico 4.3.

### Capítulo III: Metodologia

Os objetivos deste capítulo consistem em: (i) apresentar a forma como se deu o desenvolvimento da pesquisa; (ii) responder, da forma mais clara possível, o porquê e como cada decisão foi tomada; (iii) descrever a coleta e organização do *corpus*; (iv) elencar cada fator linguístico e extralinguístico usado na análise quantitativa.

O capítulo está organizado da seguinte forma: a seção 3.1 apresenta o projeto e subprojeto nos quais esta pesquisa se insere, PHPB e PHPP, respectivamente. Dessa forma, pretende-se chegar à discussão sobre as variedades de português brasileiro, a fim de deixar claro que esta pesquisa analisa uma variedade muito específica da língua e não pretende, de forma alguma, generalizar os resultados aqui encontrados ao português brasileiro (PB) de maneira universalista. A seção 3.2 faz algumas considerações sobre o pronome possessivo, fundamentais para explicar a seleção das sentenças que fazem parte do *corpus*. A seção 3.3 apresenta com detalhes a origem do *corpus* além de descrever e explicar a sua organização. Na seção 3.4 é apresentada a forma como foi desenvolvida a análise quantitativa, seus principais objetivos e métodos. Por fim, a seção 3.5 explica cada fator linguístico e extralinguístico usado para nossa análise.

#### 3.1. Variedades de português

Esta pesquisa está inserida no *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP II – Projeto Caipira II)<sup>25</sup>, como projeto temático de equipe – FAPESP – Processo 11/51787-5. O PHPP é um conjunto articulado de subprojetos situados na área da Linguística Histórica do Português. Entre os objetivos do PHPP, destacamos o interesse no *corpus* diacrônico do português paulista e o estudo de variação e mudança gramatical sob a perspectiva do Funcionalismo, Cognitivismo e Gerativismo, provendo, assim, um diálogo entre diversas teorias linguísticas. Dessa forma, esta pesquisa colabora com o projeto por sua reflexão sobre variação e mudança de um fenômeno sintático em um *corpus* do português paulista.

O PHPP, por sua vez, está inserido no projeto maior *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB)<sup>26</sup>, idealizado e coordenado por Ataliba T. Castilho. O PHPB está presente

---

<sup>25</sup> O projeto PHPP pode ser visitado através do site: <http://phpp.fflch.usp.br/>

<sup>26</sup> O projeto PHPB por ser visitado através do site: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>

em mais de onze estados: Pernambuco, Bahia, Paraíba, Alagoas, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Pará.

Os anos de pesquisa sobre o PB mostraram que não se pode falar em unidade linguística de norte a sul do país. Entretanto, no início dos estudos linguísticos no Brasil, influenciados pela Teoria dos Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1986), falar em variedade de português era, principalmente, contrapor um português brasileiro com a variedade europeia, também vista em um primeiro momento como unidade linguística. Naquele momento se buscava o reconhecimento de uma gramática própria brasileira. Por isso criou-se a tradição de usar a sigla PB para se referir às muitas variedades de português brasileiro, em contraposição às muitas variedades de português europeu, PE. Contudo, esses estudos não negam a variação dentro de cada uma dessas variedades e, na maioria das vezes, isso é pressuposto pelas pesquisas linguísticas.

Em comunhão com Márcia Duarte de Oliveira, em banca de qualificação, e Campos (2014), acreditamos que é preciso esclarecer melhor esse aspecto da identificação das variedades dialetais do PB. Por isso destacamos o que afirma Campos sobre o fato de que, a partir da teoria dos Princípios e Parâmetros e de estudos como o PHPB, foi possível construir generalizações e sistematizações de uma gramática brasileira em oposição a uma gramática lusitana. Campos (2014), ao estudar a sintaxe pronominal na variedade falada na região de Jurussaca, questiona o uso da sigla PB para representar a escrita e, principalmente, a fala dos brasileiros. Entretanto, Campos não nega que essa generalização gerou a unicidade necessária para realizar essa primeira diferenciação (PB e PE). Contudo, neste momento dos estudos linguísticos, estudos pontuais, com recortes específicos, como esta pesquisa, precisam ser cotejados com estudos de outras regiões do país. Dessa forma, como esta pesquisa está centrada na variedade paulista do PB, torna-se necessário que pesquisas desse tipo sejam realizadas com outras variedades brasileiras, para que seja possível um mapeamento do fenômeno no PB, de maneira geral.

Assim, faz-se necessário afirmar que, ao usar o rótulo PB, escolhemos apenas não romper com uma tradição que se afirmou nos anos recentes. Assim, de forma alguma estamos indicando que os resultados quantitativos obtidos com nosso *corpus* levem a generalizações que se aplicam a todo PB. Nem sequer podemos afirmar que se aplicam a toda a extensão do território paulista, que, como se sabe, apresenta diversidade geográfica e social notáveis. Basta pensar que ainda temos em nosso território paulista comunidades interioranas agrupadas em pequenos núcleos urbanos, quase rurais, e a grande metrópole, São Paulo-capital, onde o português paulista é transformado na fala dos imigrantes e de seus descendentes,

provenientes do mundo inteiro, e de grandes levas de brasileiros provenientes de outras regiões do Brasil.

Da mesma forma, não nos esquecemos de que a pesquisa recente tem destacado que muitas das propriedades das gramáticas brasileiras provêm do contato linguístico, em particular, da influência das línguas banto, para aqui trazidas nos navios negreiros que chegaram às costas brasileiras, ao longo de vários séculos.

Vale ressaltar ainda que, a partir dos critérios do projeto NURC, baseado na escolaridade do informante, acreditamos que nosso *corpus* pode ser classificado como português paulista culto. Todavia não podemos negar que há variação também dentro dessa variedade tão particular. Por isso é prudente afirmar que os resultados aqui encontrados dizem respeito apenas aos dados do nosso *corpus*.

### **3.2.O pronome possessivo**

#### *3.2.1. O quadro de pronomes possessivos*

No português, de acordo com a gramática tradicional, os pronomes são classificados em pessoais, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos e possessivos. Os pronomes possessivos podem ainda ser classificados como pronomes substantivos (aqueles que ocupam a função de um substantivo na sentença) ou adjetivos (aqueles que acompanham, na função de adjunto, um substantivo). Os pronomes possessivos podem ser usados antes (1a) ou depois (1b) do substantivo. A esta pesquisa só interessará os casos dos pronomes possessivos pré-nominais. O motivo ficará claro na seção 3.2.2.

(1)

- a. Eu peguei os livros do meu amigo.
- b. Eu peguei os livros de um amigo meu.

O pronome possessivo, no português, relaciona-se com dois elementos da sentença: possuidor e possuído, e carrega na sua morfologia essas duas marcas: concorda em pessoa com o possuidor e em gênero e número com o substantivo que representa o elemento possuído, como exemplificado abaixo com os pronomes possessivos de 1ª pessoa *meu* e *nossas*:

Tabela 1: Morfologia do pronome possessivo

<b>Meu livro</b>	<b>Nossas canetas</b>
M- 1ª pessoa singular	Noss- 1ª pessoa plural
EU – masculino	A – feminino
Ø – singular	S – plural

Em relação à marcação de pessoa, não há distinção no português para as formas possessivas de terceira pessoa do singular e plural (*seu, seus, sua, suas*). Para evitar essa ambiguidade, é muito comum o uso das formas *dele, deles*, principalmente, na linguagem falada. Além disso, é muito comum no PB o uso das formas de 3ª pessoa para se referir a 2ª pessoa do discurso. Isso aparece na maioria dos casos com o pronome de tratamento *você*, mas também é possível encontrar o uso combinado ao *tu*.

Dessa forma, o quadro de pronomes possessivos do português, levando em conta os morfemas relativos ao possuidor e ao possuído estão expostos na tabela 2.

Tabela 2: Quadro dos pronomes possessivos no português

<b>Possuidor</b>	<b>Possuído masculino singular</b>	<b>Possuído feminino singular</b>	<b>Possuído masculino plural</b>	<b>Possuído feminino plural</b>
Eu	Meu	Minha	Meus	Minhas
Tu	Teu/ seu	Tua/ sua	Teus/ seus	Tuas/ suas
Você	Seu/ teu	Sua/ tua	Seus/ teus	Suas/ tuas
<b>Ele/Ela</b>	<b>Seu</b>	<b>Sua</b>	<b>Seus</b>	<b>Suas</b>
Nós	Nosso	Nossa	Nossos	Nossas
Vós	Vosso	Vossa	Vossos	Vossas
<b>Eles/ Elas</b>	<b>Seu</b>	<b>Sua</b>	<b>Seus</b>	<b>Suas</b>

Nesta pesquisa optou-se por não diferenciar as marcas morfológicas referentes ao possuído, apenas ao possuidor. Isso somado ao fato de a terceira pessoa não fazer distinção entre singular e plural, na análise do fator *pessoa do discurso* há apenas a seguinte marcação: (i) 1ª pessoa singular (meu, meus, minha, minhas); (ii) 2ª pessoa singular (teu, teus, tua, tuas); (iii) 2ª pessoa singular (seu, seus, sua, suas); (iv) 3ª pessoa singular (seu, seus, sua, suas); (v) 1ª

pessoa plural (nosso, nossos, nossa, nossas); (vi) 2ª pessoa plural (vosso, vossos, vossa, vossas); (vii) 2ª pessoa plural (seu, sua, seus, suas); (viii) 3ª pessoa plural (seu, sua, seus, suas) e (ix) 2ª pessoa genérica, como abaixo exemplificada, a qual foi analisada como casos de 3ª pessoa.

(2)

- a. E se você quer escrever porque você quer dizer AS SUAS IDEIAS, isso é muito interessante (VID)

### 3.2.2. Posições sintáticas

Como mencionado acima, o pronome possessivo no português pode se comportar como adjetivo (3a, b, c), acompanhando ou modificando um nome, ou se comportar como um substantivo, substituindo o nome (3d, e, f).

(3)

- a. MINHA mãe gosta de Fernando Pessoa.  
 b. Eu emprestei O MEU livro pra vizinha.  
 c. Minha mãe gosta de Fernando Pessoa, e a SUA?  
 d. \*Minha mãe gosta Fernando Pessoa, e SUA?  
 e. Esta caneta é MINHA.  
 f. Esta caneta é A MINHA.

É amplamente aceito entre os gramáticos a obrigatoriedade do artigo definido em sentenças em que o pronome possessivo é o núcleo do sintagma nominal, quando há elipse do substantivo, caso da sentença (3c, d). Já sentenças como (3e, f), quando o pronome possessivo atua como núcleo do predicativo do sujeito, apresentam uma pequena mudança de significado. De acordo com Cunha (1990), em (3e) existe uma ideia de posse que pode ser parafraseada como *esta caneta me pertence* ou *esta caneta é de minha propriedade*. Enquanto (3f) leva a atenção do interlocutor para o objeto possuído, *a caneta*, que se destaca entre outras canetas não pertencentes ao enunciador. Logo, esses casos não configuram variação, uma vez que não apresentam o mesmo valor de verdade. Por isso, o foco desta pesquisa está no uso dos pronomes possessivos adjetivos. Observe-se que nos exemplos (3a, b) todos os possessivos podem ou não vir precedidos por artigo definido.

(4)

- a. A MINHA mãe gosta de Fernando Pessoa
- b. Eu emprestei MEU livro pra vizinha

O pronome possessivo adjetivo sempre vai exercer a função de adjunto adnominal, posto que sempre acompanha um nome. Por isso, cabe aqui esclarecer que ao analisar o fator linguístico função sintática, esta pesquisa considerou a função exercida pelo sintagma possessivo. Observe abaixo:

(5)

- a. Aceitem NOSSAS RECOMMENDAÇÕES e disponha do Mano Amigo Obrigado Antonio (CAW76-01) – objeto direto
- b. Essa é A MINHA OPINIÃO de bosta (VID) – predicativo

### 3.2.3. Gramáticas

As gramáticas brasileiras costumam abordar brevemente a questão do uso do artigo definido com pronomes possessivos pré-nominais. Bechara (2009) ressalta que “na maioria dos casos” em que o nome está expresso na sentença, o emprego do artigo é facultativo. O que mais nos chama atenção são os casos que expressam um ato usual, que se pratica com frequência, para Bechara, nesses casos o possessivo vem normalmente sem artigo (6a, exemplo do Bechara), entretanto em nossos dados encontramos construções com o artigo definido (6b, c, d):

(6)

- a. Às oito toma *seu* café.
- b. O que eu quero dizer é que todas essas coisas estão organicamente integradas, e achar que você vai fazer um trabalho, e que vai ficar lá, fumando O SEU CHARUTO, e tomando o seu chazinho, e escrevendo na sua máquina de datilografar, é uma ilusão.
- c. O que eu quero dizer é que todas essas coisas estão organicamente integradas, e achar que você vai fazer um trabalho, e que vai ficar lá, fumando o seu charuto, e tomando O SEU CHAZINHO, e escrevendo na sua máquina de datilografar, é uma ilusão.

- d. O que eu quero dizer é que todas essas coisas estão organicamente integradas, e achar que você vai fazer um trabalho, e que vai ficar lá, fumando o seu charuto, e tomando o seu chazinho, e escrevendo NA SUA MÁQUINA de datilografar, é uma ilusão.

Neves (2000) e Cunha (1990) descrevem alguns contextos em que a ausência de artigo é categórica: casos em que o pronome possessivo faz parte de uma fórmula de tratamento, ou de expressões como Nosso Pai (referente ao Santíssimo), Nosso Senhor, Nossa Senhora; quando o pronome está em função de vocativo; quando está precedido por um pronome demonstrativo. Todos esses contextos ficaram de fora de nossos dados.

Cunha (1990) inclui expressões como *em minha opinião, em meu poder, a seu bel-prazer, por minha vontade* etc, como construções em que o artigo é sistematicamente omitido. Também Neves (2000) afirma que essas expressões geralmente não empregam artigo.

A fórmula possessivo+opinião apareceu 13 vezes em nosso *corpus*, das quais três são sintagmas preposicionados pela preposição *em*, em todas as aparições a preposição aparece contraída com o artigo:

(7)

- a. Quem usa Kindle ou Kobo está mais habituado a essa questão de fazer marcações do que a galera dos livros físicos, mas, NA MINHA OPINIÃO, isso é um preciosismo desnecessário (VID)
- b. “O caçador de pipas” é um livro legal, mas o final é bastante dramático, assim, tipo é mais dramático do que deveria ser, NA MINHA OPINIÃO (VID)
- c. E a gente vai agora pro próximo livro que é uma continuação que fez mais sucesso do que os outros livros, de acordo com os leitores, que é A Esperança, que é o terceiro livro de Jogos Vorazes, NA MINHA OPINIÃO, é o melhor também (VID)

É importante ressaltar que a gramática normativa (Bechara, 2009 e Cunha, 1990) se pauta, principalmente, na Literatura consagrada. Nisso esta dissertação difere substancialmente uma vez que para compor nosso *corpus*, recorreremos à língua oral e escrita por meio de cartas e vídeos publicanos no *Youtube*, ou seja, a língua utilizada efetivamente pelos seus falantes.

Neves (2000), por meio de textos do Projeto NURC, também se afasta de textos literários. Entretanto, ainda assim, este trabalho se mostra relevante, pois ao mostrar que, em nosso *corpus*, o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais é frequente diante de expressões, as quais Bechara (2009) e Cunha (1990) afirmam serem mais comuns

sem o determinante, fica evidente que o uso de artigo foi ampliado para contextos possessivos que, em outros momentos da língua portuguesa, não era a forma mais usual.

#### 3.2.4. *A semântica do pronome possessivo*

Uma importante característica dos pronomes possessivos é a grande variabilidade de significados que eles podem assumir em uma sentença. Investigando as possibilidades semânticas dos possessivos, Langacker (2009) confirma as propostas que caracterizam a posse como uma relação entre possuidor e possuído, mas para o autor essa explicação não dá conta de todos os contextos em que o possessivo é usado. Por exemplo, essa explicação não aborda a questão de simetria (7) e assimetria (8) entre possuidor e possuído.

- (8)
- a. O paciente do médico.
  - b. O médico do paciente.

- (9)
- a. A parede do médico.
  - b. \*O médico da parede.

Por isso, Langacker (2009) propõe uma caracterização dos possessivos a partir de noções da linguística cognitiva, que assume a existência de noções fundamentais e universais que podem ser caracterizadas semanticamente em dois níveis: *prototype* e *schema*. “The prototype is based on an experientially grounded conceptual archetype” (LANGACKER, 2009, p.82). Para o autor, as relações de propriedade, parentesco e parte/todo são construções possessivas prototípicas. Para caracterizar os possessivos no nível esquemático, Langacker (2009) recorre ao que ele vai chamar de *reference point ability*: “the reference point ability is our capacity to invoke one conceived entity as a means of establishing mental contact with another.” (LANGACKER, 2009, p. 82). Dessa maneira Langacker chama a atenção para a independência de um conteúdo para a interpretação de construções possessivas, de modo que esse conceito pode acomodar uma gama de expressões possessivas. Para o autor é importante notar que o esquema possessivo é iminente no arquétipo de possessivo. Por exemplo, nas relações de parentesco, só é possível caracterizar uma pessoa como pai, considerando a relação com outro indivíduo.

Nos possessivos prototípicos, o possuidor controla ativamente o possuído, seja de maneira física, social ou experiencial. Entretanto esse controle é atenuado ou pode até desaparecer em alguns exemplos (a sua idade, o seu peso...). Nesses casos o possuidor não controla ativamente o possuído, sendo apenas um ponto de referência para que seja possível identificar o alvo específico através de um acesso mental. Essa é a caracterização esquemática do possessivo, inerente em todos os casos.

Pensando nisso, esta pesquisa considerou contextos possessivos além dos casos prototípicos. Contudo, alguns casos ficaram de fora de nossa análise. Usamos como base os textos de Neves (2000) e Cunha (1990) para selecionar o fator linguístico relação de posse, que será explicado com mais detalhes na seção 3.5.1.

### **3.3. Descrição e organização do *corpus***

Nosso *corpus* será constituído de vídeos e cartas. Os vídeos foram encontrados em um canal do *Youtube* intitulado Cabine Literária. Por sua vez, as cartas foram encontradas em dois conjuntos que fazem parte do PHPP. Cada um deles será descrito com mais detalhes nas subseções a seguir.

#### *3.3.1. Contínuo oral e escrito*

Para realizar a análise quantitativa, esta pesquisa recorreu a dois tipos de modalidade: língua falada, por meio de vídeos de um canal do *Youtube*, denominado *Cabine Literária* e língua escrita, por meio de dois conjuntos de cartas pessoais coletadas para o PHPP. Essa escolha resulta da suposição de que, na caracterização dos fenômenos de variação e mudança, as particularidades dos usos falados e escritos podem determinar um condicionamento no desempenho de uma ou outra variável.

Portanto, acreditamos que esse conjunto de dados representa muito bem o contínuo que existe entre essas duas modalidades de texto, espectro amplamente defendido por Tannen (1982), Koch (1997) e Marcuschi (2001). Os vídeos selecionados contêm uma fala mais cuidada e possível de ser corrigida por meio das edições de imagem. Já as cartas pessoais, pelo caráter da intimidade, podem ser caracterizadas como “textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximo da fala conversacional (bilhete, carta familiar, textos de humor)” (KOCH, 1997, p. 32).

Isso pode ser exemplificado através do trecho de uma das cartas do conjunto *De Fã para Fã*. Essas cartas, apesar de representarem a modalidade escrita da língua, expressam uma tentativa de se aproximar da fala, inclusive pelo seu caráter de espontaneidade, o que as coloca num nível de marcante proximidade com a modalidade oral da língua. Observe um trecho, retirado da primeira carta do material:

Tudo ok? Bem, em 1º lugar, eu queria  
pedir 1.000.000 de desculpas pelo meu "caris-  
mo-de-pau" que de vez em *quando* ataca, ré, ré,  
ré ... Acho que você me conhece do '*Música & Magia*',  
não? Eu estou para escrever *para* você desde ... abril,  
eu acho ... mas o meu tempo estava meio limi-  
tado e só agora, por causa de um motivo (te  
explico já), vou ter que escrever *para quase* todo  
mundo que é associado do '*Emoções Psicodélicas*'. Bem, dei-  
xa eu te explicar melhor: o G., por causa  
de alguns motivos, passou o *Fã-Clube* para mim  
tomar conta, sendo que o zine ele vai fazer  
até setembro e depois eu pego e toco a fazer.

Observe que nesse trecho é possível perceber uma tentativa de reprodução das pausas, típicas da fala: “Eu estou para escrever *para* você desde ... abril, eu acho ... mas o meu tempo estava meio limitado”; percebe-se também a presença de marcadores conversacionais, como em: “Acho que você me conhece do *Música & Magia*, não?” Além disso, há fatos de natureza morfossintática que escapam das normas prescritivas. Podemos ilustrar a afirmação com dois exemplos: (i) uso da forma pronominal “mim” antecedendo o verbo sem marcas temporais, ou

seja, no infinitivo pessoal, como em: ” ...por causa de alguns motivos, passou o Fã-Clube para *mim* tomar conta...” ; (ii) uso de topicalização do sujeito, retomado pelo pronome resumptivo “ele” : “ ...sendo que *o zine ele* vai fazer até setembro. E depois eu pego e toco a fazer.”

Acreditamos que esses são exemplos de estratégias da língua oral encontradas em textos escritos (cf. TANNEN, 1982).

No entanto, as *Cartas Familiares em torno de Washington Luís*, apesar dos interlocutores apresentarem certo grau de parentesco, evidencia-se uma formalidade muito maior do que aquela que ocorre nas cartas *De Fã para Fã*.<sup>27</sup> Talvez isso se deva à época em que foram escritas, entre 1901 e 1949, e também ao papel que o destinatário das cartas gozava na família. Em muitas das cartas os temas são negócios da fazenda da família, cargos políticos e pedido de favores, configurando uma relação assimétrica entre os remetentes e WL.

Já os vídeos do *Cabine Literária* mesmo sendo representantes da língua oral, não podem ser considerados representações totalmente espontâneas da fala, pois eles são planejados e muitas vezes editados. De acordo com um dos informantes, Sinicio, algumas vezes os integrantes do *Cabine Literária* elaboram um texto previamente, o qual serve de apoio durante a gravação do vídeo, mas não existe nenhuma espécie de *teleprompter* (equipamento acoplado à câmera que exhibe o texto que deve ser lido pelo apresentador). Outros vídeos são feitos de improviso, de maneira espontânea, sem texto escrito prévio.

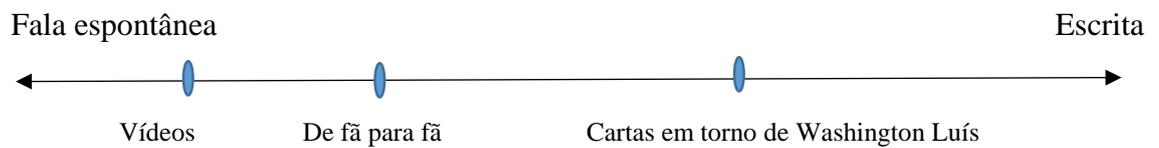
Da mesma forma, no processo de edição, antes de serem publicados na internet, os vídeos podem ter algumas de suas cenas cortadas e outras acrescentadas. Ou seja, os autores dos vídeos podem interromper a gravação para regravar uma cena que consideraram inapropriadas. Por fim, nessa modalidade é possível realizar as correções típicas da escrita. Por isso, na figura 12, os vídeos estão próximos às cartas *De Fã para Fã* e não na ponta que representa a fala totalmente espontânea.

A fim de representar em que ponto do *continuun* estaria cada texto, construímos a figura abaixo. Como afirmamos, os vídeos são, entre os nossos documentos, os que mais se aproximam da fala espontânea, embora não possam ser classificados como um registro espontâneo. Em seguida vêm as cartas *De Fã para Fã*, por apresentarem várias estratégias da língua oral. Por fim, estão as *Cartas para WL*.

---

<sup>27</sup> No que se segue vamos nos referir ao documento *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís* como *Cartas para WL*.

Figura 12: contínuo fala-escrita



### 3.3.2. Organização e apresentação do corpus

Para identificar as sentenças utilizadas como exemplo ao longo da pesquisa, foi necessário criar alguns códigos para cada conjunto de amostra.

As sentenças retiradas dos vídeos foram identificadas com a sigla VID. Para identificar as cartas *De Fã para Fã*, utilizamos a sigla CAF, acompanhado do número da carta no documento de origem. O mesmo acontece com as *Cartas familiares: em torno de Washington Luís*, quando então incluímos a sigla CAW, acompanhado do número da carta no documento de origem.

CAW  
└─▶ Cartas para W.L. 45

A tabela a seguir traz informações numéricas sobre nosso *corpus*.

Tabela 3: *Corpus* – sentenças possessivas

Documento	N.	N. sentenças
<i>Cabine Literária</i>	67 vídeos	477
<i>Cartas de Fã para Fã</i>	12 cartas	138
<i>Cartas em torno de WL</i>	121 cartas	278

TOTAL: 893

### 3.3.3. Cabine Literária

Os vídeos utilizados para compor nosso *corpus* de língua oral foram encontrados em um canal do *Youtube* especializado em literatura, o *Cabine Literária*, criado em 2010 por jovens paulistas. Os vídeos abordam diversos temas relacionados à literatura e ao universo *geek*. Entre todos os colaboradores do *Cabine Literária*, o que muda com certa frequência, selecionamos vídeos de apenas dois: Cesar Sinicio e Danilo Leonardi, por haver maior segurança na

permanência desses dois integrantes, dando assim maior garantia de que haveria mais vídeos, dos quais poderíamos coletar as sentenças.

Cesar Sinicio nasceu em 1978 e mora em Guarulhos-SP. Estudou Psicologia e cursou dois anos de Letras. Danilo Leonardi nasceu em 1986 e também é de Guarulhos. Leonardi cursou Letras e Administração, mas não concluiu nenhum dos cursos, além de escrever dois livros de ficção juvenil, *Por que Indiana, João?* e *Coisas inatingíveis*, publicado pela Giz Editorial e Outro Planeta, respectivamente.

A tabela a seguir apresenta a distribuição desse conjunto de dados.

Tabela 4: Distribuição dos dados nos vídeos do Cabine Literária

<b>Informante</b>	<b>Nascimento</b>	<b>N.</b>	<b>N. sentenças</b>
<i>César Sinicio</i>	1978	30 vídeos	226
<i>Danilo Leonardi</i>	1986	37 vídeos	251
			<i>TOTAL: 477</i>

Como o interesse desta pesquisa são fenômenos sintáticos, a transcrição dos vídeos não se preocupou com fenômenos morfofonológicos. Por exemplo: o apagamento do *-r* de infinitivo é generalizado na oralidade e é recorrente nos vídeos. Entretanto, como não nos interessa esse fenômeno, transcrevemos a grafia dessas palavras como determinam as regras ortográficas vigentes. O mesmo acontece com as reduções morfológicas do tipo *tá* para *está*. Observe o trecho abaixo, no exemplo (10a) encontra-se o modo como o falante realmente se expressa, e no exemplo (10b) a forma como aparecerá em nossa transcrição.

(10)

- a. Porque aí a pessoa comenta nos meus vídeos achando que tá fazendo uma crítica construtiva e num tá.
- b. Porque aí a pessoa comenta nos meus vídeos achando que está fazendo uma crítica construtiva e não está. (VID)

#### 3.3.4. *Cartas de Fã para Fã*

As cartas *De Fã para Fã* foram organizadas, editadas e revisadas por Verena Kewitz e Eloane Laís Berto, para a composição do subprojeto do PHPP, *Formação de Corpora do*

*Português Paulista*. Esse documento é composto por um conjunto de 18 cartas trocadas entre dois membros de um fã-clube. Todas as cartas têm uma mesma remetente, identificado por Y, e uma destinatária, identificado por X. As regras de transcrição seguidas por Kewitz e Berto seguiram as *Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil*.<sup>28</sup>

A remetente das cartas nasceu na capital do estado de São Paulo, em 1972, e quando começa a escrever as cartas, em 1990, está com 18 anos e iniciava os estudos no ensino superior. Lembramos que, no âmbito do Projeto NURC, a escolarização superior completa foi considerada como critério para a identificação da gramática do português culto falado no Brasil. Sendo assim, consideraremos que a escrevente do conjunto das cartas que selecionamos pode ser considerada uma pessoa que representa o falar escolarizado do paulistano, evitando aqui o termo culto.

As cartas giram em torno da banda britânica Echo & The Bunnymen, mas à medida em que as cartas vão sendo trocadas, ampliam-se os temas: relações sociais, familiares, diversões, planejamentos futuros etc.

Outra característica interessante desse conjunto de cartas, como acima discutimos, é a transição entre modalidade escrita e oral. É muito comum nessas cartas a presença de marcas da oralidade, indicando um alto grau de informalidade e comprovando a fluidez desse gênero entre modalidade escrita e oral.

### 3.3.5. *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís*

As Cartas para WL foram reunidas e organizadas por José da Silva Simões, Verena Kewitz e Alessandra Castilho Ferreira da Costa e também fazem parte do subprojeto *Formação de Corpora do Português Paulista*. Dessa forma, seguem as mesmas normas de transcrição das cartas *De Fá para Fã*.

Tendo sido escritas na 1ª metade do século XX, engloba um conjunto de remetentes identificados como membros da família Paes de Barros, tradicional família paulista da região de Itu, Piracicaba e Rio Claro. Kewitz nomeia o documento como *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís*, pois nem todas as cartas apresentam o ex-presidente como destinatário. De fato, há também cartas destinadas a outros membros da família e ainda alguns rascunhos do próprio WL. Deve-se ressaltar que apenas as cartas destinadas a WL entraram em nosso *corpus*.

---

<sup>28</sup> Para a história do português brasileiro. Vol II – Primeiros estudos, p. 553 – 555, 2001.

No documento do PHPP há 24 remetentes e, desse total, apenas três não foram incorporados, uma vez que nas suas cartas não conseguimos coletar nenhuma ocorrência de DPs possessivos.

A maioria dessas cartas tratam de negócios de fazendas e propriedades da família, além de questões familiares, como a saúde de um membro, uma viagem agendada etc. Como já mencionado, WL exerce um papel de referência na família, por isso, apesar de serem cartas familiares, apresentam um grau de formalidade maior do que o esperado nesse tipo de texto.

Os organizadores das cartas as classificam como textos de planejamento, de livre a semi-controlado, mas como eles próprios fazem questão de lembrar, tais categorias não devem ser vistas como estanques, mas sim como um contínuo de condições e estratégias comunicativas (KOCH e OESTERREICHER, 1990) que variam de remetente para remetente e do momento histórico em que os interlocutores estão envolvidos”. (KEWITZ, 2016, p. 6).

No documento original cada carta contém um cabeçalho com algumas informações técnicas, como número do documento, número de páginas, data, local etc. O local indica de onde a carta foi enviada, tendo algumas delas sido enviadas de outros estados. No entanto, isso não interferiu na pesquisa, pois o que importou foi a origem de nascimento dos remetentes. Observe-se que, embora as cartas tenham sido escritas na 1ª metade do século XX, elas têm a maior parte dos remetentes nascidos na segunda metade do século XIX.

A tabela abaixo apresenta a distribuição das sentenças nesse conjunto de dados.

Tabela 5: Distribuição dos dados nas cartas para W.L.

<b>Informante</b>	<b>Nascimento</b>	<b>N. cartas</b>	<b>N. sentenças</b>
<i>Baronesa</i>	1847	24	50
<i>Antonio Paes de Barros</i>	1864	17	32
<i>Sobrinho</i>			
<i>Mario Severo</i>	1896	4	20
<i>Bentinho</i>	1902	2	11
<i>Raphael Tobias de</i>	1870	7	7
<i>Barros</i>			
<i>Everardo</i>	1869	8	20
<i>Cecília</i>	1908	1	4
<i>João Oliveira de Barros</i>	1875	16	30
<i>João Alves de Lima</i>	1872	11	27
<i>Gertrudes</i>	1881	4	4
<i>Alvaro de Souza</i>	1877	9	26
<i>Queiros</i>			
<i>Gilberto</i>	1911	2	10
<i>Antonio Paes de Barros</i>	1900	1	2
<i>Jr.</i>			
<i>Lucia Severo Maranhão</i>	1893	1	5
<i>Sylvia Simões Magro</i>	1891	1	3
<i>José Oliveira de Barros</i>	1884	1	2
<i>João Procopio, irmão e</i>	-	1	5
<i>companhia</i>			
<i>Pedro D'Alvarenga</i>	-	9	13
<i>Sociedade</i>	-	1	1
<i>incorporadora</i>			
<i>Correa, irmãos e cia</i>	-	1	3
<i>Tobias de Barros e cia</i>	-	1	3

TOTAL: 278

### 3.4. Análise quantitativa

Entre os objetivos desta pesquisa está a caracterização do estatuto da variação presença vs. ausência de artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal. Para isso, pretende-se verificar se uma das formas está se tornando preferida entre os falantes do português paulista e se existem grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos condicionando o uso de uma das variáveis. A novidade desta análise está na escolha do *corpus*, pois utilizamos dois conjuntos de cartas com características bastante diferentes, como apresentado na seção 3.3. e, principalmente, devido aos registros orais coletados do *Youtube*.

Para verificar a possível correlação entre grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos e o emprego de uma das variáveis, esta pesquisa utilizou o programa computacional Goldvarb 3.0b3 (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que realiza testes de natureza estatística para calcular a probabilidade de cada fator estar associado com a variação estudada.

O programa faz um cruzamento dos dados, partindo do nível zero, em que ele calcula a média global de aplicação da regra, quando todos os fatores são neutros. No nível 1, o programa calcula a probabilidade de cada fator, isoladamente, correlacionar-se com a regra de aplicação. Nesse ponto, o programa seleciona um grupo como o mais relevante estatisticamente, tendo como comparação o resultado do nível zero. No nível 2, o programa vai cruzar o grupo selecionado com cada uma das outras variáveis, até encontrar outra variável relevante, para, no nível 3, cruzar as duas variáveis selecionadas com os demais grupos de fatores e, assim sucessivamente, até não mais encontrar nenhum grupo estatisticamente relevante. Cada novo cruzamento é chamado de rodada. Esse processo recebe o nome de *stepup*. Em seguida, o programa começa o *stepdown*, em que ele vai realizar o mesmo processo, mas de maneira inversa.

Os valores encontrados no *stepup* devem ser os mesmos encontrados no *stepdown*, e isso aconteceu em nossa pesquisa, com uma pequena diferença no valor do *input* de cada rodada. Por isso, decidimos reportar a rodada com o *input* mais baixo, embora os valores dos pesos relativos dessas rodadas tenham sido os mesmos.

Nesses cruzamentos, o Goldvarb fornece o peso relativo para cada variável de um grupo de fatores. Esses pesos indicam a tendência de ocorrência da forma indicada como valor de aplicação da análise diante dos fatores. O valor do peso relativo varia de zero a um, mas nunca se iguala a esses valores. Quando o peso relativo de um fator é maior que 0.5, indica que aquele fator se correlaciona ou favorece a aplicação da regra. Quando o peso relativo é menor que 0.5,

indica que aquele fator não está correlacionado ou desfavorece a aplicação da regra. Já os pesos próximos a 0.5 são neutros na produção daquela variação. Os fatores utilizados nesta pesquisa serão apresentados abaixo.

Para que os dados pudessem ser analisados pelo Goldvarb, cada fator precisou ser codificado. Por exemplo, a sentença a abaixo recebeu os seguintes códigos:

(11)

a. Queira aceitar NOSSAS SINCERAS SAUDAÇÕES

Ausência de artigo diante do possessivo: 0

Presença de elemento entre substantivo e pronome: k

Função sintática objeto direto: O

Tipo de posse abstrata: b

Pessoa do discurso: 1ª plural: 4

Verbo transitivo: v

Preposição: ausente

Sintagma nominal: N

Século de produção XX: x

Informante: G

Sexo masculino: H

Documento cartas para Washington Luís: W

Formal: f

Cartas: {

### **3.5.Fatores linguísticos e extralinguísticos**

Os fatores linguísticos e extralinguísticos foram selecionados considerando os resultados de pesquisas anteriores, sobretudo Floripi (2008) e Galo (2015), levando também em consideração a nossa amostra. A tabela a seguir apresenta os fatores observados na análise global dos dados.

Cabe lembrar que a variável dependente desta pesquisa é a ausência vs. presença de artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais. A tabela 6 apresenta as variáveis independentes.

Tabela 6: Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos

<b>VARIÁVEL</b>	<b>VARIANTE</b>
<i>Modalidade</i>	Cartas Vídeos
<i>Formalidade</i>	Formal Informal
<i>Documento</i>	Cabine literária Cartas de fã para fã Cartas para Washington Luís
<i>Sexo</i>	Feminino Masculino
<i>Século de produção</i>	XX XXI
<i>Tipo de sintagma</i>	Preposicionado Nominal
<i>Preposição</i>	Em Com De Para Pelo A Sobre/ sob Entre Desde Durante Segundo Contra Sem
<i>Verbo</i>	Transitivo Ligação Ergativo Bitransitivo

	Inergativo
<i>Pessoa do discurso</i>	3ª pessoa (seu) 2ª pessoa do singular (teu) 1ª pessoa do singular (meu) 1ª pessoa do plural (nosso) Seu de 2ª pessoa 2ª pessoa do plural (vosso)
<i>Tipo de posse</i>	Partes do corpo Posse alienável Posse abstrata Relações pessoais Parentesco Parte-todo
<i>Função do sintagma possessivo</i>	Adjunto adverbial Complemento nominal e adjunto adnominal Objeto direto Sujeito Complementos preposicionados Aposto Predicativo Tópico
<i>Elemento entre possessivo e núcleo do SN</i>	Sem elemento Com elemento

Os dados foram analisados em dois momentos: em conjunto e separadamente. A análise de cada amostra isolada foi necessária devido ao resultado da análise dos dados em conjunto, o que ficará mais claro na apresentação dos resultados. Em razão da necessidade particular de cada amostra, os grupos de fatores precisaram ser repensados, para cada análise. Por exemplos, nas cartas *De Fã para Fã* e nos vídeos do *Cabine Literária* não fazia sentido analisar a variável sexo/ gênero, uma vez que, nas cartas, o programa só encontraria uma delas, sexo feminino, e no vídeo, o oposto. No entanto, na análise global, com todos os conjuntos de dados, essa variável pode ser relevante.

Além disso, a partir dos primeiros resultados, alguns fatores foram retirados ou amalgamados a fim de responder às novas questões que surgiram ao longo das análises. Essas decisões serão explicadas à medida que os resultados forem apresentados.

### 3.5.1. *Fatores linguísticos*

Floripi (2008), ao analisar a combinação de determinante com pronome possessivo em textos do PE, entre os séculos XVI e XIX, aponta como fator crucial para a mudança na gramática do PE expressa nos dados do século XIX, a presença da preposição antes do sintagma possessivo. Esse fator favoreceu as construções com o artigo.

Por isso incluímos em nossa análise dois fatores relacionados ao uso da preposição: tipo de sintagma, se preposicionado (12a) ou nominal (12b); e tipo de preposição.

(12)

- a. Se você quer ser escritor, se você quer escrever ‘escritor’ lá NA TUA DESCRIÇÃO profissional do Facebook (VID)
- b. Você vai ter que ouvir O TEU EDITOR dizendo que esse capítulo está um lixo (VID)

O fator que identificou o inventário das preposições teve como objetivo controlar o possível efeito de uma determinada preposição sobre as outras. Entretanto, em nossos dados encontramos uma distribuição irregular entre as preposições, por isso foi necessário amalgamar algumas variáveis. O critério utilizado para essa organização parte de Bechara (2009).

O gramático defende que as preposições podem ser classificadas a partir do contexto, mas também de acordo com seu significado unitário, primário. De acordo com Bechara (2009), as preposições podem ser divididas em dois grandes grupos semânticos. Um deles definido pelo traço de dinamicidade e outro em que esse traço é indiferentemente marcado. O primeiro campo pode ser dividido em movimento de aproximação e movimento de afastamento, enquanto o segundo pode ser dividido em situação definida e concreta e situação imprecisa. A preposição *por* pode ser classificada tanto como movimento de aproximação como de afastamento, por isso ela foi analisada isoladamente. Observe a tabela abaixo:

Tabela 7: Classificação das preposições

<b>Classificação</b>	<b>Preposição</b>
<i>Movimento de aproximação</i>	A Contra Para
<i>Movimento de afastamento</i>	De Desde
<i>Situação definida concreta</i>	Sob Sobre
<i>Situação imprecisa</i>	Com Sem Em Entre
	Por

As preposições *segundo* e *durante*, por serem classificadas como adjetivos que se converteram em preposições, e por serem pouco representativas em nossa amostra, foram retiradas da análise quantitativa.

Cabe ressaltar que não diferenciamos os casos de preposição + artigo de suas respectivas formas contraídas. Dessa forma foram analisados de maneira conjunta os seguintes casos:

(13)

- a. por, pelo (per + o) e pela (per + a)
- b. de, do (de + o) e da (de + a)
- c. para, pro (para + o) e pra (para + a)
- d. em, no (em + o) e na (em + a)
- e. a, ao (a + o) e à (a + a)

Vejamos os exemplos em (14):

(14)

- a. É gostoso a gente pensar que o universo vai se curvar AS NOSSAS VONTADES (VID)

- b. Quanto AS SUAS ACCÇÕES, tem você quatro acções integralizadas, tendo sido a respectiva cautela retirada pelo falecido Celestino de Azevedo <em 1915>. Mandei procural-a no Banco Commercio e Industria e com o correrctor, sucessor do Celestino, mas não foi encontrada. Em vista do seu extravio, para ser dada uma nova, é necessario que se façam editaes, e trinta dias depois a Companhia lhe entregará uma outra (CAW169)

Quando não foi possível reconhecer a presença do artigo nos vídeos, não incluímos o dado em nossa amostra.

Existem ainda os casos em que a preposição aparece apenas diante do primeiro item do sintagma. Esses casos foram considerados como sintagmas preposicionados, uma vez que a preposição está apenas elíptica, como ilustrado em (15 a-b):

(15)

- a. Leitura: Cyra Noavek e Akos Kereseth são dois jovens de origens distintas cujos destinos se cruzam de forma decisiva. Obrigados a lidar COM o ódio entre suas nações, SEUS PRECONCEITOS e visões de mundo, eles podem ser a salvação ou a ruína não só um do outro, mas também de toda a galáxia (VID)
- b. Bem, eu fico por aqui e conto COM a sua participação, O SEU APOIO e a sua amizade que é super importante, ok? (CAF01)

Isso também aconteceu com os casos da preposição *a*. Nos exemplos abaixo, tanto a sentença (6a), quanto (6b) foram analisadas como sintagma preposicionado, pela preposição *a*, sem presença de artigo definido.

(16)

- a. Agradeço as atenções que me dispensas, e cheia de saudades envio-te, À Sofia, e MEUS NETOS um affectuoso abraço (CAW40)
- b. Saudades A Sofia e MEUS NETOS aceitai as mesmas da Mãe (CAW47)

A função sintática do sintagma possessivo também foi analisada. Em nossa análise não fizemos distinção entre construções applicativas (o verdadeiro objeto indireto) e construções

ditransitivas preposicionadas (cf. TORRES MORAIS e BERLINCK, 2009). Tampouco distinguimos adjunto adnominal e complemento nominal.

Vale lembrar, como mencionado na seção 3.2.2, que para determinar a função sintática na análise, foi considerada a função do DP possessivo como um todo, e não a função do pronome possessivo no interior do DP, uma vez que ao pronome possessivo pré-nominal tem a função de adjunto nominal.

Outro fator linguístico considerado nesta pesquisa foi a pessoa do discurso com a qual o pronome possessivo se relaciona.

Como mencionado na seção 3.2.1, o pronome possessivo apresenta forma coincidente para a 3ª pessoa do singular e do plural, por isso essas formas foram analisadas como uma unidade. Classificamos ainda como 3ª pessoa os casos em que havia uso das formas *seu, seus, sua, suas* para se referir a 2ª pessoa indeterminada, usada de maneira genérica, conforme os exemplos abaixo:

(17)

- a. E aí você vai gastar milhares de reais pra imprimir livros que A SUA MÃE, a sua vó e a sua tia vão comprar, mas não vão ler. E de quebra leva o encalho de quinhentos exemplares para enfiar em algum canto da tua casa (VID)
- b. Se você não consegue entender porque que esse sentimento de impotência, porque que essa falta de liberdade seria assustadora, desculpa, mas A SUA VIDA deve ser muito triste, cara. (VID)

Esses casos foram muito comuns nos vídeos do *Cabine Literária*, pois é frequente o uso de formas genéricas para se dirigir a um possível espectador em vídeos do *Youtube*.

O uso do pronome possessivo de segunda pessoa do plural (vós) só foi encontrado em uma sentença no conjunto de cartas para Washington Luís. Como em um único dado não existe variação, tivemos que retirá-lo de nossa análise.

(18)

- a. Saudades a Sophia, Tuda, Liza, Alvaro, aceitai as mesmas DE VOSSA MÃE que muito o estima (CAW01)

Durante a coleta de dados, encontramos sentenças em que havia um elemento linguístico entre o pronome possessivo e o substantivo com o qual ele se relaciona. Decidimos investigar

se esse elemento exerce alguma influência na variação. Por isso, criamos o grupo de fator presença vs. ausência de elemento entre possessivo e núcleo nominal. Observe os exemplos abaixo. A sentença (19a) apresenta um elemento, enquanto a sentença (19b) não:

(19)

- a. SOBRE O MEU TÃO SONHADO MAVERICK, acho que vai demorar um pouco pra tornar-lo realidade (CAF04)
- b. No feriado eu fui na casa DA MINHA AMIGUINHA que é ‘retardada’ como eu (CAF04)

Outro importante fator linguístico analisado foi o tipo de relação de posse estabelecida pelo pronome. Como apresentado na seção 3.2.4, nem todos os contextos de uso do pronome possessivo estabelecem uma relação de posse propriamente dita.

Em nossa pesquisa, classificamos a relação possessiva em alienável e inalienável, fazendo distinção da posse inalienável em: partes do corpo, relações de parentesco, outros tipos de relações pessoais, parte-todo e o que chamamos de posse abstrata, que inclui, por exemplo, o que Neves (2000) chama de pertença.

(20) Posse alienável

- a. Se eu te dizer que eu mandei ampliar aquela foto, você acredita? E botei NA MINHA AGENDA! (CAF08)

(21) Posse inalienável

- a. Partes do corpo

A verdade é que desde minhas paixonites de adolescente, O MEU CORAÇÃO nunca foi muito esperto pra essa coisa de namorar (VID)

- b. Relações de parentesco

Muito estimarei que voces todos tenhaô aproveitado bem [a] estada ahi que A MINHA QUERIDA NETINHA continue sempre gordinha, forte e alegre (CAW01)

- c. Relações pessoais

Quando eu estudei psicologia, dizia A MINHA PROFESSORA que essas coisas são as coisas das nossas primeiras experiências (VID)

- d. Parte-todo

O zine já começa a englobar o Jesus & Mary Chain NAS SUAS PÁGINAS também a partir de setembro/outubro, ok? (CAF01)

e. Abstrata

Eu já falei que quando eu era mais novo eu queria muito ser vocalista de uma banda de rock? Essa era a ilusão que satisfazia O MEU EGO de adolescente (VID)

É importante salientar que a dificuldade para definir posse alienável e inalienável existe devido às diferenças culturais, uma decisão tomada por esta pesquisa foi marcar como posse inalienável aquelas mais universalmente consideradas inalienáveis, como partes do corpo, parentesco, outras relações pessoais, parte-todo e posse de características psicológicas ou físicas, chamadas aqui de posse abstrata, das quais fazem parte: impressão, formação, vida, nome, sonho, ideia, indicação etc.

Consideramos igualmente os casos em que possessivo estabelecia uma relação sentimental entre o possuidor e o possuído, como é o caso das sentenças abaixo:

(22)

- a. Ele é gente finíssima, gótico (é dos nossos ré, ré, ré...), tem uma pá de Melody Maker COM O NOSSO ECHO – (CAF06)
- b. Bem, O MEU ‘HAPPY BIRTHYDAY’ é 11/2/72, ok? (CAF04)

Da mesma forma, expressões fixas também foram incluídas, como é o caso da expressão abaixo:

(23)

- a. Quase pensei COM OS MEUS BOTÕES: “se a X tiver escutando, deve estar tendo um troço, rá, ré, rá ... (CAF08)

### 3.5.2. *Fatores extralinguísticos*

Como acima mencionado, de acordo com Neves (2000), Cunha (1990), Bechara (2009), entre outros gramáticos, o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais é opcional no PB. Por isso, esse não é um fenômeno estigmatizado na língua. Não existe, nesse caso, percepção entre os falantes de existir uma variável mais ou menos aceita.

Como dissemos, entre as variáveis extralinguísticas possíveis para nossa amostra, foi considerada a modalidade do discurso presente na dicotomia língua escrita e língua falada.

Incluimos ainda em nossa análise o sexo do informante e o século de produção. As cartas para WL foram produzidas no século XX, enquanto as cartas de fãs e os vídeos foram produzidos no século XXI.

Por fim, analisamos o grau de formalidade do texto a partir da simetria entre os interlocutores. As cartas para WL foram classificadas como mais formais, devido à relação assimétrica, já explicada, entre os remetentes e o destinatário. Já os vídeos e as cartas de fã foram classificados como menos formais, devido à relação simétrica entre os interlocutores.

A seção seguinte apresenta os resultados da análise quantitativa, levantando, sempre que possível, hipóteses para explicar cada ocorrência

## Capítulo IV: Resultados quantitativos

No capítulo anterior descrevemos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem estar correlacionados ao uso do artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal. O presente capítulo apresenta os resultados das análises estatísticas obtidos com o programa Goldvarb durante essa investigação.

Para realizar a análise foram extraídas 893 sentenças de três documentos diferentes, apresentados com detalhes acima, a saber: cartas *De Fã para Fã*, *Cartas familiares: em torno de Washington Luís* e vídeos de um canal do *Youtube*, *Cabine Literária*.

O valor de aplicação da análise é a presença do determinante diante de construções possessivas pré-nominais, ou seja, esta pesquisa está voltada para a observação da presença do determinante nesses contextos. A análise dos dados é feita sob a hipótese de que o uso do artigo está aumentando em relação à ausência.

Durante a descrição de nossa análise, traremos, sempre que possível, os resultados de Galo (2015) para comparação. Cabe lembrar que a autora utiliza outro *corpus*, textos publicitários e cartas de leitores e redatores do século XIX, e sua pesquisa está voltada apenas para o uso das formas *seu, sua, seus, suas* de 2ª e 3ª pessoa. Ainda assim acreditamos que seja a melhor pesquisa para comparar com nossos resultados por se tratar do português paulista.

### 4.1. Análise global dos dados

Ao analisar os três conjuntos de dados que compõem o *corpus* desta pesquisa, a saber: cartas *De Fã para Fã*, *Cartas familiares: em torno de Washington Luís*, e vídeos do *Cabine Literária*, nota-se que os casos de presença de artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal (1a,b) foi superior aos casos de ausência (1c,d): em 79% das sentenças analisadas havia o determinante. A tabela 8, abaixo, mostra os índices da variação em nosso *corpus*. Os exemplos em (1a -d) ilustram o fenômeno.

(1)

- a. Qual que é A SUA INTENÇÃO quando você cria uma conta no wattpad? (VID)
- b. Ah! Eu ganhei DO MEU 'EX' também um EP Japonês do Echo com 5 músicas (CAF12)
- c. Mas, a gente não se deu muito bem depois de um tempo, MEUS AMIGOS não se davam muito bem com ele (VID)

- d. O Senhor, pode estar certo de que farei tudo o que fôr preciso para não desmerecer em nada da boa recomen dação do Senhor, e tornar-me sempre digno DE SUA PRECIOSA PROTEÇÃO (CAW94)

Tabela 8: Presença vs. Ausência de determinante no *corpus*

	<b>Apl.</b>	<b>%</b>
<i>Com determinante</i>	704	79
<i>Sem determinante</i>	189	21
		<i>TOTAL: 893</i>

O resultado aqui encontrado foi diferente do resultado de Galo (2015), que, ao analisar o século XIX, encontrou apenas 42% de presença do artigo, tanto na primeira metade do século XIX, quanto na segunda (cf. tabela 10). Entretanto, ao analisar a distribuição geral dos dados em cada amostra, separadamente, notamos que as cartas para WL se comportam de maneira semelhante ao resultado de Galo (2015), atingindo um percentual de 51%, bem inferior, portanto, aos obtidos com os vídeos e com as cartas *De Fã para Fã*, com 92% e 90% respectivamente (cf. tabela 9).

Tabela 9: Presença de artigo definido em cada conjunto

<b>Corpus</b>	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>
<i>Cabine Literária</i>	439/ 477	92
<i>Cartas de Fã para Fã</i>	124/ 138	90
<i>Cartas para Washington Luís</i>	141/ 278	51
		<i>TOTAL: 893</i>

Tabela 10: Presença vs. Ausência de determinante em Galo (2015)

	<b>Apl.</b>	<b>%</b>
<i>Com determinante</i>	150	42
<i>Sem determinante</i>	215	58
		<i>TOTAL: 365</i>

#### 4.1.1. Análise estatística de cada grupo de fator

As tabelas 8 e 9, apresentadas acima, contêm a frequência da presença do determinante encontrada em todas as sentenças do nosso *corpus*. Como explicado na seção 3.4, o programa Goldvarb faz um cruzamento de todas as variáveis para fazer os cálculos estatísticos. Quando não há variação de presença vs. ausência de determinante em alguma variável independente, o

programa detecta um erro, chamado de *knockout*, que deve ser solucionado para que seja possível dar continuidade à análise. Há duas formas de resolver os *knockouts*, excluindo o fator em que o erro foi encontrado ou amalgamando-o a outro fator.

Os primeiros problemas encontrados na análise foram em relação ao uso da forma possessiva de 2ª pessoa do plural e algumas preposições pouco produtivas em nosso *corpus*.

O possessivo de 2ª pessoa, a forma *vossa*, apareceu uma única vez em nossos dados, em uma carta da Baronesa para Washington Luís. Esse dado foi retirado de nossa análise. Como só houve uma sentença com essa construção, não é possível fazer inferências a partir desse dado.

(2)

- a. Saudades a Sophia, Tuda, Liza, Alvaro, aceitai as mesmas DE VOSSA MÃE que muito o estima (CAW01)

O segundo problema foi em relação a algumas preposições que foram pouco expressivas: *desde* (3a) e *contra* (3b), que só apareceram uma vez sem determinante, e a preposição *sem* (3c), que, ao contrário, só apareceu uma vez com o artigo. As preposições *durante* (3d, e) e *segundo* (3f, g) apareceram em dois casos cada e todos com o artigo definido.

(3)

- a. A verdade é que DESDE MINHAS PAIXONITES de adolescente, o meu coração nunca foi muito esperto pra essa coisa de namorar. (VID)
- b. Há mais um pouco de amor proprio e talvez de vaidade, tanto mais que ha um merecimento CONTRA MEU NOME (CAW154)
- c. Mas estes dias nos fez lembrar mais, pensando em você que dias tristes e agoniados passará ahi sosinho SEM A SUA COMPANHEIRA (CAW176)
- d. Não faz muito tempo que eu escolhi a minha casa, foi no mês passado, DURANTE AS MINHAS FÉRIAS de junho (VID)
- e. O Thiago Pereira do Escriba Encapuzado me convidou pro projeto “sete coisas que aprendi”, que é pra justamente autores brasileiros contarem sete pontos importantes que aprenderam DURANTE A SUA TRAJETÓRIA (VID)
- f. Restam 6 contos que SEGUNDO O NOSSO CONTRACTO, deverão ser pagos em Novembro e Maio proximo futuro (CAW149)
- g. Acabo de collocar na tua conta corrente do Banco de Commercio e Industria desta Capital, a quantia de reis 3:120\$000 (três contos, cento e vinte mil reis) que

SEGUNDO OS MEUS CÁLCULOS representa a última prestação e juros de 8%, a vencer no dia 31 outubro (CAW152)

Como explicado na seção 3.5.1, as preposições foram amalgamadas de acordo com critérios gramaticais, a partir de Bechara (2009). Dessa forma, as preposições *desde*, *contra* e *sem* foram incorporadas, respectivamente, às preposições de movimento por afastamento, movimento de aproximação e situação imprecisa. Todavia, as preposições *durante* e *segundo*, por serem classificadas como adjetivos que se converteram em preposições, foram excluídas da análise. Já a preposição *por* foi analisada isoladamente por sua possibilidade de ser classificada como movimento de aproximação e de afastamento. Por isso, os resultados apresentados a seguir, não apresentam os mesmos números das tabelas anteriores, uma vez que algumas sentenças tiveram que ser retiradas para que o programa computacional pudesse dar continuidade à análise estatística.

As tabelas a seguir mostram os resultados obtidos na análise *one-level*, ou seja, quando o programa analisou a probabilidade de cada grupo de fator se relacionar com a presença do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais. Nesta seção apresentaremos apenas os grupos que não foram selecionados como estatisticamente relevantes para a aplicação da regra.

A tabela abaixo apresenta a distribuição dos dados no grupo de fator modalidade do discurso, a qual foi separada em vídeo, com dados do *Cabine Literária*, e cartas, com dados das *Cartas para WL* e cartas *De Fã para Fã*. Os exemplos em 4 representam sentenças de cada modalidade.

Tabela 11: Modalidade do discurso

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Vídeo</b>	437/ 475	92	[.70] <sup>29</sup>
<b>Carta</b>	263/ 413	64	[.26]

*Input: 0.827 Significance: 0.000*

<sup>29</sup> O [ ] indica que o programa não selecionou o grupo de fatores como estatisticamente relevante.

(4)

- a. Existem, inclusive, muitas séries que diferenciam OS SEUS LIVROS de acordo com o nível de inglês exigido dentro deles (VID)
- b. A Telesp está para instalar O NOSSO TELEFONE aqui em casa faz séculos (quase 4 anos), mas ainda nada! (CAF08)
- c. Aceite saudades de todos e um abraço DE TUA MÃE que muito o estima e é Obrigada (CAW06)

Apesar desse grupo não ter sido selecionado como estatisticamente relevante, é clara a diferença entre o peso relativo de cada fator. Pode-se dizer que os vídeos favorecem, ou se relacionam, com a presença do artigo definido diante de pronome possessivo em posição pré-nominal. Ao contrário, as cartas desfavorecem, ou não se correlacionam, com essa variação. Cabe lembrar também que esse grupo é coincidente com o século de produção dos dados. Todos os vídeos do *Cabine Literária* foram produzidos no século XXI, e tanto as *Cartas para WL* quanto as cartas *De Fã para Fã* foram produzidas no século XX. Dessa forma, a tabela desse grupo de fator ficaria idêntica à tabela 11, por isso não a reproduziremos aqui. Assim, não é seguro afirmar, neste momento, que esse resultado é reflexo realmente da modalidade do discurso, se cartas ou vídeos, uma vez que pode ser devido ao período de produção.

Outro grupo de fator que não foi selecionado como relevante pelo Goldvarb foi a simetria do discurso. Contudo, também apresenta grande diferença entre os pesos relativos de cada fator. Observe a tabela abaixo:

Tabela 12: Simetria do discurso

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Simétrico/ coloquial</b>	561/ 613	91	[.67]
<b>Assimétrico/ formal</b>	139/ 275	50	[.16]

*Input: 0.839 Significance: 0.000*

Como explicado durante a descrição do *corpus*, as cartas *De Fã para Fã* e os vídeos do *Cabine Literária* foram classificados como expressando aspectos informacionais de relação simétrica entre os interlocutores. Da parte dos vídeos, os autores dos mesmos se dirigem a um público alvo específico, ou seja, aos que se interessam por assuntos literários. Por sua vez, as cartas da jovem estudante foram escritas para outra jovem da mesma idade, o que explica essa classificação. Observe os exemplos abaixo:

(5)

- a. Eu estou para escrever para você desde... abril, eu acho ... mas O MEU TEMPO estava meio limitado (CAF01)
- b. Nestes ultimos tempos eu ando meio 'down', mas Graças a Deus estou voltando AOS MEUS VELHOS TEMPOS de farra (CAF03)

Da parte dos vídeos, os autores dos mesmos se dirigem a um público alvo específico, ou seja, aos que se interessam por assuntos literários. Os vídeos foram gravados por dois jovens paulistas ,em 2010, ano no qual se inicia o canal no *Youtube*. Na época da coleta dos vídeos, Cesar tem 32 anos, e Danilo 24, e ambos se dirigem ao público jovem, tentando sempre criar uma relação de proximidade com os espectadores.

(6)

- a. Olha, eu não sou vendedor de curso de inglês, mas eu sou professor de inglês, e eu tenho que explicar pro cara que está lá na recepção como é que funciona O NOSSO CURSO (VID)
- b. Aqui no Cabine Literária a gente discute, então bota A SUA OPINIÃO aqui em baixo e a gente vai conversar (VID)

Já as cartas para WL foram classificadas como assimétricas e formais, devido ao papel central que WL desempenhava na família.

(7)

- a. Voce verá pella conta corrente que junto demaneiras que faltarão uns 10 contos, e como eide arranjar, o pagamento de collonos saõ 15:609\$605, mas eu preciso algum PARA MINHAS DESPESAS (CAW19)
- b. Agradecemos a preferencia por Vossa Senhoria dispondo À NOSSA CASA que, tudo envidará para bem a merecer (CAW25)

Os resultados expostos na tabela 12 mostram que, em nossos dados, a simetria está relacionada com a presença do determinante, enquanto a assimetria não está relacionada com o valor de aplicação.

O grupo de fator sexo/ gênero do informante também não foi selecionado como estatisticamente relevante. Observe os resultados da análise:

Tabela 13: Sexo/ gênero do informante

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Masculino</b>	552/ 685	81	[.52]
<b>Feminino</b>	148/ 203	73	[.41]

*Input:0.790 Significance: 0.022*

O peso relativo para o sexo masculino é muito próximo de 0.5, o que mostra que esse fator é neutro em relação à aplicação da regra, já as mulheres desfavorecem a presença de artigo. Pesquisas sociolinguísticas (LABOV, 1981; KEMP 1981; OLIVEIRA, 1982, *apud* SCHERRE, 1988) mostram que as mulheres tendem a empregar as formas mais prestigiadas socialmente e a liderar o processo de mudança. Entretanto, não é seguro defender a mudança por essa perspectiva, pois a amostra representativa do sexo masculino é muito superior à amostra de fala das mulheres. Além disso, como já mencionado, não há variável mais ou menos prestigiada no fenômeno estudado.

A análise do grupo de fator tipo de preposição, apesar de também não ter sido apontada pelo programa como estatisticamente significativa para a variação, chama atenção por apresentar um resultado diferente do encontrado em pesquisas anteriores.

Como foi mostrado, Floripi (2008) observou que, no século XV, o uso de determinante nos DPs possessivos era relativamente baixo, com uma frequência de 30% a 50%. No entanto, a alta produtividade do determinante se afirma ao longo do tempo, de modo que, em meados do século XVII, atinge um percentual de 90% . Por fim, a presença de artigo diante do possessivo torna-se categórica no PE moderno. Com a presença da preposição, o percurso da mudança foi mais lento. O século XV apresentou um percentual oscilando de 20% e 50%, o século XVII varia entre 40% a 70% e, somente a partir do século XVIII, atinge 90%. Dessa forma, a autora defende que a presença de preposição foi fundamental para a implementação da mudança que ocorreu no PE.

Em nossa análise, os sintagmas preposicionados desfavorecem apenas levemente a presença do artigo, enquanto sintagmas nominais não interferem nessa variação. Os exemplos em 8 representam esse grupo de fator:

Tabela 14: Tipo de sintagma

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Preposicionado</b>	308/ 405	76	[.45]
<b>Nominal</b>	392/ 483	81	[.53]

*Input: 0.789 Significance: 0.068*

(8) Sintagma preposicionado

- a. No começo do livro eu levei um tempo pra conseguir acreditar, talvez por causa disso que eu estou falando, a gente tem muito dentro DA NOSSA CABEÇA essas criaturas como fofinhas e etc (VID)
- b. Desculpe encommodal\_o, junto remeto essa carta, DE MINHA SOBRINHA fazendo esse pedido (CAW55)

(9) Sintagma nominal

- a. Bem, A SUA FITA está gravadinha (CAF04)
- b. Apresenta o Senhor J.S. Pereira Lima a quem pede dispensar SUA ATENÇÃO (CAW98)

Nesta pesquisa foi preciso ter cautela ao analisar o tipo de preposição, pois os dados foram desproporcionais, por isso não é prudente formularmos hipóteses a partir desses resultados. Além disso, como mostrado acima, o tipo de sintagma não é significativo para a variação presença vs. ausência de artigo diante de pronome possessivo. Logo era esperado que o tipo de preposição também não o fosse. Observe a tabela abaixo:

Tabela 15: Tipo de preposição

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Situação imprecisa</b>	121/ 151	80	[.55]
<b>Movimento de afastamento</b>	121/ 167	72	[.44]
<b>Movimento de aproximação</b>	50/ 65	77	[.50]
<b>Por</b>	8/ 13	61	[.33]
<b>Situação definida e concreta</b>	8/ 9	89	[.71]

*Input: 0.764 Significance: 0.158*

- (10) Situação imprecisa:
- a. A gente tem um grau de responsabilidade por todas as pessoas que a gente, de alguma maneira, toca com a nossa presença, COM A NOSSA EXISTÊNCIA (VID)
  - b. Mas estes dias nos fez lembrar mais, pensando em você que dias tristes e agoniados passará ahi sosinho SEM A SUA COMPANHEIRA (CAW176)
  - c. Entretanto, parece-me que tendo Vóvó perdoado, EM SEU TESTAMENTO todas as dividas de filhos e genros que montavam a apreciavel quantia, a minha por equidadedeve ser incluída n’essa quitação (CAW95)
  - d. É uma consoante produzida quando você fecha a sua boca e, ENTRE OS SEUS DENTES, você deixa a sua língua (VID)
- (11) Movimento de afastamento
- a. Em 86 eu estava na casa DA MINHA TIA lá em Ourinhos e adivinha o que tocou lá? 'Bring on the Dancing Horses' ! (CAF08)
  - b. A verdade é que DESDE MINHAS PAIXONITES de adolescente, o meu coração nunca foi muito esperto pra essa coisa de namorar (VID)
- (12) Movimento de aproximação
- a. Saudades a Sofia, A MEUS NETINHOS aceitai as mesmas da Mãe (CAW45)
  - b. Há mais um pouco de amor proprio e talvez de vaidade, tanto mais que ha um merecimento CONTRA MEU NOME (CAW154)
  - c. Moro com os meus pais que como os seus torcem o nariz PARA O MEU JEITO e o que eu faço (CAF02)
- (13) Por, pelo e pela
- a. Na adolescência, por exemplo, a gente tem um milhão de coisas que passam PELA NOSSA CABEÇA (VID)
- (14) Situação definida e concreta
- a. Rs 22:500\$000 “15 de Junho proximo futuro, para terem cobertas conforme sua carta com oproducto liquido de 20000 arrobas de café, ou mais, de sua safra deste anno, e cujas remessas iniciará em Junho proximo, SOB SUA RESPONSABILIDADE individual que tudo nos merece (CAW25)
  - b. Vamos falar hoje SOBRE OS NOSSOS VILÕES favoritos do mundo (VID)

A análise do tipo de verbo também não apontou esse grupo como estatisticamente relevante para a variação estudada. O verbo de ligação e o ergativo apresentam pesos relativos

idênticos, indicando que esses verbos favorecem, ou se relacionam com a aplicação da regra, enquanto os verbos transitivos e bitransitivos a desfavorecem levemente, com peso relativo muito próximo ao valor neutro. Não é possível fazer uma afirmação categórica sobre os verbos inergativos, visto que houve baixa incidência desse tipo de verbo.

Tabela 16: Tipo de verbo

	Apl. / total	%	Peso relativo
<b>Transitivo</b>	382/ 502	76	[.45]
<b>Ligação</b>	194/ 227	85	[.60]
<b>Ergativo</b>	35/ 41	85	[.60]
<b>Bitransitivo</b>	80/ 105	76	[.45]
<b>Inergativo</b>	9/ 13	69	[.37]

*Input: 0.792 Significance: 0.030*

(15)

- a. Eu tentei pensar nisso e gravei um vídeo lá NO MEU CANAL (VID)
- b. Luke, eu sou O SEU PAI (VID)
- c. O MEU QUEIXO caiu! (CAF08)
- d. Você pode levar essa estrutura de resistência pra outras áreas DA SUA VIDA (VID)
- e. O que eu quero dizer é que todas essas coisas estão organicamente integradas, e achar que você vai fazer um trabalho, e que vai ficar lá, fumando o seu charuto, e tomando o seu chazinho, e escrevendo NA SUA MÁQUINA de datilografar, é uma ilusão (VID)

A pessoa do discurso do pronome possessivo também não apresentou relevância estatística.

(16)

- a. E no desespero de proteger A SUA FAMÍLIA, aquelas pessoas que ela ama, ela decide jogar o jogo (VID)
- b. Putz! A TUA IRMÃ mora em Interlagos! Caramba! É longe pra caramba daqui! (CAF08)
- c. Esse endereço (Avenida Dep...) é da oficina DO MEU PAI (CAF05)

- d. Mandamos O NOSSO REPRESENTANTE á fazenda d'aquela nossa committente, notando elle de accôrdo com o administrador, que a florada é bôa e a produção alcançará 30.000 arrobas de café (CAW05)
- e. Espero que A SUA PRESSÃO esteja 300 por 100, ré, ré, ré (CAF04)

Tabela 17: Pessoa do discurso

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>3ª pessoa (seu)</b>	201/ 234	86	[.61]
<b>2ª pessoa (teu)</b>	38/ 51	74	[.43]
<b>1ª pessoa (meu)</b>	313/ 400	78	[.48]
<b>1ª pessoa plural (nosso)</b>	71/ 93	76	[.45]
<b>2ª pessoa (seu)</b>	77/ 110	70	[.37]

*Input: 0.793 Significance: 0.010*

A terceira pessoa foi o único fator a se relacionar com a presença do artigo definido diante de sintagmas possessivos pré-nominais nesse grupo de fatores. As formas singular e plural de primeira pessoa tiveram pesos relativos muito próximos do valor neutro. O peso relativo que mais se destaca nesse grupo foi o peso da forma *seu* para se referir à segunda pessoa, que foi claramente desfavorecedora do artigo.

A função sintática do sintagma possessivo não foi selecionada como um grupo relevante para a variação.

(17)

- a. Quando eu estava indo pro lugar, eu compus NA MINHA CABEÇA uma música (VID)
- b. Você pode se tornar também o herói DO SEU PRÓPRIO CONJUNTO de leituras (VID)
- c. Vou levar O MEU WALKMAN pra fazer altar 'piratarias' no show, ré, ré, ré (CAF05)
- d. O MEU DESEJO éra ir pessoalmente lhe agradecer (CAW91)
- e. Cheguei agora pouco às 10:20h e dei de cara COM O SEU CARTÃO, o que me deixou feliz pra xuxu (CAF14)
- f. Para advogado de espolio, contractei os serviços de Roberto, pessoa DE MINHA IMMEDIATA CONFIANÇA (CAW175)

- g. Essa foi A MINHA BOOKSHELF TOUR (VID)  
 h. Quanto A SUA FITA, eu vou enviá-la semana que vem, tá? (CAF03)

Tabela 18: Função sintática

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Adj. Adverbial</b>	97/ 134	72	[.40]
<b>Complemento nominal</b>	96/ 125	77	[.46]
<b>Obj. direto</b>	191/ 232	82	[.54]
<b>Sujeito</b>	136/ 170	80	[.51]
<b>Compl. Preposicionado</b>	89/ 119	75	[.43]
<b>Aposto</b>	11/ 16	69	[.36]
<b>Predicativo</b>	70/ 78	90	[.69]
<b>Tópico</b>	10/ 14	71	[.39]

*Input: 0.793 Significance: 0.047*

A função de adjunto adverbial desfavorece a aplicação da regra, enquanto as funções de complemento nominal, objeto direto e sujeito são praticamente neutras na variação da presença vs. ausência do artigo. A posição de complemento preposicionado desfavorece levemente o uso do artigo, enquanto a função de predicativo o favorece. Sobre as funções de aposto e tópico não é seguro fazer afirmações, uma vez que o número de sintagma possessivo nessas funções foi baixo em nossos dados.

O último grupo a não ser selecionado como relevante para a variação do uso do artigo diante de possessivo foi o fator relacionado à presença ou ausência de um elemento entre o pronome possessivo e o substantivo. Observe os exemplos abaixo:

(18)

- a. Marion Zimmer Brandley, MINHA GRANDE INSPIRAÇÃO, minha grande ídola aí da fantasia. (VID)  
 b. Vide o vídeo em que eu falei sobre as questões profissionais que permearam A MINHA FORMAÇÃO (VID)

Ter ou não esse elemento interno ao sintagma possessivo agiu de maneira neutra em relação à variação em nosso *corpus*.

Tabela 19: presença vs. ausência de elemento interno

	<b>Apl. / total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Ausência</b>	657/ 832	79	[.50]
<b>Presença</b>	43/ 56	77	[.47]

*Input: 0.788 Significance: 0.702*

#### 4.1.2. Fatores estatisticamente relevantes para a variação

Nossa análise mostrou que há grande diferenciação no uso ou não do artigo definido diante de pronome possessivo a depender do tipo de posse e origem do documento. Isso significa que os dois fatores agem fortemente na escolha de uma das variantes. Observe a tabela abaixo. Nela, além da frequência e peso relativo, é possível observar o valor do *range*, que indica a ordem de seleção dos fatores analisados.

Tabela 20: Tipo de posse e documento de origem

<b>Grupo</b>	<b>Fator</b>	<b>Apl./ total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Tipo de posse</b>	Partes do corpo	40/ 45	89	.48
	Alienável	229/ 267	86	.58
	Posse abstrata	297/ 386	77	.50
	Relações pessoais	66/ 73	90	.63
	Parentesco	67/ 113	59	.25
	Parte-todo	1/ 4	25	.04
				<i>Range: 59</i>
<b>Documento</b>	Cabine literária	437/ 475	92	.68
	Cartas de fã para fã	124/ 138	90	.65
	Cartas para W.L.	139/ 275	50	.16
				<i>Range: 52</i>

*Input: 0.849 Significance: 0.000*

Analisando a tabela percebemos que, a posse inalienável que envolve partes do corpo (19 a, b) e a posse abstrata (19 c, d) são neutras em relação à regra de aplicação:

(19)

- a. A verdade é que desde minhas paixonites de adolescente, O MEU CORAÇÃO nunca foi muito esperto pra essa coisa de namorar (VID22)
- b. O teatro é uma forma de narrativa muito interessante, e quando você tem o script EM SUAS MÃOS você é capaz muitas vezes de imaginar cenas e ver as coisas como elas vão acontecer (VID)
- c. Eu já falei que quando eu era mais novo eu queria muito ser vocalista de uma banda de rock? Essa era a ilusão que satisfazia O MEU EGO de adolescente (VID)
- d. A muita relachação aqui mas para não aumentar TEUS ABORRECIMENTOS tenho deichado de te escrever neste sentido (CAW44)

Por sua vez, a posse alienável (20a, b) e a posse com relações pessoais (20c, d) favorecem o uso do determinante.

(20)

- a. Se eu te dizer que eu mandei ampliar aquela foto, você acredita? E botei NA MINHA AGENDA! (CAF08)
- b. Não desejo que vocês saiam DE SEUS COMMODOS (CAW01)
- c. Veja só os rolos: o P. da Bizarre é O MEU FÃ (CAF08)
- d. Eu sempre me vi como uma pessoa corajosa, assim, que não tem medo de enfrentar desafios novos e MEUS COLEGAS e os testes que eu fiz sempre diziam que eu era Corvinal (VID)

A posse com parentesco (21a-b), entretanto, é desfavorecedora da regra, ou não se relaciona com o uso de artigo definido. Em relação à posse que expressa parte-todo (21c-d), apesar do baixo peso relativo, indicando que esse tipo de posse desfavoreceria o uso do determinante em contextos possessivos, não é seguro chegar a uma conclusão, devido ao baixo índice desse tipo de posse em nossos dados.

(21)

- a. Muito estimarei que vocês todos tenhaô aproveitado bem [a] estada ahi que A MINHA QUERIDA NETINHA continue sempre gordinha, forte e alegre (CAW01)

- b. Então, ele encontra COM SEU IRMÃO e seu irmão conta que já tinha sido traído (VID)
- c. o zine já começa a englobar o Jesus & Mary Chain NAS SUAS PÁGINAS também a partir de setembro/outubro, ok? (CAF01)
- d. Esse livro e SUA NARRATIVA mexeram comigo no sentido de eu questionar essa ideia de que o progresso é sempre a melhor pedida (VID)

Outro grupo selecionado como relevante para a variação presença vs. ausência do determinante foi o documento de origem da sentença. Nesse grupo é interessante notar a proximidade do valor do peso relativo entre o fator *Cabine Literária* e cartas *De fã para fã* (figura 13), ambos favorecedores da aplicação da regra, enquanto as *Cartas para WL* desfavorecem o uso do artigo. Esse cenário mostra não haver relevância para a variação a variação língua falada vs. língua escrita. Dessa forma, o resultado apresentado na tabela 11 pode ser atribuído ao tempo de produção e não à modalidade: carta ou vídeo.

Uma possibilidade para explicar o resultado da análise do tipo de documento poderia ser o grau de formalidade do discurso. Entretanto, esse foi um fator analisado e, apesar de existir grande diferença entre o peso relativo do fator simétrico/ coloquial [.67] e assimétrico/ formal [.16], esse grupo não foi selecionado como estatisticamente relevante para a variação.

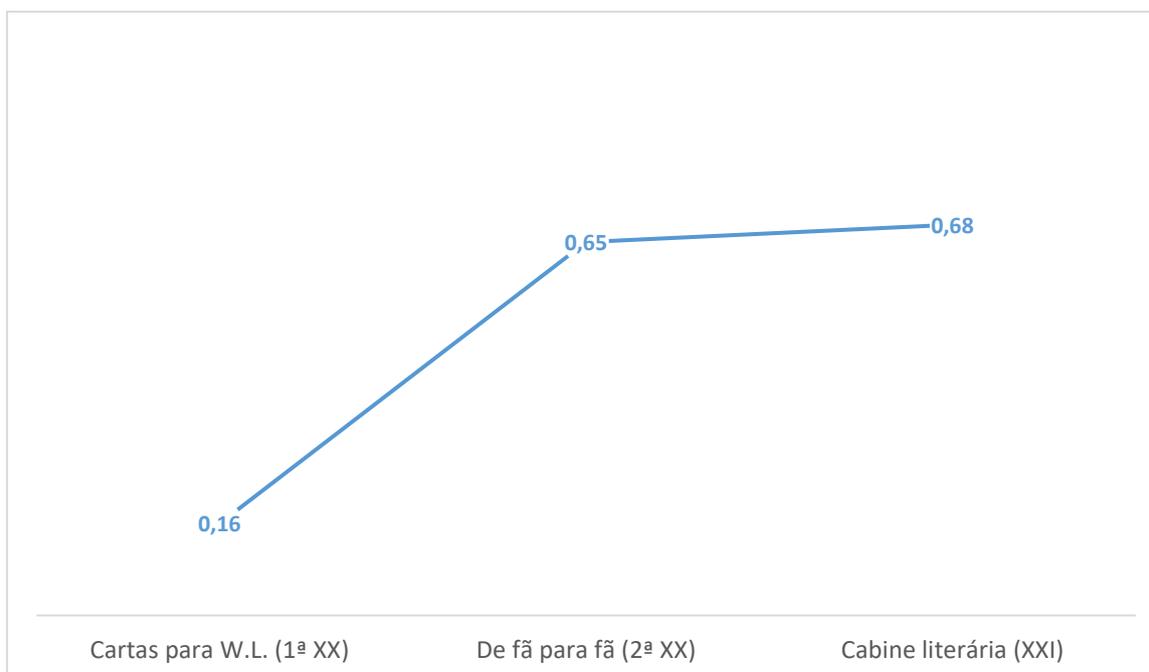
Outra possibilidade de explicar os valores desse grupo estaria relacionada ao fator tempo. Esse resultado pode estar atrelado ao tempo de produção de cada documento, uma vez que as cartas para WL foram escritas na primeira metade do século XX, portanto, em época anterior às cartas de fãs, escritas na segunda metade do mesmo século e aos vídeos produzidos no século XXI.

A diferença temporal entre a escrita das *Cartas para WL* e as cartas *De Fã para Fã* é maior que a diferença entre esta última e os vídeos. A última carta do conjunto das cartas à WL foi escrita em 1949, enquanto no documento *De Fã para Fã*, a primeira carta do conjunto foi escrita em 1990, e a última por volta de 1997 (não consta a data exata, essa é a data da penúltima carta do conjunto). Já o primeiro vídeo que utilizamos em nossos dados foi publicado no *Youtube* em 2012. Dessa forma, há 41 anos entre a última carta do conjunto das cartas a WL e a primeira carta do conjunto *De Fã para Fã*, e apenas 15 anos entre a última carta desse conjunto e o primeiro vídeo do *Cabine Literária*. Isso pode explicar a proximidade entre os pesos relativos das cartas de fã e os vídeos.

Contudo é possível ainda que esse resultado da análise do grupo de fator tipo de documento seja apenas uma variação de estilo de cada informante, considerando que as cartas

para WL seriam uma tentativa de reprodução do português clássico. A figura abaixo mostra a variação dentro desse fator.

Figura 13: Presença de artigo de acordo com o século de produção



Pensando nesses resultados, tentamos rodar os dados novamente, separando cada informante por data de nascimento. Todavia, o programa encontrou alguns erros ao calcular as probabilidades, pois alguns informantes forneceram dados pouco expressivos, deixando muitas lacunas no cruzamento dos dados. Por exemplo, a remetente Gertrudes teve apenas quatro sentenças analisadas, duas delas preposicionadas, uma pela preposição *de*, e outra com a preposição *sem*. Dessa forma, quando os grupos informante e preposição foram cruzados, muitos espaços ficaram vazios. Isso também aconteceu com outros informantes, tornando a análise quantitativa inviável. A forma encontrada para resolver esse problema e continuar a investigação foi separar os conjuntos de dados, pensando em novas formas de organizar os fatores de acordo com as especificidades de cada conjunto.

#### 4.2. Análise de cada conjunto de dados

A seção anterior mostrou os resultados da análise global dos dados, com os três conjuntos de amostra. Esta seção irá apresentar os resultados obtidos nas análises de cada

conjunto isoladamente. As cartas *De Fã para Fã* não tiveram grupos selecionados como estatisticamente relevantes para o uso do artigo definido diante de sintagma possessivo, indicando que, nesse conjunto, os fatores analisados não são relevantes para a variação, por isso, não será apresentada uma análise desse conjunto de dados separadamente.

#### 4.2.1. Frequência do artigo em cada conjunto de dados

A presença de artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal é quase categórica nos vídeos do *Cabine Literária*. Observe a tabela abaixo, que mostra a frequência do determinante nesse conjunto de dados.

Tabela 21: Presença vs. Ausência de determinante nos vídeos

	<b>Apl.</b>	<b>%</b>
<i>Com determinante</i>	431	92
<i>Sem determinante</i>	37	8
<i>TOTAL: 468</i>		

O uso do artigo também foi bastante superior nas cartas *De Fã para Fã*, com frequência próxima à apresentada acima.

Tabela 22: Presença vs. Ausência de determinante nas cartas *De fã para fã*

	<b>Apl.</b>	<b>%</b>
<i>Com determinante</i>	84	87
<i>Sem determinante</i>	12	12
<i>TOTAL: 96</i>		

A frequência do artigo nas *Cartas para WL* difere bastante dos dados reportados acima. Observe a tabela abaixo:

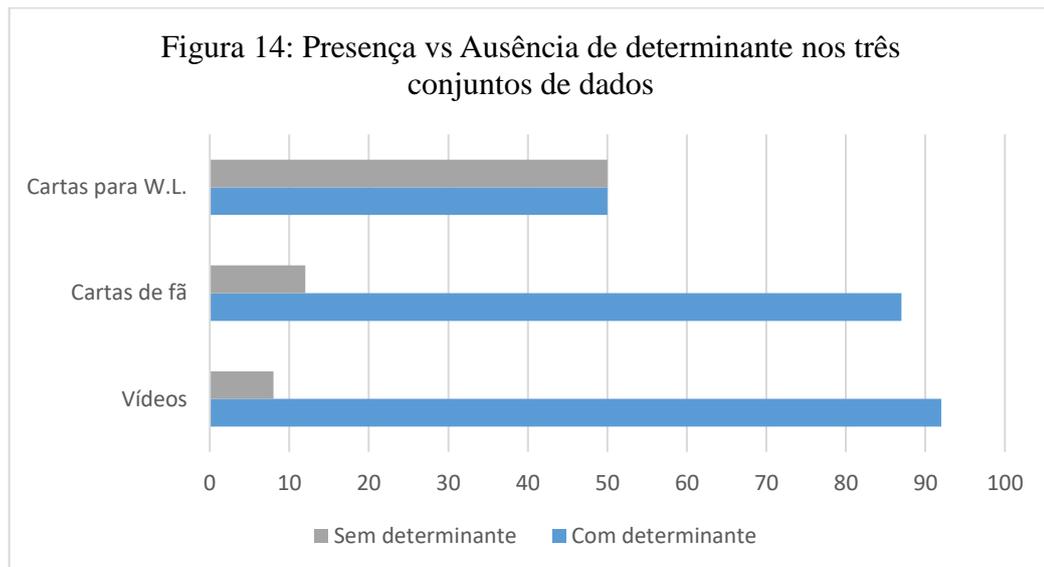
Tabela 23: Presença vs. Ausência de determinante em WL

	<b>Apl.</b>	<b>%</b>
<i>Com determinante</i>	123	50
<i>Sem determinante</i>	125	50
<i>TOTAL: 248</i>		

Enquanto os vídeos e as cartas *De Fã para Fã* apresentam frequência quase categórica de presença de determinante diante dos possessivos, as *Cartas para WL* apresentam uma distribuição bastante regular das duas variáveis, resultado bastante parecido com o encontrado

por Galo (2015). Ao investigar a primeira e a segunda metades do século XIX, a autora não encontrou grande diferença percentual entre ausência vs. presença do artigo nos dois períodos. Em ambos, Galo encontrou 58% de ausência de determinante e 41% de presença.

Para melhor visualizar a frequência do determinante em cada conjunto de dados, criamos o gráfico abaixo, nele a semelhança entre as *Cartas de Fã para Fã* e os vídeos fica ainda mais evidente.



#### 4.2.2. Cabine Literária

Como explicado anteriormente, os grupos de fatores tiveram que ser reanalisados devido às especificidades de cada conjunto de dados. O grupo tipo de preposição, verbo e pessoa do discurso foram amalgamados, de modo que houvesse um número de sentença proporcional em cada fator. A tabela abaixo apresenta os fatores que não foram selecionados como estatisticamente significativos para a variação nos vídeos:

Tabela 24: Primeiros resultados nos vídeos

<b>Grupo</b>	<b>Fator</b>	<b>Apl./ total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<i>Informante/ nascimento</i>	César Sinicio/ 1978	199/ 220	90	[.44]
	Danilo Leonardi/ 1986	232/ 248	93	[.54]
<i>Tipo de sintagma</i>	Preposicionado	183/ 195	94	[.56]
	Nominal	248/ 273	91	[.45]
<i>Tipo de preposição</i>	Situação imprecisa	86/ 93	92	[.42]
	Mov. de afastamento	93/ 97	96	[.58]
	Por	4/ 5	80	[.19]
<i>Tipo de verbo</i>	Transitivo	240/ 259	93	[.51]
	Outros	191/ 209	91	[.47]
<i>Pessoa do discurso</i>	3ª pessoa (seu)	180/ 197	91	[.46]
	Outros	68/ 70	97	[.73]
	1ª pessoa (meu)	183/ 201	91	[.45]
<i>Presença ou ausência de elemento interno</i>	Ausência	415/ 449	92	[.50]
	Presença	16/ 19	84	[.31]

Desse resultado cabe destacar que o grupo informante/ nascimento, apesar de apresentar 10 pontos de diferença entre os pesos relativos, ainda estão próximos do valor considerado neutro. O fator Cesar Sinicio/ 1978 obteve um peso relativo de [.44], ou seja, levemente desfavorecedor do uso do artigo definido, enquanto o fator Danilo Leonardi/ 1985 obteve [.54], levemente favorecedor do determinante.

No conjunto dos vídeos do *Cabine Literária* os grupos selecionados como estatisticamente relevantes para o uso do artigo foram: função sintática e tipo de posse.

Tabela 25: Fatores estatisticamente relevantes para a variação nos vídeos

<b>Grupo</b>	<b>Fator</b>	<b>Apl./ total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
	Adj. Adverbial	77/ 84	92	.30
	Compl. nominal	45/ 48	94	.43
	Obj. direto	132/ 133	99	.84

<b>Função sintática</b>	Sujeito	69/ 85	81	.22
	Compl. Preposicionado	46/ 48	96	.60
	Aposto	5/ 7	71	.11
	Predicativo	54/ 59	91	.33
	Tópico	3/ 4	75	.19
				<i>Range: 73</i>
<b>Tipo de posse</b>	Partes do corpo	27/ 28	96	.63
	Alienável	131/ 137	96	.58
	Posse abstrata	203/ 214	95	.54
	Relações pessoais	38/ 44	86	.32
	Parentesco	32/ 45	71	.17
				<i>Range: 46</i>

*Input: 0.959 Significance: 0.004*

Sobre o primeiro grupo selecionado, não é seguro fazer afirmações sobre construções de tópico e aposto visto o baixo número de sintagmas possessivos nessas duas funções. Destacam-se os valores obtidos na função de objeto direto, quase categórico, com 99% de presença de artigo e .84 de peso relativo, e a função de sujeito, que desfavorece a regra, com peso relativo de .22.

O segundo grupo selecionado como estatisticamente relevante para esse conjunto de dados foi o tipo de posse, também selecionado na análise global, mas com relevância e pesos diferentes para cada fator. Como esse grupo também foi selecionado como relevante para a escolha da variável nas *Cartas para WL*, na seção a seguir será possível encontrar um gráfico comparando os três resultados.

#### 4.2.3. *Cartas para Washington Luís*

A tabela abaixo apresenta os resultados dos grupos de fatores que não foram selecionados como estatisticamente relevantes para a escolha da variável presença ou ausência de artigo diante de possessivos.

Tabela 26: Primeiros resultados em W.L.

<b>Grupo</b>	<b>Fator</b>	<b>Apl./ total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<i>Tipo de sintagma</i>	Preposicionado	58/ 130	45	[.45]
	Nominal	65/ 118	55	[.55]
<i>Tipo de preposição</i>	Mov. de afastamento	24/ 64	37	[.42]
	Situação imprecisa	16/ 31	52	[.57]
	Mov. de aproximação	15/ 28	54	[.59]
	Por	3/ 7	43	[.48]
<i>Tipo de verbo</i>	Transitivo	68/ 157	43	[.43]
	Ligação	25/ 38	66	[.65]
	Bitransitivo	22/ 43	51	[.51]
	Ergativo	6/ 7	86	[.85]
	Inergativo	2/ 3	67	[.66]
<i>Pessoa do discurso</i>	1ª pessoa (meu)	46/ 104	44	[.44]
	2ª pessoa (seu)	27/ 54	50	[.50]
	3ª pessoa (seu)	16/ 26	61	[.61]
	2ª pessoa (teu)	19/ 32	59	[.59]
	1ª pessoa (nosso)	15/ 32	47	[.47]
<i>Função sintática</i>	Obj. direto	32/ 68	47	[.47]
	Compl. Nominal	23/ 48	48	[.48]
	Compl.	21/ 46	46	[.45]
	Preposicionado			
	Sujeito	24/ 35	69	[.68]
	Adj. Adverbial	11/ 32	34	[.34]
	Predicativo	7/ 10	70	[.70]
	Tópico	3/ 6	50	[.50]
	Aposto	2/ 3	67	[.66]
<i>Presença ou ausência de elemento interno</i>	Ausência	107/ 224	48	[.48]
	Presença	16/ 24	67	[.66]

Na tabela é possível observar que os pesos relativos estão próximos ao ponto neutro em quase todos os grupos de fatores. Com alguns destaques nos grupos tipo de verbo e função sintática.

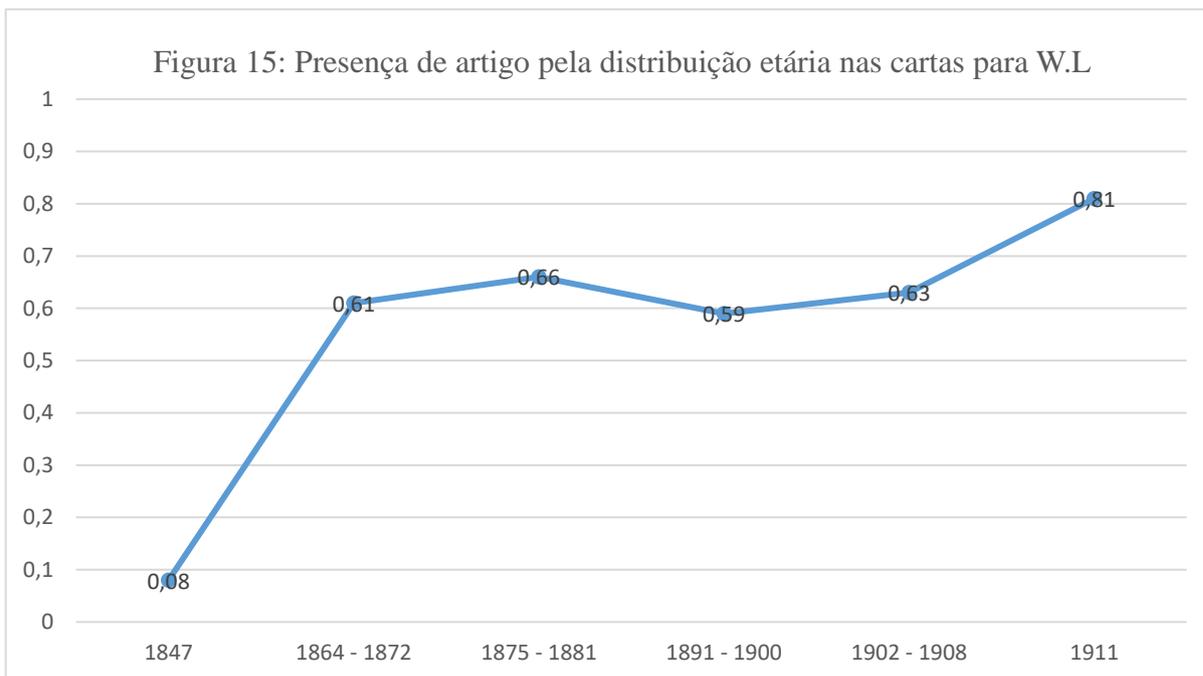
Para analisar esse conjunto de dados os indivíduos foram amalgamados de acordo com a data de nascimento. Por isso algumas sentenças tiveram que ser retiradas, por não haver informações sobre ano de nascimento dos remetentes. Dessa forma, a tabela com os grupos selecionados como relevantes para a escolha da variável ficou da seguinte forma:

Tabela 27: Grupos estatisticamente relevantes para a variação em W.L.

<b>Grupo</b>	<b>Fator</b>	<b>Appl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
<i>Nascimento</i>	1847	11/ 49	22	.08
	1864 – 1872	44/ 84	52	.61
	1891 – 1900	16/ 29	55	.59
	1902 – 1908	9/ 15	60	.63
	1875 – 1881	36/ 61	59	.66
	1911	7/ 10	70	.81
<i>Range: 73</i>				
<i>Sexo/ gênero</i>	Feminino	24/ 66	36	.77
	Masculino	117/ 212	55	.39
<i>Range: 68</i>				
<i>Tipo de posse</i>	Abstrata	65/ 136	48	.43
	Parentesco	12/ 44	27	.35
	Alienável	34/ 54	63	.65
	Relações pessoais	10/ 11	91	.91
	Partes do corpo	2/ 3	67	.44
<i>Range: 56</i>				

*Input: 0.499 Significance: 0.008*

O ano de nascimento é o grupo com maior relevância para esse conjunto de dados, apresentando grande diferença entre os fatores. Para evidenciar essa diferença, criamos o gráfico abaixo:

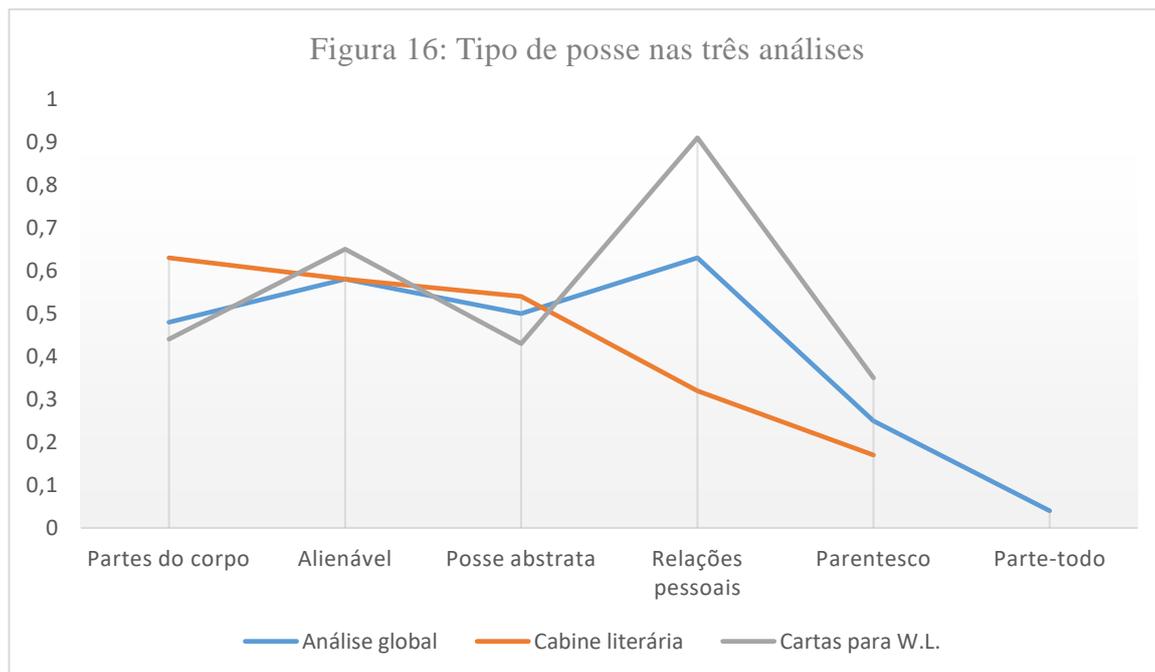


Esses dados mostram que existe um aumento significativo no uso do determinante nos falantes mais jovens, o que pode ser sinal de mudança. Entretanto, a quantidade dos dados não nos permite fazer afirmações seguras sobre essa questão.

Um fator possível de ser controlado nesse conjunto de dados em particular foi em relação ao gênero dos informantes. A análise mostrou que esse grupo foi significativo para a variação da presença vs. ausência do determinante em sintagmas possessivos. As mulheres favorecem a regra, ou seja, preferem construções com o artigo definido, enquanto os homens a desfavorecem. Pesquisas sociolinguísticas apontam que em situação de mudança em direção à forma padrão, as mulheres lideram a mudança (cf. CHAMBERS e TRUDGILL, 1980 *apud* SCHERR, 1988). Entretanto como nunca houve padronização sobre o uso do artigo diante de pronomes possessivos pré-nominais no português, não é possível assumirmos que o resultado do grupo sexo/ gênero indique mudança em progresso.

Mais uma vez o tipo de posse se mostra relevante estatisticamente para a variação presença vs. ausência de artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal. Entretanto houve mudança nos valores dos pesos de cada um deles e na ordem de relevância para a variação.

Observe o gráfico a seguir que compara o peso relativo desse grupo de fator nos três resultados apresentados:



Nesse gráfico é possível observar que a análise global tem um resultado bastante semelhante ao resultado das *Cartas para WL*. Nas duas análises o tipo de posse que mais favorece a presença do artigo é a posse de relações pessoais, enquanto nos vídeos a posse mais favorecedora é com partes do corpo, tipo de posse que não se relaciona com a regra na análise global e nas *Cartas para WL*, que apresentam pesos relativos muito próximos ao ponto neutro, com .48 e .44 respectivamente.

Interessante observar que se desconsiderarmos a posse parte-todo que apresenta poucos dados apenas na análise global, a posse mais desfavorecedora do determinante nas três análises é a posse com relações de parentesco.

### 4.3.Destaques

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos na análise quantitativa da maneira mais detalhada possível. Nossos resultados apresentam algumas diferenças significativas em relação a outros estudos. Entre elas: o aumento percentual da presença do artigo, comparado com o estudo de Galo (2015) e a ação da preposição sobre a variação, comparado com o estudo de Floripi (2008). Além disso, o resultado do fator tipo de posse levanta importantes reflexões.

Galo (2015), analisando dados do século XIX, mostra que em 58% dos dados havia ausência de determinante enquanto em apenas 41% havia presença do artigo. Já nossos dados

apresentam predominância do artigo definido, com 79% dos casos. O que já mostra uma grande diferença em relação aos resultados de Galo.

Entretanto, ao analisar nossos dados separadamente, é possível observar um comportamento diferente em cada um deles. As *Cartas para W.L.* não apresentam diferença quantitativa entre presença vs. ausência de determinante: na análise desse conjunto encontramos exatamente 50% de cada variedade, resultado muito próximos ao encontrado por Galo (2015). Já as cartas *De Fã para Fã* e os vídeos do *Cabine Literária* apresentam respectivamente 87% e 92% de casos de presença do determinante. O que mostra um aumento nos casos de presença do artigo ao longo do tempo.

Outra diferença desta pesquisa é a ação da preposição na variação. A pesquisa de Floripi (2008) mostra que, no PE, a presença do artigo sempre foi alta em sintagma nominais, enquanto a presença do artigo variava nos sintagmas preposicionados ao longo dos séculos. O século XV apresenta frequência entre 20% e 50%, o século XVII varia entre 40% a 70% e a partir do século XVIII a frequência atinge 90%. Nesta pesquisa, os resultados não apontam para a relevância desse fator na variação. Os pesos relativos dos fatores sintagma preposicionado e sintagma nominal apresentam valores muito próximos ao valor neutro, com [.45] e [.53], respectivamente. E o percentual de artigo definido é elevado em todos eles, 76% para o sintagma preposicional e 81% para o nominal. Ou seja, a presença de preposição não é relevante para a escolha da variante presença vs. ausência de determinante no PB.

Outra reflexão importante a ser feita a partir dos resultados desta pesquisa é a análise do tipo de posse. Primeiramente, separamos esse grupo em posse alienável e inalienável. Em seguida dividimos a posse inalienável entre partes do corpo, parentesco, parte-todo, posse abstrata e relações pessoais. Entretanto, nesse segundo grupo há fatores mais e menos inalienáveis. Por exemplo, partes do corpo, parentesco e parte-todo são fortemente inalienáveis. Não é possível passar ou transmitir essa posse para outra pessoa, ou ainda acabar com essa relação. Já o que chamamos de posse abstrata e relações pessoais podem ser desfeitos ou transmitidos. Uma ideia própria pode ser transmitida a outras pessoas que adotaram essa ideia também, ou uma relação de amizade pode ser desfeita.

Os resultados desta pesquisa mostram que as posses mais fortemente inalienáveis desfavorecem a presença do artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal. Enquanto as posses menos inalienáveis favorecem ou são neutras em relação à presença do artigo.

## Capítulo V: Propostas de análise e considerações finais

Neste capítulo, tomando por base os resultados quantitativos obtidos num *corpus* composto de dados provenientes da variedade paulista do PB (capítulos 3 e 4), vamos tratar das propostas que assumimos a respeito de três tópicos: (i) uma proposta sintática para a estrutura do DP possessivo, a qual justifica a projeção das categorias funcionais NumP e PossP (FLORUPI, 2008; GALO, 2015; BRITO e LOPES, 2016); (ii) uma proposta para caracterizar com mais rigor o estatuto semântico do artigo definido no contexto dos DPs possessivos, com base nas particularidades do licenciamento dos Nomes Nus (BNs) no PB (CYRINO e ESPINAL, 2016; FERREIRA e CORREIA 2016). A hipótese que assumimos é a de que o artigo definido, nos DPs possessivos, tanto realizado lexicalmente, como nulo fonologicamente, licencia uma leitura que expressa uma relação possessiva, diferente da leitura denotada pelo artigo definido em DPs definidos. Portanto não se trata de um artigo expletivo (CASTRO, 2006); (iii) a natureza da variação presença vs. ausência do artigo no DP possessivo que ainda persiste no PB. Para tanto, considera-se a questão da deriva vs. contato linguístico, recentemente contemplada numa parte da literatura sobre o tema (entre os autores estão: LUCHESE, BAXTER e RIBEIRO, 2009; AVELAR e GALVES, 2016; NARO e SCHERRE, 2007).

### 5.1. Proposta para a estrutura do DP no PB

Para uma proposta sobre a estrutura do DP possessivo, partimos de algumas considerações relevantes. Primeiramente, vale ressaltar que o PE e o PB apresentam um aspecto comum que é o de licenciar o possessivo em posição pré e pós-nominal, com um importante condicionamento: em posição pré-nominal, apenas determinantes definidos podem introduzir o Sintagma Nominal (SN) (1a). Em posição pós-verbal, o possessivo é usado em construções com artigos indefinidos, numerais, quantificadores (1b). Portanto, a posição do possessivo é selecionada de acordo com sua definitude.

(1)

- a. A sua bicicleta/ essa bicicleta.
- b. Uma bicicleta minha/ várias bicicletas minhas/ muitas bicicletas minhas.

Como vimos no capítulo (2), Giorgi e Longobardi (1991) propõem uma tipologia entre as línguas com base no estatuto categorial dos possessivos pré-nominais. Em línguas como o francês, inglês e espanhol, os possessivos são determinantes, e em línguas como o italiano, e aqui incluímos o português (PE e PB), são adjetivos projetados entre D e N. Esse estatuto se baseia na presença vs. ausência dos artigos definidos no DP possessivo. Vimos detalhadamente como Castro e Costa (2002) e Castro (2006) rejeitam a hipótese de que a diferença entre PB e PE no uso do artigo definido diante de sintagmas possessivos esteja relacionada ao comportamento do possessivo como adjetivo ou determinante. O importante, seria, pois, considerar a natureza pronominal dos possessivos, com base na tipologia pronominal forte, fraco e clítico, como proposta em Cardinaletti (1998) e Cardinaletti e Starke (1999). Com isso, Castro e Costa (2002) e Castro (2006) concluem que, no PE, o possessivo se comporta como um pronome fraco, embora seja projetado como X (núcleo) e não como XP. Ou seja, no PE, o possessivo ocupa a posição D no interior do DP possessivo, pelo seu estatuto pronominal e não categorial.

Recentemente Brito e Lopes (2016) retomam a tipologia de Giorgi e Longobardi (1991), acrescida da proposta de Cardinaletti (1998), a respeito do estatuto categorial do possessivo, como núcleo (X) ou projeção máxima (XP) e sua posição no interior do DP. Brito e Lopes chegam a uma conclusão diferente da de Castro (2006), que nós também vamos assumir, tanto para o PE, como para o PB, com base em duas propriedades dos possessivos: (i) restrições de focalização do segundo pronome possessivo em contextos definidos de coordenação (2a); (ii) possibilidade de focalização em contextos definidos (2b)<sup>30</sup>. Ambas seriam evidências de que os possessivos pré-nominais em português não são núcleos, e sim algum tipo de constituinte frasal que ocuparia a posição de especificador de uma categoria funcional projetada entre D e N:

- (2)
- a. ? O meu e TEU artigo está aqui. (significando um único artigo)
  - b. O MEU livro é que está esgotado.

Vale ressaltar que as autoras não aceitam a hipótese de que a ausência do artigo em DPs possessivos no PB poderia levar à afirmação de que o possessivo ocupe a posição D. Ao contrário, a variação do PB sugere que o pronome possessivo ocupe uma posição parecida com

---

<sup>30</sup> Exemplo retirado de Brito e Lopes (2016, p. 360), identificado no original, respectivamente, como exemplo 35 e 36c).

a proposta para o PE, embora com um determinante nulo (Brito e Lopes, 2016, p. 261). Como veremos na seção 5.2, essa será a hipótese que assumimos para o PB.

### 5.1.1. As projeções NumP e PossP no interior do DP possessivo

Antes de considerarmos a nossa proposta de projeção funcional para hospedar o possessivo pré-nominal, vejamos um segundo aspecto importante para uma hipótese da arquitetura do DP possessivo. Trata-se da hipótese de que ela envolve uma projeção funcional relacionada a Número (NumP), tal como proposto originalmente em Ritter (1991) e posteriormente adotada por muitos autores. A motivação para a projeção reside no fato de que, embora os nomes possam se referir a uma ou mais entidades (singular e plural), número não é uma parte intrínseca dos nomes. Desta forma, assume-se a projeção NumP, projetada entre D e N.

(3)

a. [DP D [NumP Num [NP N ]]]

Considerando correta a hipótese de NumP, e com base no estatuto pronominal do possessivo, assumimos, com base em Floripi (2008), Galo, (2015) (cf. Capítulo 2) e Brito e Lopes (2016), que a estrutura do DP possessivo, tanto para o PE como para o PB, envolvem uma projeção funcional que denominamos frase possessiva (PossP), gerada entre D e N (4).

(4)

a. [DP D [ PossP POSS [NumP Num [NP N ]]]]

## 5.2. A noção de definitude e os artigos definidos

Na seção anterior apresentamos uma proposta de estrutura sintática para o DP, particularmente do DP possessivo. Esta seção será um pouco mais longa, uma vez que faremos algumas considerações sobre a natureza semântica do artigo definido nos DPs possessivos, e trataremos de um importante fenômeno que caracteriza o PB, em oposição às demais línguas românicas: o da distribuição dos BNs referenciais. Para tanto, tomamos como base a apresentação dos fatos, na perspectiva de Brito e Lopes (2016) e Ferreira e Correia (2016). No

entanto, só podemos entender a distribuição do BNs se nos atemos à noção de definitude e do papel dos artigos definidos na expressão das descrições definidas.

A discussão sobre BNs se faz necessária ainda, uma vez que nos basearemos na hipótese de que a variação presença vs. ausência do determinante no DP possessivo é apenas no nível pós-sintático.

A definitude nas línguas naturais é uma noção semântica de grande complexidade que tem desafiado os estudiosos, em particular, por ter uma natureza pragmática, relacionada com as noções de familiaridade, unicidade, saliência e outras (cf. von Heusinger, 2011). Assim, uma expressão definida denota sem ambiguidade um objeto único, ou uma pluralidade de objetos, que podem ser identificados como único (ou únicos) que são denotados pela expressão nominal. No português, do mesmo modo que nas outras línguas românicas, o uso de artigos definidos (o, a, os, as), em oposição aos artigos indefinidos (um, uma, uns, umas) é que revela que, de uma perspectiva pragmática, os DPs definidos retomam informações previamente introduzidas no universo do discurso. Pode-se dizer que o uso dos artigos definidos relaciona-se com as expectativas do falante com relação à possibilidade do referente da frase nominal ser plenamente identificado pelo ouvinte. Os artigos definidos diferem dos artigos indefinidos. De acordo com Ferreira e Correia (2016), enquanto os artigos definidos recuperam uma informação que já foi dada ou que está pressuposta, o artigo indefinido introduz um novo referente ao discurso. Vejamos o contraste em (5a, b):

- (5)
- a. O menino entrou no consultório do dentista.
  - b. Um menino entrou no consultório do dentista.

Em (5a) o falante/narrador tem em mente um menino particular e assume que o ouvinte/leitor pode identificá-lo. O menino é conhecido por ambos. No caso de (5b), apenas o falante/narrador pode estar identificando o referente.

Para discutir a questão da natureza semântica do artigo definido, Ferreira e Correia (2016) mostram a relação do artigo definido com o nome próprio. Eles defendem que a natureza semântica do artigo não parece ser o que determina o uso ou não de artigo definido diante de nome próprio. A escolha está relacionada com atitudes do orador em relação ao referente. Os autores exemplificam com o PE, em que o artigo diante de nome próprio é a forma mais comum, mas que em textos formais, ou quando o referente é culturalmente reconhecido, o artigo é

descartado. Observe que em (6a) Aristóteles é o filósofo grego, portanto culturalmente reconhecido. Já em (6b) Aristóteles é o gato do orador<sup>31</sup>:

- (6)
- a. Aristóteles foi um grande filósofo.
  - b. O Aristóteles voltou a fugir.

### 5.2.1 *BNs referenciais no PB*

No caso dos chamados Nomes Nus (BNs), o PB apresenta algumas particularidades que têm levado a diferentes propostas de análise. BNs, como sabemos, são aqueles NPs que ocorrem sem um artigo realizado lexicalmente. De acordo com a Hipótese Universal do DP de Longobardi (1994), porém, todas as línguas, independentemente do fato de terem ou não artigos, de esses serem ou não realizados lexicalmente, evidenciam que todo constituinte em posição de argumento realiza-se obrigatoriamente com uma estrutura DP, ou seja, projetam D. A posição D pode ser ocupada por itens lexicais particulares, nas diferentes línguas. Como mostramos anteriormente (cf. Capítulo 2), a hipótese do DP tem sido aceita consensualmente para as línguas que têm determinantes definidos. Da mesma forma, mantém-se a hipótese para os DPs possessivos nas línguas em que o artigo está ausente nesses contextos. Como vimos, alguns autores propõem que os possessivos realizam o traço [+def], sendo gerados na posição D. Outros afirmam que o artigo é meramente um expletivo vazio semanticamente.

Com base em Torres Morais (inédito) e Galo (2015), vamos assumir a teoria para a arquitetura funcional dos DPs, inspirada em Cyrino e Espinal (2014), segundo a qual, no PB, há ocorrência de BNs em todas as posições argumentais com significados variados dependendo do tipo de predicado no qual ocorrem. O mais importante é o reconhecimento de que há BNs referenciais, que expressam definitude, ou seja, não são verdadeiros BNs, mas DPs com um artigo definido nulo. Com isso assumimos as duas hipóteses de trabalho formuladas pelas autoras a respeito dos DPs no PB, levando em conta a concordância variada de número (singular/ plural) que se manifesta entre o Determinante e o Nome no interior do DP:

---

<sup>31</sup> Exemplo retirado de Ferreira e Correia (2016, p. 358), identificado no original como exemplos 8 e 9, respectivamente.

H1: Na posição de argumento, BNs são DPs com um determinante nulo e projeção de Número (NumP).

H2: Número é morfossintaticamente valorado e interpretado em D, mesmo quando o determinante é nulo. Vejamos os exemplos abaixo, retirados de Cyrino & Espinal (2013).

(7)<sup>32</sup>:

(7)

- a. Eu limpei *o banheiro* ontem. Deixei *ele* bem brilhante.
- b. Eu limpei *banheiro* ontem. Deixei *ele* bem brilhante.

Segundo as autoras, os exemplos em (7a, b) evidenciam que as expressões *banheiro* e *o banheiro* correspondem a estruturas DPs, uma vez que somente os DPs, mas não os BNs “puros”, são argumentos sintáticos canônicos, por terem a mesma distribuição. Além disso, o relacionamento discursivo com o pronome *ele* compatível unicamente com um antecedente DP é o mesmo, queira o antecedente seja um DP ou um BN referencial. A estrutura para ambas as sentenças em (7) seria a mesma, diferindo apenas na realização plena ou nula do artigo definido (cf. 8):

(8)

[DP O/∅ [NumP Num [nP n [NP banheiro] ]]]

### 5.2.2. *Novas considerações para uma proposta de estrutura do DP possessivo no PB*

Nesta seção vamos detalhar a proposta de Torres Morais (inédito) a respeito de uma estrutura para o DP possessivo no PB e o estatuto do artigo diante do possessivo, a qual iremos adotar em nossa análise. Vamos concluir, ao final dessa apresentação, que as hipóteses assumidas pela autora estão ancoradas numa teoria dos núcleos funcionais na estrutura do DP e no papel semântico do artigo definido, seja ele nulo ou pleno. São dois os objetivos a serem alcançados pela autora:

<sup>32</sup> Exemplo retirado de Cyrino & Espinal (2013, p.3), identificados no original como exemplos 5a, b, respectivamente.

1. Propor uma estrutura aos DPs possessivos no PB, considerando as propriedades sintáticas e semânticas dos BNs definidos, em posição argumental;
2. Mostrar que as diferenças entre o PE e PB relacionadas à presença vs. ausência do artigo definido diante do possessivo decorre das seguintes propriedades gramaticais do PB:
  - i. a presença do possessivo pré-nominal no interior do DP pode mudar a dinâmica na qual os traços de Número são morfossintaticamente valorados e interpretados.
  - ii. O artigo nulo tem uma natureza referencial nos contextos possessivos, ou seja, não são expletivos.

A propriedade (i) diz respeito ao conhecido fato de que, no PB dialetal, ao contrário do PE, a expressão semântica de Número pode ser marcada unicamente no determinante (9a-b), mas não unicamente no nome (9c) (cf. SCHERRE 1988, 1994; SCHERRE e NARO 1998; COSTA e FIGUEIREDO SILVA 2006, entre outros).

(9)

- a. O livro sumiu.
- b. Os livro sumiu/sumiram.
- c. \*O livros sumiu/sumiram.

Ora, alguns autores (cf. COSTA e FIGUEIREDO SILVA 2006) têm apresentado evidências empíricas de que, na sequência art + poss + N, ou seja, no interior do DP possessivo, se apenas um dos elementos tiver que ser marcado morfologicamente com a expressão de número, esse será o possessivo e não o artigo. Assim (10a) é gramatical, mas não (10b):

(10)

- a. O meus livro sumiu.
- b. \* Os meu livro sumiu

A partir das duas hipóteses, Torres Morais justifica a estrutura básica para o DP possessivo no PB. Antes é preciso destacar ainda que a autora assume que o padrão de concordância no interior do DP possessivo mostra a natureza dupla do possessivo. Assim, enquanto pronomes, os possessivos herdam seus traços de pessoa e número, do antecedente ou referente, ou são dêiticos, quando expressam as 1ª e 2ª pessoas. Enquanto adjetivos, concordam em gênero e número com o núcleo do SN (possuído).

No entanto, nem todas as formas possessivas exibem concordância de pessoa e número com o possuidor, no português, como é o caso das formas de 3ª pessoa *seu, sua, seus, suas*. O padrão duplo se expressa de forma distinta na morfologia: com o possuidor a concordância é expressa pela raiz das formas possessivas, o que configura um acordo referencial. Ao contrário a concordância com o nome é marcada por morfemas flexionais, ativada, portanto, pela concordância gramatical.

A variação presença vs. ausência dos determinantes é apenas no nível pós-sintático, o mesmo ocorrendo com a variação na concordância dos traços de Número. Com isso, a estrutura do DP possessivo não se altera. No entanto, segundo a autora, a presença do possessivo altera a dinâmica na qual os traços de Número são morfossintaticamente interpretados, como ilustrados em (10a, b). Vejamos a estrutura em (11), e as operações de concordância que se realizam entre os constituintes lexicais e funcionais.

(11)

[DP O/Ø [PossP meu [ POSS [NumP Num [ [nP n [ NP livro]]]]]]

Com base na teoria dos traços formais que compõem as categorias funcionais (cf. Chomsky, 1995, 2000, 2001), a autora propõe que um traço interpretável de pessoa no núcleo possessivo licencia os traços de pessoa do possessivo, associada à interpretação de possuidor. Da mesma forma, traços não interpretáveis de número e gênero no núcleo Poss são valorados na relação de concordância com os traços interpretáveis de número em NumP e com o traço de gênero intrínseco dos nomes possuídos.

Portanto, na estrutura em (11) diferem as operações de checagem/valoração de traços que se verificam nos DPs definidos (cf. estrutura em 8):

Com base nessa análise, pode-se assumir as seguintes hipóteses para o PB:

- (i) D é o local da definitude;
- (ii) O determinante, nulo ou realizado, é obrigatório para expressar a definitude;
- (iii) O traço interpretável de pessoa é licenciado em Poss;
- (iv) A categoria que porta a marca de Num é a primeira categoria funcional que merge após NumP.
- (v) expressão morfofonológica de Número em D e no Nome, é pós-sintática.

### 5.2.3. O estatuto do artigo definido nos DPs possessivos

Quanto à variação na presença vs. ausência do determinante no interior dos DPs possessivos, fica claro que Torres Morais (inédito) não atribui a eles o estatuto de elementos expletivos, uma vez que a sua análise se baseia na sintaxe e semântica dos BNs, desenvolvida por Cyrino e Espinal (2014). Assim, a variação presença vs. ausência dos determinantes é apenas no nível pós-sintático, no componente fonológico, o mesmo ocorrendo com a variação na concordância dos traços de Número entre o artigo e o nome possuído. Como comentado na seção (2.5), desta dissertação, Galo (2015) assumiu com base em Torres Morais (inédito) que, tanto na presença, como na ausência do possessivo, o artigo, seja nulo ou pleno, é o portador da definitude, o que significa dizer que é a sua presença que leva a uma interpretação do DP possessivo como uma expressão definida, no sentido apresentado na seção (5.2).

No entanto, nesta dissertação vamos propor, diferentemente de Torres Morais (inédito) e Galo (2015), que há uma diferença importante na natureza semântica do artigo definido nos DPs possessivos. A nossa hipótese é de que o artigo não é um definido “forte”, mas um definido “fraco”, no sentido em que marca, não a definitude, mas uma relação de posse que se estabelece entre o possuidor e o possuído. Ou seja, em certo aspecto fica enfraquecida a sua força referencial plena, uma vez que há uma outra âncora referencial dentro do DP que é o traço de Pessoa no possuidor como parece ser o caso nos exemplos em (12 e 13):

(12)

- a. Falante- 1ª pessoa: Você viu o celular?
- b. Ouvinte- 2ª pessoa: Não.  
Que celular?

(13)

- a. Falante: 1ª pessoa: Você viu (o) meu celular?
- b. Ouvinte: 2ª pessoa: Não.  
Eu nem sabia que você tinha celular.

Observe-se que os diálogos em (12) e (13) possibilitam respostas que evidenciam a interpretação distinta dos DPs com e sem possessivos pré-nominais embora, em ambos os casos, o DP seja definido. No caso de (12), o ouvinte identifica o objeto mencionado, atribuindo-lhe

um referencia definida. Dessa forma, pode negar o fato de ter visto um determinado celular, ou pode indagar a respeito do celular indicado pelo falante.

No caso de (13), o ouvinte igualmente identifica referencialmente o objeto (o celular), mas pode opinar a respeito da relação estabelecida entre o objeto possuído (o celular) e o possuidor (o falante).

Ou seja, a possibilidade de identificação do objeto que expressa o referente (o objeto possuído) fica dependente da posse que se estabelece entre o possuidor e o possuído.

O que o artigo realiza, portanto, é a uma determinação dessa relação. Podemos ver isso nos nossos resultados. As relações de parentesco favorecem o apagamento do artigo definido nas três análises desenvolvidas (global, cartas para W.L. e vídeos). Pode ser que haja ainda uma variação que não sabemos como avaliar, em que o artigo é apagado nos contextos em que a relação que se estabelece entre possuidor e possuído é inerente aos itens lexicais, como é o caso da posse inalienável. Um exemplo típico dessa relação é o que mostra a posse inalienável ilustrado pelos casos acima citados. Com isso, sustenta-se a identificação plena da relação possessiva. (cf. Figura 16).

### 5.3. A questão da deriva ou do contato linguístico e outras questões

Alguns pesquisadores têm retomado a discussão de deriva vs. influência de contato na análise de alguns fenômenos que caracterizam hoje o PB em oposição ao PE, em particular, a perda do sujeito pronominal nulo e as diferentes estratégias para preenchimento da posição pré-verbal do sujeito, o uso da preposição *em* locativa com verbos de movimento, as reanálises marcantes dos sistemas pronominais (pessoais e possessivos), as inovações, entre elas, a construção de tópico -sujeito locativo e genitivo, a preposição *para* como introdutora de objeto indireto com verbos ditransitivos, entre outras. Também não escapa desse cenário a variação entre a presença vs. ausência de artigo definido nos DPs possessivos. Assim, é que Naro e Scherre (2007), ao lado de outros estudiosos, concluem que se trata de mais um dos aspectos arcaicos que permanecem na fala brasileira. O que parece ser corroborado pelos estudos quantitativos sobre o PA (cf. capítulo 2).

Por outro lado, há uma literatura muito produtiva que tem trazido evidências de características sintáticas amplamente atestadas nas línguas bantas, bem como da importância demográfica das populações de origem africana nos períodos colonial e imperial no Brasil, levando ao reconhecimento de que o PB apresenta inovações que o diferenciam tanto do PE

como de outras línguas românicas, sob a influência das línguas africanas que entraram em território brasileiro pelo tráfico de escravos. Esses estudos têm se baseado em *corpus* coletado nas comunidades rurais, nas regiões com a presença de afrodescendentes, e outras áreas que cobrem a extensão do território nacional (cf. entre muitos outros, LUCHESI, BAXTER e RIBEIRO, 2009; AVELAR e GALVES, 2016; RIBEIRO, 2010).

Deixaremos essa questão em aberto nesta dissertação, mas certos de que ela é de enorme importância para o entendimento do percurso diacrônico na realização do artigo nos DPs possessivos no PB.

### 5.3.1. A natureza da variação

Se tem um ponto ainda polêmico no estudo do nosso fenômeno é o da questão sobre a natureza da variação: seria um caso de competição de gramática? Um caso de variação inerente ao sistema do tipo laboviano? Ou alguma outra expressão de coexistência de gramáticas, determinada por fatores de natureza intra e extralinguística? Novamente, não buscaremos responder de forma definitiva a essa questão.

Assim, vejamos que Neves (1993), com base em dados recolhidos do *corpus* mínimo do Projeto NURC, registra que a variação do artigo definido diante do possessivo não é considerada como um fato de natureza gramatical para os estudos tradicionais. Trata-se mais de uma escolha do falante sem efeito semântico para o enunciado. O *corpus* revela um percentual elevado da presença do artigo definido diante do possessivo, embora não categórico, nos 3 tipos de inquéritos: Elocução Formal (EF), 67,65%; Diálogo entre informante e documentador (DID), 71,52%; Diálogo entre informante e documentador (D2) 55,2%. A autora enfatiza ainda que a distribuição pelas 5 capitais consideradas na primeira fase do NURC é também relevante, porque parece não marcar uma fronteira dialetal para a variação. Ou seja, há percentual superior de realização do artigo em todas elas: Recife: 65,96%; Salvador, 63,89%; Rio de Janeiro 67,57%; São Paulo 65,31% e Porto Alegre 63,54%.

Schei (2009) apresenta igualmente resultados da realização do artigo definido diante dos possessivos, em contextos variados, com base num *corpus* constituído de romances brasileiros do século XIX, representantes de diferentes perspectivas literárias. Ela se faz uma pergunta, adaptada nos seguintes termos: O que é que todas essas análises nos dizem sobre o uso do artigo antes de possessivo seguido de substantivo? Para a autora a única afirmação confiável é a de que as frequências relativas das duas variantes variam de autor para autor e mesmo dentro das obras de um mesmo autor. Este seria o caso de Machado de Assis que, embora apresente um uso

praticamente categórico do artigo na obra *Dom Casmurro*, pratica a variação em outras obras. A autora considera que, talvez, o uso categórico seja devido ao fato de que Machado, na obra *Dom Casmurro*, esteja seguido a norma europeia, já que, no século XIX, o PE tinha generalizado o uso do artigo. Portanto, não se trataria de uma variante natural brasileira. Ela conjectura ainda que a variação encontrada nos demais autores, uns com uso bastante reduzido do artigo, outros com um maior percentual de uso, podem indicar que o aumento na frequência pode estar revelando uma evolução natural do PB para uma gramática moderna, mas sempre brasileira e não lusitana.

#### 5.4. Considerações finais

Entre os objetivos desta dissertação destacaram-se os que seguem: (i) levantamento do uso de artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais em cartas e vídeos paulistas dos séculos XX e XXI; (ii) apresentação de uma proposta de análise para caracterizar o estatuto variável na realização do artigo em contextos possessivos; bem como o mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando essa variação.

A base teórica para nossas reflexões se apoia em dois quadros teóricos: a teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986) e a teoria variacionista (WLH, 1968; Labov, 1972, 1994). Baseamo-nos também nos resultados quantitativos obtidos através do programa computacional Goldvarb, que verificou a possível correlação entre grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos com a presença de determinante diante de possessivos pré-nominais. Para isso coletamos nosso material de análise em vídeos de um canal do *Youtube*, o *Cabine Literária*, produzidos no século XXI, e dois conjuntos de cartas organizados e editados para o PHPP, a saber: *Cartas de Fã para Fã*, escritas no final do século XX, e *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís*, escritas no início do mesmo século.

No capítulo 1 apresentamos os principais pressupostos teóricos da teoria gerativa e variacionista. Destacando o conceito de variação de cada uma delas. A primeira defende a ideia de que a mudança acontece no momento da aquisição da linguagem, devido à marcação paramétrica que um indivíduo faz diferente da marcação de sua comunidade de fala. A segunda, acredita que a variação é inerente ao sistema linguístico. Neste primeiro capítulo, mostramos ainda como Tarallo (1987), Roberts (2007) e Kroch (1989, 2000) defendem a compatibilidade desses dois modelos. Para isso, destacamos as ideias de Kroch (1989, 2000) sobre competição de gramáticas.

O capítulo 2 se dedicou ao levantamento de pesquisas recentes sobre o uso de artigo em DPs possessivos no português, ressaltando as principais hipóteses de cada estudo. Entre esses estudos, destacam-se os trabalhos de Castro e Costa (2002) e Castro (2006), Floripi (2008), Rinke (2010) e Galo (2015).

Castros e Costa (2002) e Castro (2006) defendem a ideia de um artigo expletivo, negando que haja diferença entre PE e PB. Para os autores a diferença encontrada nessas línguas seria apenas a realização fonológica ou não do artigo expletivo.

Floripi (2008), ao analisar o PE do século XVI ao XIX, observa que houve mudança no padrão de utilização do artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal ao longo do tempo. A autora nota que entre os séculos XVI e XVII havia duas gramáticas num processo de competição: uma com e outra sem artigo definido. A partir do século XVII, Floripi nota um aumento sistemático no uso da forma com artigo, até essa forma se tornar categórica no século XIX. Para a autora essa mudança se deu devido a uma reanálise em que o traço de definitude deixa de ser associado ao traço possessividade e passa a ser realizado por meio do artigo. Floripi defende ainda que a presença de preposição foi um fator atuante para essa reanálise, uma vez que a preposição passa a ser analisada como núcleo funcional, permitindo a contração da preposição com traços do determinante. As preposições criariam uma projeção estendida para licenciar traços de definitude em D.

Outra hipótese apresentada foi a de Rinke (2010) que, estudando o PE, defende a ideia de gramaticalização do artigo definido, segundo a qual o artigo teria uma ampliação dos contextos de uso, surgindo primeiro como marcador de tópico discursivo até se estender aos demais contextos chegando às construções possessivas.

Também apresentamos o estudo de Galo (2015), que analisou o uso das formas *seu(s)*, *sua(s)* no português paulista do século XIX. Em relação à frequência do artigo, a autora não observa grande diferença entre ausência vs. presença de artigo definido diante dos pronomes possessivos, nem oscilação entre a primeira e segunda metade do século. Com isso, Galo (2015) conclui que o PB não estava, naquele momento, em um processo de mudança, mas de variação estável.

Para explicar a variação, a autora se baseia nas propostas de Cyrino e Espinal (2014) para os BNs no PB, que defende que os BNs, na posição de argumento, são DPs com determinante definido nulo e projeção de NumP no conjunto das projeções funcionais no interior do DP. Além disso, o traço de número seria valorado e interpretado em D, mesmo quando o determinante é nulo. Da mesma forma, Galo (2015) assume que, no PB, os DPs

possessivos são expressões definidas com a mesma natureza dos BNs, seja o artigo realizado ou não fonologicamente.

O capítulo 3 apresenta com detalhes a metodologia adotada ao longo desta pesquisa. O capítulo apresenta o projeto e subprojeto dos quais esta dissertação faz parte, PHPB e PHPP, respectivamente. Fizemos uma pequena discussão em torno do termo PB, a fim de deixar claro que as afirmações aqui realizadas dizem respeito apenas aos dados de nosso *corpus*. Não pretendemos generalizar nossos resultados para a língua falada de norte a sul do Brasil. O capítulo apresenta brevemente o quadro dos pronomes possessivos no português, destacando sua semântica e funções sintáticas. Nesse capítulo é ainda possível encontrar uma descrição detalhada do *corpus* utilizado, bem como da seleção dos fatores linguísticos e extralinguísticos levantados.

No capítulo 4 apresentamos os resultados quantitativos obtidos na nossa análise. A partir desses resultados, somado aos pressupostos teóricos aqui assumidos, acreditamos que seja possível fazer as formulações apresentadas na seção 5.2. e 5.3. deste capítulo.

Por fim, neste capítulo retomamos os pontos principais de algumas propostas de análise sobre a estrutura do DP possessivo e a semântica do artigo definido diante de pronome possessivo pré-nominal, a saber: Floripi (2008), Galo (2015), Brito e Lopes, (2016), Cyrino e Espinal (2016) e Ferreira e Correia (2016). A partir das considerações desses autores pudemos propor uma estrutura para os DPs possessivos baseada nas propriedades sintáticas e semânticas dos BNs, defendendo que a variação está no nível pós-sintático, o mesmo ocorrendo com a variação na concordância dos traços de Número entre o artigo e o nome possuído.\

Entretanto, a novidade de nossa análise está em assumirmos que há uma diferença importante na natureza semântica do artigo definido nos DPs possessivos. Propomos que o artigo perde a força de referencialidade ao se unir a um pronome possessivo pré-nominal, que funcionará como âncora referencial, fazendo com que o artigo fique enfraquecido. (cf. seção 5.2.3). Nesses termos, o artigo tem referencialidade “fraca” no sentido de ser um marcador da relação definida que se estabelece entre o possuído e possuidor.

Sobre o primeiro objetivo desta pesquisa, a saber: fazer um levantamento na frequência de uso do artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais, é possível afirmar que nossos resultados mostraram um aumento no uso do artigo nesses contextos, se compararmos nossos resultados com pesquisas anteriores, em especial Galo (2015).

Como já mencionado, os resultados da autora apresentam uma frequência de ausência vs. presença do artigo bastante próximas, com 58% de ausência e 41% de presença para as duas metades do século XIX. Em contrapartida, nossos resultados apresentam, na análise global, 79%

de presença, contra 21% de ausência de determinante. A presença do artigo também se sobressai nas cartas *De Fã para Fã* e nos vídeos do *Cabine Literária*. Só apresenta resultados diferentes as Cartas para W.L. com 50% de presença e 50 % de ausência, apresentando um resultado muito parecido com o encontrado por Galo (2015).

A partir desses resultados fizemos um mapeamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam estar condicionando a variação presença vs. ausência do artigo definido em DPs possessivos. Nossos resultados mostraram que, entre os fatores analisados, os mais relevantes para a presença do artigo no sintagma possessivo foram: tipo de posse e documento de origem, mostrando que, no universo dos tipos de posse selecionados, o contexto mais resistente à presença de artigo é a posse por parentesco, mas ainda assim a presença de artigo é percentualmente maior (59%). Acreditamos que isso possa corroborar a hipótese da natureza do artigo e do possessivo adotada por esta pesquisa.

Os resultados obtidos na análise do fator documento de origem levantaram novas dúvidas que não puderam ser respondidas por nosso *corpus*. Todavia, levantamos algumas hipóteses sobre a causa desses resultados. Estaria a variação correlacionada ao grau de formalidade do discurso, visto que as cartas para W.L. assumem um tom mais formal que as cartas de fã e os vídeos? Ou estaria relacionada ao período de produção, uma vez que as cartas para W.L. foram produzidas no início do século XX, enquanto as cartas de fã e os vídeos no final do século XX e início no XXI, respectivamente? Ou estaria ainda relacionada ao período de nascimento do informante? Apesar de terem sido escritas no início do século XX, a maior parte dos remetentes de W.L. nasceram no final do século XIX, portanto, um período próximo ao estudado por Galo (2015), o que explicaria a semelhança dos resultados desse conjunto de dados com os resultados da autora, enquanto a remetente das cartas de fã e os informantes dos vídeos nasceram em 1972, 1978 e 1986, explicando o fato dos resultados desses dois conjuntos de dados serem bastante próximos.

Assim, não pudemos responder à questão sobre o estatuto da variação no português paulista: se uma variação estável ou mudança em progresso. Nossos resultados dão indícios de mudança, mas são necessárias novas pesquisas com um *corpus* mais representativo para que essa questão possa ser respondida.

Entretanto, apesar das limitações descritas acima, acreditamos que esta dissertação contribuiu para a descrição do uso do artigo definido em sintagmas possessivos no português paulista e ao apresentar novas considerações sobre a estrutura do DP possessivo no PB e o estatuto do artigo diante do possessivo. Além disso, a análise quantitativa mostra diferenças importantes com estudos anteriores, sobretudo Galo (2015) e Floripi (2008).

Enquanto o estudo de Galo (2015) mostra uma pequena diferença percentual entre presença vs. ausência de artigo definido diante de pronomes possessivos pré-nominais, nossos resultados apontam para um percentual muito elevado de presença do determinante. Em relação ao uso da preposição, Floripi (2008) mostra que a preposição foi um fator fundamental na mudança do PE, enquanto nossos resultados mostraram que o tipo de sintagma não age na escolha da variante.

### Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, Rosario; XOVE, Xosé. Gramática da Língua Galega. Vigo: Editorial Galaxia, 2002.
- AVELAR, Juanito e GALVES, Charlotte (2016) From European to Brazilian Portuguese: A parameter tree approach. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (68-2), Campinas pp. 237-256 - mai./ago. 2016.
- AMERIGEN, A. V.; CERDERGREN, H. J. Observations sur la liaison en français de Montréal. In: SANKOFF, D.; CERDERGREN, H. (eds.). 1981.
- ANDERSEN, H. Abductive and Deductive Change. *Language* 49. p. 765 – 93, 1973.
- BASSETO, Bruno F. Elementos de Filologia Românica. São Paulo: Edusp, 2001.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORER, H. Parametric Syntax. Case Studies in Semitic and Romance Languages. Dordrecht, Foris Publications, 1983.
- BORGES NETO, J. A incomensurabilidade e a “compatibilização” de teorias. In: J. BORGES NETO. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo: Parábola Ed, 2004.
- BORIK, O.; CYRINO, S.; ESPINAL, M.T. On Determiners in Languages with and without Articles. Workshop on Languages With and Without Articles. Paris March 15th -16th 2012.
- BRAGA, M. L. Concordância de número do Sintagma Nominal no Triângulo Mineiro, PUC-RJ, 1978.
- BRITO, Ana Maria; LOPES, Ruth E. V. The structure of DPs. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (Eds.). *The handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, 2016.
- BRITO, A. Os possessivos em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas XX*, 2003.
- CAMPOS, E. A. A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARDINALETTI, A.; STARKE, M. The typology of structural Deficiency: a Case Study of Three Classes of Pronouns. In: *Clitics in the languages of Europe*, ed. Henk van Riemsdijk, 33\_82. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- CARDINALETTI, Anna. On the deficient/strong opposition in possessive systems. In: *Possessors, predicates and movement in the determiner phrase*, ed. Artemis Alexiadou and Chris Wilder, 22, 17-53. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

- CASTRO, A.; COSTA, J. Weak forms as Xo: pronominal possessives and preverbal adverbs in European Portuguese. In: *Romance Linguistics: Theory and acquisition*. Pérez-Leroux, A. T. e Roberge, Yves (eds.). 95-110. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- CASTRO, Ana. Possessivos e artigo definido expletivo em PE e PB. *Veredas Portugal*, 2006.
- CERDERGREN, H. J.; CLERMONT, J.; COTE, F. Le facteurs temps et deux diphtongues du français montréalais. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*, 1. ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1980. 218p.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*. 6:339-405, 1998.
- CHOMSKY, N. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Barriers*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge. Mass: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Minimalist Inquiries*. Cambridge, Mass: MIT Working Papers, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Derivation by Phase*. Cambridge. MA: MIT Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Minimalist Inquiries: The Framework*. In R. Martin, D. Michaels, and J. Uriagereka, eds., *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, 89–155.
- \_\_\_\_\_. *Derivation by Phase*. In M. Kenstowicz, ed., *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001, 1–52.
- \_\_\_\_\_. *Beyond Explanatory Adequacy*. In A. Belletti, ed, *Structure and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004, p.104–31.
- COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORVALÁN, C. S. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. In: AMASTAE, J.; ELÍAS-OLIVARES, L. (eds.). *Spanish in the United States. Sociolinguistic Aspects*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- COSTA, I. 'O uso do artigo definido diante de nome próprio de pessoa e de possessivo do século XIII ao século XVI'. IN: Mattos e Silva & Machado Filho, A. V. L. (ed.) *O Português Quinhentista – Estudos Lingüísticos*. EDUFBA/UEFS, 2002.
- COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and Verbal Agreement in Portuguese: An Argument for Distributed Morphology. In: Costa, J. & Figueiredo Silva, M. C. (eds). **Studies on Agreement**. *Linguistik Aktuell*. John Benjamins Publishing Co., 2006.

- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 12.ed. 2. tir. – Rio de Janeiro: FAE, 1990. 655 p.
- CYRINO, Sonia; ESPINAL, Maria Teresa Bare Nominals in Brazilian Portuguese: more on the DP/NP analysis. In: *Natural Language and Linguistic Theory*, 2014.
- DUARTE, Maria Eugênia. Avanço no estudo da mudança sintática associando a teoria da variação e mudança e a teoria de princípios e parâmetros. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v.51, p.85 – 111, 2015.
- DUBUISSON, C. L' inversion du SN sujet et la post-position du SN lourd en français. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- Ellegård, Alvar. *The auxiliary do: the establishment and regulation of its use in English*. Stockholm: Almqvist e Wiksell, 1953.
- FERREIRA, Marcelo Barra; CORREIA, Clara Nunes. The Semantics of DPs. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (Eds.). *The handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, 2016.
- FLORUPI, Simone A. Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português. 2008. 271 f. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- GALO, G. D. M. Artigos e possessivos na história do português paulista. 2015. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GIORGI, Alessandra e LONGOBARDI, Giuseppe. *The syntax of Noun Phrases: configuration, parameters and empty categories*. Cambridge/New York: Cambridge University Press. 1991.
- GIVÓN, T. Topic, Pronoun and Grammatical Agreement, In: Charles N. Li (ed.), *Subject and Topic*, New York/ San Francisco/ London: Academic Press, 149 – 188, 1976.
- GRYNER, H.; MACEDO, A. T. de. La pronociation du s post-vovalique: deux processus de changement linguistique en portugais. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- HALE, M. Diachronic Syntax. *Syntax* 1, p. 1 – 18, 1998.
- HASPELMATH, M. Explaining article-possessor complementarity: Economic motivation in noun phrase syntax, *Language* 72 (2), 227 – 243, 1999.
- HUNDERTMARKT-SANTOS MARTINS, M. T. *Portugiesische Grammatik*. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- KEMP, William. Major sociolinguistic patterns in Montreal French. In: SANKOFF, David e CEDERGREN, Henrietta. (eds.). *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research, Inc., 1981. p.3-16.

- KEWITZ, Verena. Cartas familiares: em torno de Washington Luís. SIMÕES, José da Silva (coord.). Projeto de história do português paulista II: Subprojeto formação de corpora do português paulista. São Paulo, 2016.
- KOCH, I. G.V. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. In: Trabalhos em linguística aplicada. Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. In: Sankoff, D.; Labov, W.; Kroch, A. (eds.). *Language Variation and Change*. vol.1. n.3. 199-244. Cambridge University Press. New York, 1989.
- \_\_\_\_\_. Morphosyntactic variation. In: Beals, K. et al. (orgs.). *Parasession on variation and linguistic theory*. Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistic Society, 1994.
- \_\_\_\_\_. Syntactic Change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford. Blackwell. 629-7399, 2000.
- \_\_\_\_\_. Syntactic Change. In BALTIN and COLLINS (Eds). *The Handbook of contemporary Syntactic Theory*. Mass: Blackwell, p. 699-729, 2001.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Resolving the neogrammarian controversy. In: *Language* 57, n. 2, 1981.
- \_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Princípios del cambio lingüístico*. vol. 1. Trad. de Pedro Martin Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.
- LANGACKER, Ronald W. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2009
- LIGHTFOOT, D. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. *How to set parameters*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- LIRA, S. de A. *Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado), University of Pennsylvania, 1982.
- \_\_\_\_\_. Subject postposition in Portuguese. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 2, n. 1, 1986.
- LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*. 25 (4). 609-665, 1994.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Allan; RIBEIRO, Ilza (2009) *O português afro-brasileiro*. Salvador: Editora da UFBA.

- LYONS, C. A possessive parameter. *Sheffield Working Papers in Language and Linguistics* 2, p. 98 – 104, 1985.
- \_\_\_\_\_. ‘On the origin of the Old French strong-weak possessive distinction. *Transactions of the Philological Society* 1-41, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Definiteness*. Cambridge. University Press, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: uma aproximação*. Vol. II. *Sintaxe e Fonologia*. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2008.
- MOLLICA, C. (1977). *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Dissertação (Mestrado), PUC-RJ.
- MORALES, H. L. Velarization of *-n/* in Puerto Rican Spanish. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- MOREIRA DA SILVA, S. *Études sur la Symétrie et l’Asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. Université de Paris VIII, Tese (Doutorado), 1983.
- MORIN, Y. –C. Où sont passés les *s* finales de l’ancien français? In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- MYHILL, J.; FLORES, L.; TARALLO, F. Competing plural markers in Puerto Rican Spanish. In: *Linguistics*, 21, 1983.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2010.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. In: VEADO, Rosa Maria Assis. (org.). *Ensaio de lingüística. cadernos de lingüística e teoria da literatura*. Belo Horizonte, UFMG, (7):71-89, dez. 1982.
- OMENA, N. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação (Mestrado), PUC-RJ, 1978.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado), UFRJ, 1988.
- POPLACK, S. Mortal phonemes as plural morphemes. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- POSNER, R. *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- RIBEIRO, I. O sistema de definitude e de referencialidade de uma falante afro-brasileira idosa. Handout apresentado no V Encontro da ABECS. Salvador, 2010.
- RINKE, Esther. A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português. *Estudos de lingüística galega* 2: 121 – 139, 2010.

- RITTER, E. Two Functional Categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In: S. Rothstein (ed.) **Syntax and Semantics** 26, Academic Press, San Diego 37-62, 1991.
- ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. New York: Oxford University Press, 2007.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHEI, Ane. O artigo definido frente a pronomes possessivos na literatura brasileira do século XIX. *ABRALIN*, v.8, n.2, p.15-44, jul/dez. 2009.
- SCHERRE, M. A regra de concordância de número no Sintagma Nominal em português, Dissertação (Mestrado), PUC-RJ, 1978.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Linguístico* 1(1): 45-71, 1998.
- SCHERRE, M. A regra de concordância de número no Sintagma Nominal em português, Dissertação (Mestrado), PUC-RJ, 1978.
- \_\_\_\_\_. La variation de la règle d'accord du nombre dans le syntagme nominal em portugais. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.
- \_\_\_\_\_. Reanálise da concordância nominal em português. PhD Dissertation, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49, 1994.
- SCHOORLEMMER, M. Possessors, Articles and Definiteness In: *Possessors, predicates and movement in the determiner phrase*, ed. Artemis Alexiadou e Chris Wilder, 55-86. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- SILVA, G. M. de O. Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1982.
- TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. In: Deborah Tannen (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, NJ: Ablex, 1982
- TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralinguística. In: *Preedição 5*. Campinas. p. 315 – 353, 1989. [Artigo reeditado em *Diadorim*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, vol.2, p. 13-42, 2007].
- TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado), University of Pennsylvania. 1983
- \_\_\_\_\_. Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. *Ensaios de Linguística*, UFMG, v. 13, p. 51-84, 1987.
- TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; BERLINCK Rosane de Andrade. Em busca do português paulista. In: TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R.; OLIVEIRA, Maria

Lucia da C. V. de. (Orgs.). História do português paulista. Campinas: Unicamp/ Publicações IEL, 2009.

von HEUSINGER, Klaus.. Definiteness. In: **Oxford bibliographies online: Linguistics** . New York: Oxford University Press. 2011

VOTRE, S. Phonological and syntactic aspects of denasalization in spoken Brazilian Portuguese. In: SANKOFF, D.; CEDERGREN, H. (eds.), 1981.

WEINREICH, U., LABOV, W. HERZOG. M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.